





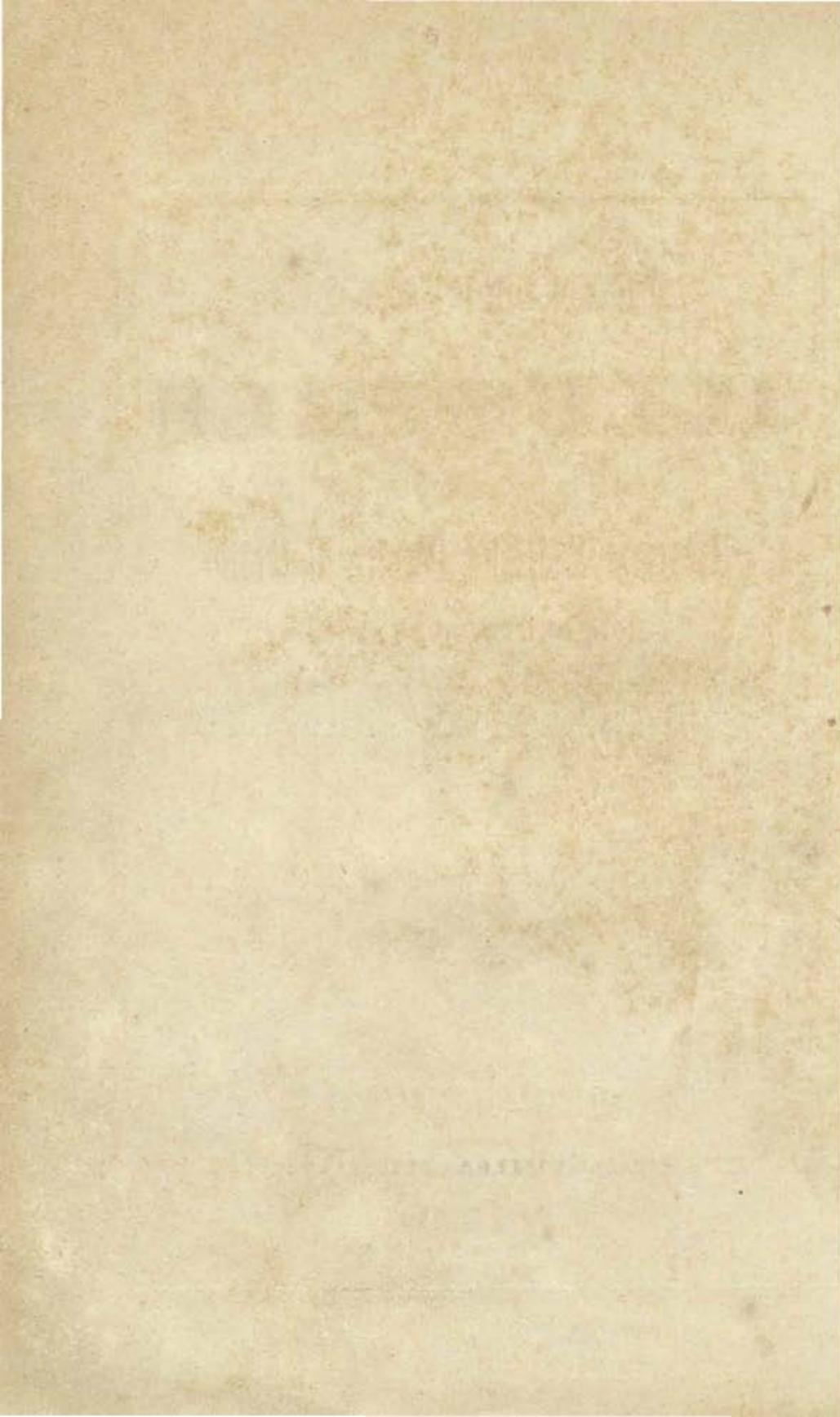






Pernambucanos Ilustres





PERNAMBUCANAS
ILLUSTRES

POR

Henrique Capitolino Pereira de Mello

ESTUDANTE DO 5.º ANNO

DA

FACULDADE DE DIREITO DO RECIFE.



✓
920.72
M 527
PER
1879

PERNAMBUCO
—
TYPOGRAPHIA MERCANTIL
—
1879

BIBLIOTECA DO SENADO FEDERAL

Este volume acha-se registrado

sob número 2499

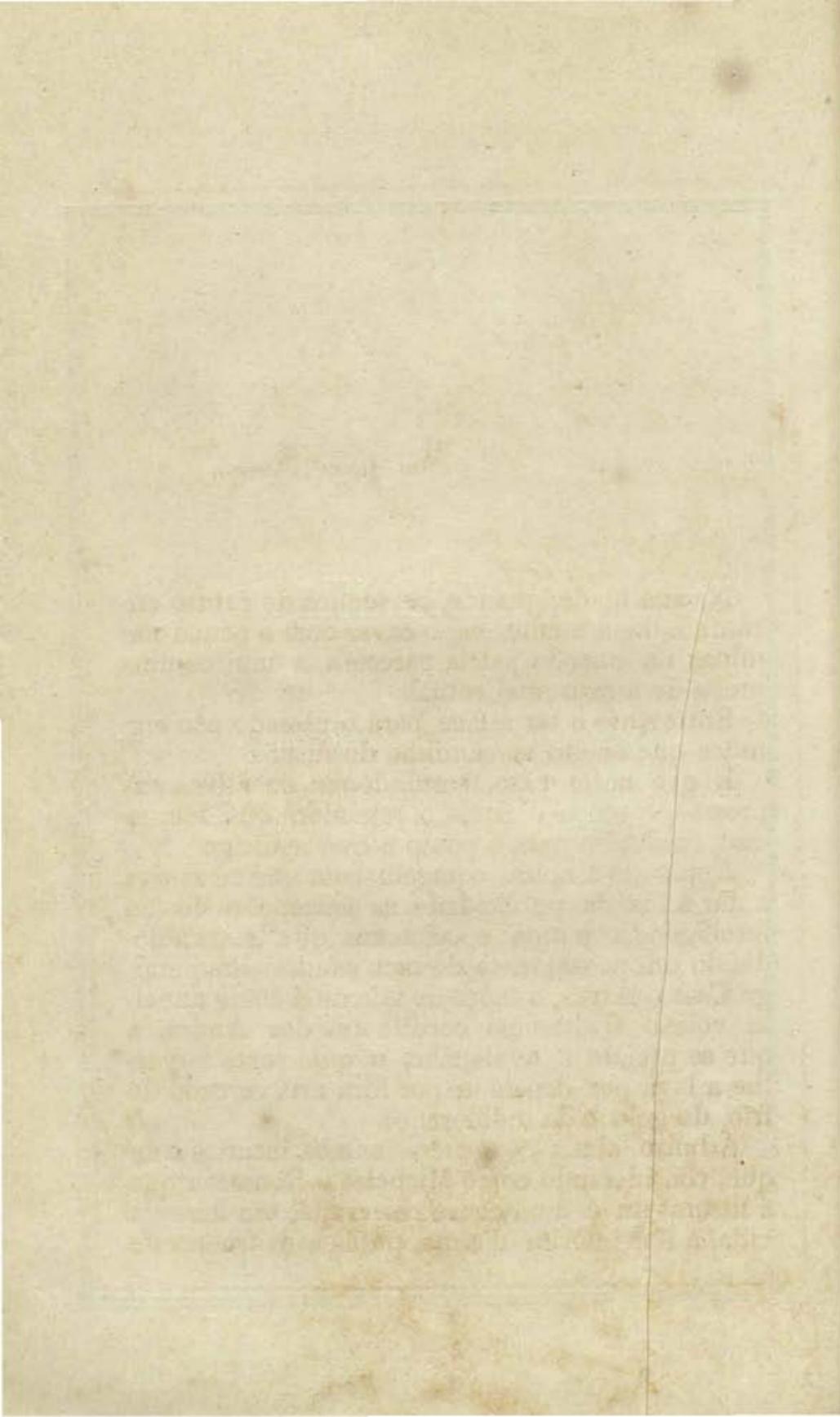
do ano de 1976

Á MEMORIA

DE

Minha Mãe







Meu joven Amigo,

Na sua idade, quando os sonhos do futuro encantam-lhe a mente, vel-o cavar com a penna nas minas da historia patria parecerá a muitos uma prova de atrazo intellectual.

Entretanto o ter a face para o passado não significa que não se vá caminho do futuro.

E' que neste caso, servindo-me de alheia expressão, o moço é como o remador, que tem as costas voltadas para o ponto a que se dirige.

Applaudo a nobre coragem com que se atreve a dar á luz da publicidade as concepções de sua intelligencia n'uma epocha em que, accomodando um pensamento do meu saudosissimo amigo Castro Alves, o moço de talento é como aquelle volcão d'altissima cordilheira dos Andes, a que se prende a avalanche, o qual sente ferver-lhe a lava por dentro e por fóra está cercado do frio, do gelo e da indifferença.

Admiro ainda os generosissimos intuitos com que, considerando como Michelet e Rousseau que a litteratura é uma cousa reservada, um luxo da vida, a flor interior d'alma, publica os fructs de

suas locubrações com o fim unicamente de enriquecer os dominios das lettras patrias, sem esperar a remuneração que aliás, pensam Voltaire e Diderot, se deve tirar de todas as obras litterarias.

Com o interesse que sempre me despertam os livros sobre historia, e principalmente sobre historia de minha Provincia, ouvi ler as suas *Pernambucanas Illustres*.

A mulher, a ultima obra do Creador, mas incontestavelmente a sua obra prima, suspende, no dizer de Chateaubriand, em torno do homem as flores da vida, como essas lianas dos bosques que decoram o tronco dos carvalhos com suas grinaldas perfumadas.

E quando ella é a alma dos grandes acontecimentos, quando nas aras da patria immola o amor maternal, quando vota ao abandono os encantos do lar para não subordinar-se ao jugo inimigo, quando em defeza dos mais sagrados direitos empunha as armas para voar ao campo da batalha, quando sacrifica-se por uma ideia morrendo martyr de suas convicções, quando pela educação infunde no espirito de seus filhos uma coragem varonil, quando em uma palavra faz de sua penna o sceptro da escriptora para enlevar-nos com os delicadissimos effluvios de su'alma apaixonada, então esse ente privilegiado não suspende somente em torno do homem as flores da vida, suspende

em torno de si a admiração dos contemporaneos e baixando ao tumulto deixa um rastro luminoso na memoria dos que lhe sobrevivem, como o sol deixa impressos nas nuvens traços de fogo ao sepultar-se no oceano.

A historia do Brasil offerece mais de um exemplo de virtudes civicas e moraes praticadas por senhoras que tiveram seu berço nesta gloriosissima provincia.

Prestou portanto o amigo um relevantissimo serviço, salvando-as do esquecimento, essa segunda mortalha, na phrase do autor da *Graziella*.

No meu humilde entender o seu livrinho, mais completo ainda que as *Brasileiras Celebres*, de Joaquim Norberto, é digno de figurar no gynecéo das nossas elegantes patricias.

Doura as suas primeiras paginas o vulto sympathico de Maria do Espirito Santo Arco-Verde, a Paraguassú Pernambucana, que suavisara os soffrimentos dos Portuguezes sitiados, proporcionando-lhes os commodos necessarios á vida.

“Amam os poyos, bem como os individuos, diz o venerando Antonio Joaquim de Mello, singularisar a sua origem; della vangloriar-se e encarecer a fundação de suas respectivas cidades, já deificando por seu valor e peregrinas qualidades aos fundadores e já com o maravilhoso glorizando a empreza e sua difficil execução.”

Nestas condições pois não devia ser esquecido

o nome da heroína que, apagando com as lagrimas que derramara o ardor guerreiro de seu pai, para obter o perdão de Jeronymo de Albuquerque, concorrera para consolidar a fundação de Olinda por meio da alliança de sua tribu com os Portuguezes.

Não menos importante do que esta é a biographia de Sancha Coutinho, a Marilia de Itamaracá.

O amor, diz Byron, é uma claridade do céo, uma scintilha desse fogo immortal, que partilhamos com os anjos e que o Creador nos deu para desprender os nossos prazeres da terra.

E se elle faz do amante um heróe, a historia tem o direito de immortalisar a mulher que inspirou esse sentimento.

Aquella dedicação de Sancha Coutinho por Antonio de Saldanha, aquella resolução que a recusa de sua mão aconselha ao amante contrariado, aquella furor com que se lança elle no meio dos combates para vencer ou morrer, aquella noticia de haver expirado no campo da batalha, traspassado por um pelouro, aquella apparecimento sob as vestes de sacerdote, após doze annos de ausencia, aquella morte subita da amante, causada pela presença d'aquelle que ella suppunha perdido para sempre, tudo assume as proporções de uma tragedia, vasada no molde do Fr. Luiz de Souza de Almeida Garret, tornando San-

cha Coutinho !digna dos louros da posteridade, ella que já vivia nos versos de Soares de Azevedo, e Simoni de que fôra a musa inspiradora.

Nenhuma biographia porém provoca mais as attenções do que a de Maria de Souza.

O amor maternal é porventura o sentimento mais nobre do coração do mulher.

Exclamava uma mãe, ao consola-la um sacerdote da perda de seu filho, lembrando entre outras considerações religiosas o facto de Abraham, que não hesitara votar á Deos o seu filho unico :

Ah! senhor, Deos não exigiria este sacrificio de uma mãe!

E a patria entretanto exigiu o sacrificio de seus filhos de Maria de Souza, a Felippa de Villhena Pernambucana, e ella não só recebeu impassivel a nova de sua morte, como enviou os que lhe restavam para a guerra!

Mãe sublime, que com este rasgo deixou de ser humana pela natureza para ser divina pela idéa!

Mãe sublime, mais admiravel do que Lacena, a mulher da Lacedemonia, que informada por um mensageiro de que tinham morrido n'um combate os seus cinco filhos, interrompeu-o:—Eu não vos pergunto por isto, senão de que lado ficou a victoria!

Merecem tambem especial menção as biographias das emigrantes de 1635.

Essa retirada heroica do solo da patria alimen-

ta um capitulo brilhante na historia da Provincia, constituindo hoje uma das mais bellas paginas do *Calabar*, de Mendes Leal.

A abnegação com que as senhoras Pernambucanas abandonaram as suas propriedades para não viverem sob o dominio estrangeiro, impõe-se á admiração de todos os que sentem bater no peito um coração amante das glorias do passado, elevando as suas figuras á altura de personagens de uma epopéa gigantesca.

A par desta sobresáem as biographias de Clara Camarão, das heroínas de Tejucupapo e de Clara do Café Carvalhista, a primeira, a Brandimarte Brasileira, como lhe chama Macedo, a Belona da fabula conforme Mendes Leal, ao lado de seu marido, na batalha de Porto Calvo, as segundas, obrando prodigios de valor n'um pequeno reducto, como estatuas vivas do heroismo, no meio dos combates; a terceira, pugnando pela causa da Confederação do Equador, e sendo a honra de seu sexo e a inveja do sexo contrario.

Se a mulher é o anjo da familia, se a familia é a base das nações, não desmente ella a missão a que se destina, defendendo com as armas nas mãos os direitos de um povo, porque a sua victoria ou a sua derrota reflecte sobre o lar de que é ella o anjo protector.

Fecham finalmente as paginas de seu livrinho as biographias das poetisas contemporaneas Joan-

na Tiburtina, Maria Heraclia, Anna Alexandrina e Francisca Izidora.

D'est'arte, depois de fallar das flores que cahiram d'haste da humanidade, varridas pelo sopro da morte, paga o amigo um tributo merecido áquellas que ainda hoje embriagam-nos o espirito com os perfumes da poesia, evitando assim que tenham ellas a mesma sorte de algumas que, ou se escondem na sua modestia como a violeta humilde entre os fios d'agua que lhe serpenteiam em torno (para appropriar-me da comparação de um poeta), ou dotadas de talento e illustração não reduzem a escripto as notas de sua alma talvez, quem sabe, pela mesma razão porque, segundo o pensar do Raphael de Lamartine, o vento não escreve o que canta sobre as folhas sonoras, o mar não escreve os gemidos de suas praias, e porque o que é divino não sáe do coração da mulher.

Muito longe levar-me-hia a apreciação das demais biographias de que se compõe as *Pernambucanas Illustres*.

Consagrando porém as principaes, não é meu fim desconhecer o merito das que deixo de mencionar, destacando-se aliás d'entre ellas as de Rita Joanna de Souza, de Guiomar Nunes, de Branca Figueirôa e de Anna Aurora de Jesus Ribeiro, em todas as quaes se encontram bellas lições, sublimes modelos e raros exemplos de virtudes cívicas e moraes.

Mas não é só sob este ponto de vista que eu considero util a leitura de sua obra ; é sobretudo por assignalar cada biographia uma epocha da historia da Provincia.

A fundação de Olinda, a invasão dos batavos, a emigração dos Pernambucanos, o governo de Mauricio de Nassau, a restauração do jugo Holandez, a derrota dos Palmares, a guerra dos mascates, a revolução de 6 de Março, a Confederação do Equador, a revolta de 2 de Fevereiro, tudo ahi está desenhado com as cores mais vivas, offerecendo um conhecimento resumido da historia de Pernambuco.

Escreve Diderot, a proposito do *Ensaio sobre as mulheres* :

“ Quando se descreve a mulher deve-se molhar a penna no arco-iris e atirar sobre o papel a poeira das azas da phalena. ”

Aos que o censurarem por não ser sempre a ligeireza, a graça e a delicadeza o distinctivo de seu estylo em todas as biographias, responda, parodiando Deschanel.

Diz este espirito illustrado :

“ Em se escrevendo sobre a Grecia, a inspiração conversa com os Deoses e a penna como que risca o marmore de Paros. ”

Escrevendo-se sobre o passado de Pernambuco, dirá o amigo—a imaginação parece fallar aos heróes e a penna como que risca o marmore de

seus sepulchros para communicar ao estylo a vehemencia, a virilidade e a força de animo dos vultos que ahi dormem o somno eterno.

E basta, meu joven amigo.

Tenho abusado de sobra da attenção dos que me leem e não quero prival-os por mais tempo de analysar as bellezas de suas *Pernambucanas Illustres*.

Abraça-o seu amigo

Jaboatão, 23 de Junho
de 1879.

J. B. Requeira Costa.

PERNAMBUCANAS ILLUSTRÉS



D. Maria do Espirito Santo Arco-Verde

“ Na vida selvagem, tão proxima da natureza, onde a conveniencia e os costumes não reprimem os movimentos do coração, o sentimento é uma flor que nasce como uma flor do campo, e cresce em algumas horas com uma gotta de orvalho e um raio do sol.”

(J. DE ALENCAR.)

Abre a nossa humilde galeria de senhoras Pernambucanas, o vulto sympathico e gracioso da bella princeza indigena Arco-Verde, da seductora filha da taba indiana, gloria de sua tribu e orgulho do Cacique, seu pai.

Marim, a formosa taba dos Tabayares, construida em cima de um promontorio, cercada de palmeiras e coqueiros, rodeada de um bosque de arvores fructiferas, d'onde tiravam o seu alimento, e em cujos ramos a laboriosa abelha construia o seu cortiço, que subministrava o mellifluo favo

á refeição agreste destes selvagens; Marim, a povoação ou aldeia indiana, que abrigava, sob o tecto de suas palmeiras, ou colmos de palha, as bellas e feiticeiras filhas dos Tabayares, que nasciam como as flores ou como as aves, e como ellas morriam; Marim, a humilde cidade das selvas americanas, com seu governo, com sua religião, com seus costumes, com suas tradições, situada á beira do oceano, em cujas aguas azuladas singrava o indio guerreiro em suas *iguaras*, foi o lugar que Duarte Coelho escolheu para fundar a capital de seus dominios, e a que deu o nome poetico de Olinda, em vista da surpresa que lhe causou o aspecto altivo e magestoso do lugar. *Oh! linda situação para uma cidade!*

E a pobre Marim selvagem converteu-se em Olinda civilisada!....

Duarte Coelho pôde, a custo de alguns esforços, desalojar os selvagens e lançou os primeiros fundamentos de sua Olinda.

Mas estes primitivos senhores do solo sitiaram a nascente cidade portugueza, e reduziram-na á mais critica circumstancia, pela falta de alimentos.

Nesta terrivel conjunctura foi salva por algumas indigenas, que tendo convivido com Vasco Fernandes de Lucena que escapara de um naufragio, e por causa d'elle, amando os Portuguezes, levaram, á noite á cidade sitiada, os alimentos de que carecia (1).

(1) " Andava entre os Portuguezes um delles, chamado Vasco Fernandes Lucena, grande lingua do Gentio, e estimado entre elles, no tempo da paz, por valente e astucioso, e, como a outro Caramurú da Bahía, todos os principaes o pretendiam para parente, por commercio das filhas.

E' tradiçãõ que este Lucena, em uma occasiãõ em que se avistara com os selvagens, traçara no chão uma linha com uma vara que trazia, e disseralhes, como que tocado de inspiraçãõ, que não ou-sassem passar além d'aquelle risco, pois que mor-reriam immediatamente; facto este que succedeu com alguns que se atreveram a passar.

Neste lugar se construiu um templo sob a in-vocaçãõ do *Salvador*, que depois se converteu em Cathedral do Bispado!

E que povo não terá suas tradiçõs singulares, suas crenças prodigiosas?!

Muito custou a Duarte Coelho a edificaçãõ des-ta cidade, que estava fadada para ser a patria de muitos homens celebres, e o theatro de fogo e sangue da guerra Hollandeza!

Jeronymo de Albuquerque, irmão de D. Brites de Albuquerque, mulher de Duarte Coelho, em um dos primeiros encontros com os indigenas, na fundaçãõ de Olinda, perdeu um olho, vasado pela

A este se havia affeiçoado mais uma india, filha do Mayo-ral daquela aldeia. Começou esta a gabar ás outras os Portuguezes, encarecendo-lhes as sem razões com que os seus parentes os perseguiam; e tantas cousas lhes soube di-zer, que moveu a muitas dellas a que os soccorressem na-quelles apertos e necessidades, em que de presente os ha-viam posto os seus: e assim, ajuntando algumas vasilhas, a que elles chamavam cabaços, cheios d'agua, com outros mantimentos e fructas, os traziam aos cercados, e isto exe-cutaram por muitos dias, e com grande recato e segredo, que tudo serviu de muito allivio aos sitiados, emquanto a Providencia dispunha outro caso ainda mais notavel." (Orbe Seraphico de Jaboatãõ, vol. I, pag. 139, n. 124.)

O outro caso é o do traço feito por Lucena, que por muito longo deixamos de transcrever.

setta do inimigo e ficou prisioneiro, e como tal condemnado á morte e a ser pasto de seus inimigos. Levaram-no para o seu acampamento e entregaram-no, depois de amarrado com a fatal *mussurana*, especie de corda de algodão de diversos matizes, á bella filha do Cacique Arco-Verde, que foi a destinada para suavisar os ultimos momentos de vida do prisioneiro.

Tal era o costume destes selvagens! A' borda da sepultura offereciam aos seus prisioneiros a mais bella de suas filhas, para servir-lhes de esposa do tumulo, e suavisar com a delicadeza dos fructos e do *cauim*, que lhes offereciam, e quiçá com a doçura dos seus labios sequiosos de amor, os ultimos momentos de uma vida que lhes pertencia!

Extraordinaria contradicção! Antes da maior das crueldades, a maior das dedicações!...

A altiva e seductora filha do Cacique Arco-Verde foi então a destinada para cumprir esta missão, e fel-o esgotando o thesouro immenso de todos os seus encantos, de todas as suas caricias, pois que não cumpria simplesmente um dever; ella amava!....

O amor, esta flor mimosa até então desconhecida pela filha das selvas Pernambucanas, pela orgulhosa princeza da tribu dos Tabayares, germinou no seu seio, quando contemplava o guerreiro Portuguez, que com tanto denodo combatera com os seus irmãos e que se achava prestes a ser victima indefeza do terrivel *tacape*.

Contemplara-o no calor da luta e na frieza do soffrimento, na esperança da victoria e na aproximação da morte, e sempre vira nelle um homem superior!

O amor a inflammou, não um amor de ingleza, mas um amor de americana, forte, ardente, abraçador, como os raios que dardeja ao meio dia o sol dos tropicos !

O guerreiro Portuguez recusava os fructos que ella lhe offerencia e rejeitava as suas caricias.

Fazia-lhe ella sentir o seu poder e o seu amor em uma linguagem singela e inspirada, modulando ternos versos :

São meus estes bosques,
Campinas e flores,
Do céu os encantos,
Do sol os fulgores :

As arvores bellas,
Os cedros cheirosos,
Os lindos jambeiros
De fructos gostosos.

São meus estes valles,
De flores bordados,
O aroma das flores,
As flores dos prados :

As aves canoras,
Nocturno Tetéo,
A lua de prata,
Os astros, o céu.

São meus os regatos,
Que choram, que gemem,
As lindas estrellas
Que brilham, que tremem :

Os montes relvosos,
Os campos sem fim,
Que cercam formosos
A bella Marim.

São meus os gorgeios,
Arrulos e trinos,
Que soltam as aves,
Das selvas os hymnos :

Palmeira elegante,
Brazil, Sapucaya,
Que altiva se ergue,
Do ermo atalaya.

São meus os thesouros,
A prata, o diamante,
O ouro luzente,
O rico brilhante :

A manga cheirosa,
O bom sapoty,
O mel que das flores
Extráe Jatahy.

São meus os triumphos
Dos filhos das tabas,
Que bravos resistem
A vós, Imboabas :

O zephiro brando,
O forte aquilão,
As vagas, os mares,
O raio, o trovão.

São minhas as tabas,
Pagés feiticeiros,
Aljavas e settas,
Possantes guerreiros.

E' nosso enviado
Gentil colibry,
Que leva as noticias
Ao grande Tupy.

Meu pai é Cacique,
Das hostes Senhor,
Não teme os furores
Do fero invasor.

Eu sou a princeza
D'altiva Marim,
Os bravos dos bravos
Só morrem por mim.

Valente estrangeiro,
Dos brancos senhor,
A ti dou a vida,
Se dás teu amor.

Em vez do tacape
Que a vida te roube,
Terás duas vidas,
Que a mi a te coube.

As filhas dos teus
Mais bellas não são ;
Aceita, ó guerreiro,
O meu coração!....

A bella princeza Arco-Verde tentou então o impossível. Lançou-se aos pés de seu velho pai, guerreiro indomavel, Cacique poderoso, e suas supplicas arrancaram de seu peito de bronze o perdão do guerreiro prisioneiro, e ainda mais, a alliança da tribu com os Portuguezes.

Muito pode a influencia de uma mulher! Em suas lagrimas reside o maior balsamo, em seus braços o maior allivio, em sua fraqueza a maior força!

A alliança tão necessaria desses selvagens, que Duarte Coelho, com todo o poder e tactica, não pôde conseguir, conseguiu-o o amor de uma mulher!

Foram estes os selvagens que primeiro se alliam com os Portuguezes.

A bella e apaixonada Arco-Verde baptisou-se no domingo do Espirito Santo, e teve o nome de Maria do Espirito Santo Arco-Verde.

“Viveram sempre Jeronymo de Albuquerque e sua libertadora com amor tão respeitoso, que para casados só lhes faltou o receberem-se, segundo o Rito do Igreja. Desta união nasceram oito filhos, aos quaes amou Jeronymo de Albuquerque, como a filhos de uma mãe a quem devia a vida, e os estimou e honrou como a filhos de uma princeza de sua terra, e que lhe facilitára a felicidade da conquista (1).”

Mas apesar de todo este amor, viu-se obrigado a casar-se algum tempo depois com D. Felippa de

(1) Memorias historicas de Pernambuco por Fernandes Gama.

Mello, filha de D. Christovão de Mello, que viera residir em Pernambuco.

E assim pagou elle o amor sublime de uma mulher, que sendo princeza, quiz ser sua escrava, e a quem devia a vida e quiçá a prosperidade da Capitania.

Mas, por amor á verdade, devemos dizel-o que foi a isto coagido por ordem de sua soberana.

D. Catharina, filha desta união de Jeronymo de Albuquerque com a bella princeza americana, casou-se com Felipe Cavalcanti, fidalgo de Florença, e deste consorcio descende a familia dos Cavalcantis (1)

Dos outros sete filhos é digno de honrosa menção o distincto guerreiro Pernambucano Jeronymo de Albuquerque Maranhão, que como os Scipões, juntou ao seu nome o da terra conquistada!

Salve, heroína pelo coração!

Salve mãe, que déste á patria a melhor das heranças — um cidadão probo, um guerreiro celebre, um conquistador modélo!.....

(1) Nobiliarchia Pernambucana e Orbe Seraphico.

D. Sancha Continho, a Marília de Itamaraca'

Que fontes inexauríveis para o poeta nacional offerecem as lendas, as tradições e as crenças primitivas de nosso povo!

A guerra dos Holandezes em Pernambuco, que durou de 1630 a 1654, offerece-nos os mais bellos exemplos de patriotismo, abnegação e coragem de um povo pequeno e ainda na infancia, que lutou até a libertação de sua patria contra uma nação de heróes que occupava um dos primeiros lugares entre as maiores potencias do mundo.

Vinte e quatro annos de jugo estrangeiro, de escravidão, de miseria, de soffrimentos horriveis, de incendios, de devastações, de carnificina; vinte e quatro annos de rasgos incriveis de desinteresse, de dedicação, de civismo, de lutas, de combates, de martyrios; vinte e quatro annos de heroicidades, de acções meritorias, de sacrificios cruéis; vinte e quatro annos de dramas admiraveis, tragedias sanguinolentas, epopéas gigantesca.

Periodo brilhante entre os mais brilhantes da historia Brasileira, capaz por si só de nobilitar e engrandecer um povo já conhecido e laureado por mil triumphos, quanto mais um povo creança, cujos unicos titulos eram a inexperiencia e fraqueza da primeira idade.

Epocha sublime, que principiou pela heroica resistencia do forte de S. Jorge, em que um punhado de homens, até então desconhecidos, lutaram com milhares de soldados disciplinados; que ainda começou pelo sacrificio admiravel de André Pereira Temudo, combatendo elle só contra uma horda immensa de vandalos Hollandezes que saqueavam as Igrejas, e que acabou pelo triumpho completo em Guararapes, onde as armas Pernambucanas gravaram no chão da patria a independencia e a liberdade!

Que alvorecer de astro rei, que nascer de heróe!!....

* * *

No meio de tantas atrocidades, de tantos horrores, que eram partilhados por todos os Pernambucanos, que feriam a todos como a um só homem; quantas dores pungentes, quantos martyrios horriveis não cahiam sobre a cabeça de uns e de outros, sem que ao menos a historia consagrasse-lhes uma pagina, uma palavra que servisse de exemplo e de estímulo aos vindouros, e de monumento a tantos martyres da patria, da religião, do amor e da amizade!

Quanta acção heroica, quanta dedicação, quantos exemplos maravilhosos não dormem o somno eterno na valla do esquecimento!

Guiados pelo fio invisível da tradição, penetremos neste labirinto do passado, nesta necropole de uma geração inteira e ajudemos a salvar aquillo que ainda resta escapo da indiferença e da malícia dos demolidores da historia de nossa provincia.

Occupar-nos-hemos presentemente com a narração de uma chronica popular, de uma lenda Pernambucana, que veridica ou não tem todavia o seu fundamento historico, colorido pela imaginação popular. Nella apreciaremos a historia e a poesia primitiva, que ahi se unem em doce amplexo, servindo de incitamento aos cultivadores do util e do agradavel.

Que messe fecunda para o poeta americano!

Quão pouco de veridico se encontra na bella lenda *Caramuru*, que foi tão brilhantemente decantada pelo melodioso poeta Durão! . . .

A tradição, esta historia fallada, que se transmite de pais a filhos e que se perpetua na memoria das gerações, nos conservou a seguinte lenda que, veridica ou phantastica, merece um lugar neste livrinho, porque recorda factos historicos e dá tambem uma ideia da poesia primitiva, do poder da imaginação creadora e fertil dos nossos antepassados.

E' nossa convicção, que anda de envolta nessa lindissima tradição alguma cousa de veridico e alguma cousa de imaginario.

Paraguassú teve um lugar no Pantheon das—Brasileiras Celebres,—Sancha Coutinho tambem tel-o-ha na nossa humilde galeria.

Eis a lenda popular:

*
* *

Corria o anno de 1631, tão cheio de peripecias e de perigos.

Pernambuco estava gemendo sob o jugo dos Hollandezes. As suas bandeiras triumphantes tremulavam por sobre os castellos e muralhas da poetica e orgulhosa Olinda e do florescente Recife, e entretanto não estavam satisfeitos, trabalhavam ainda e com affan por estender o seu dominio.

Um pouco distante do lugar da luta, no engenho Andirobeira, vivia uma gentil donzella, na flor dos annos, na idade dos risos e dos sonhos, pois que contava apenas 15 primaveras. Era filha de João Paulo Vaz Coutinho, e se chamava Sancha Coutinho.

Neste recanto do norte, ignorada do mundo e só conhecendo o amor paternal, doce orvalho que vivificava esta tenra bonina dos bosques, vivia ella uma vida de innocencia e de poesia, sem conhecer outro sentimento que não fosse o amor filial, quando surge-lhe o joven Parahybano Antonio Homem Saldanha e Albuquerque a requestal-a como esposa, impregnando sua alma tão pura de um sentimento até então desconhecido.

João Paulo, eivado de todos os preconceitos sociaes, e ainda mais, demasiadamente avaro de seu thesouro, recusa-lhe a mão de sua filha e com ella a suprema ventura para o infeliz apaixonado.

Antonio Homem Saldanha e Albuquerque, seriamente offendido com a repulsa formal do pai de sua escolhida, atira-se no meio da luta contra os Hollandezes, procurando a gloria que o tornasse digno da joven Coutinho, ou a morte que po-

zesse termo á sua existencia e á affronta recebida.

Por este tempo já haviam os Hollandezes abandonado ás chammas a opulenta cidade de Olinda, e livres do grande embaraço que lhes fazia a conservação della proseguem em sua obra de extermínio e devastação.

O ponto escolhido é a Parahyba, e para lá se dirigem, effectuando no dia 9 de Dezembro de 1631 o desembarque, proximo ao forte do Cabedello.

Travam-se então dous renhidos combates entre os Hollandezes, commandados pelo tenente-coronel Callenfels, e a guarnição do forte, sob o mando de João de Mattos Cardoso, resultando destes ataques a retirada dos Hollandezes para o Recife, com a perda de 50 mortos, 140 feridos e 40 enfermos, custando aos nossos este resultado a morte de 80 Pernambucanos, entre os quaes o franciscano Fr. Manoel da Piedade, que com o Crucifixo nas mãos lançava-se no meio da luta, e cerca de igual numero de feridos (1).

Diz a tradicção que foi nestes combates que estreou Antonio Homem Saldanha e Albuquerque, obrando prodigios de valor, como quem quer buscar a felicidade com a morte ou com a victoria.

Depois desta derrota no Cabedello, os Hollandezes atacam a fortaleza de Nazareth e ainda são destroçados; atacam em seguida a villa de Iguarassú, no 1.º de Maio de 1632, commettendo as maiores depredações, fazem diversas excursões,

(1) Warnhagem—Historia das lutas com os Hollandezes no Brasil.

entre as quaes ao reducto do Rio Formoso, no dia 7 de Fevereiro de 1633, cuja defenza, na phrase de Warnhagem, "foi heroica e constitue entre nós uma lenda, semelhante á do passo das Thermopylas entre os Gregos", ganham a estancia dos Affogados e outra no engenho da Varzea e no dia 24 de Março de 1633, em uma quinta-feira santa, na hora em que o povo se achava nas Igrejas, atacam o Arrayal, onde são destroçados, cahindo mortalmente ferido o seu commandante Lourenço Reimbach.

A tradicção diz que fôra Antonio Homem Saldanha e Albuquerque quem ferira o chefe Holandez, e que neste mesmo combate cahira como morto, ferido por uma bala.

Eis que desaparece das nossas fileiras o apaixonado Antonio Saldanha.

Em 1646, quando as armas Pernambucanas já iam alcançando gloriosos triumphos, quando já se havia ferido as batalhas das Tabocas e Casa Forte (1645), quando a nossa bella provincia já estava prestes a ser restaurada pelo valor e constancia de seus filhos, já as fagueiras esperanças de D. Sancha Coutinho se tinham completamente extincto, pois no retiró em que vivia chegou-lhe a noticia da morte de seu estremo amante.

Seus pais já haviam expirado e ella vivia, ou antes arrastava os restos de seus dias em companhia de um irmão, Nuno Coutinho, na ilha de Itamaracá, ralada de saudades, e soffrendo os agores da sorte que lhe havia roubado a sua unica felicidade.

Em um dia em que mais entregue se achava ás suas recordações, pois que só vivia do passado,

ouve bater em sua portella, e assoma ao limiar de sua habitação o padre Ayres Ivo Correia, que vinha de Roma, trazendo reliquias santas.

D. Sancha Coutinho lança suas vistas sobre o peregrino e subitamente cahe fulminada pela morte!

O Padre Ayres Ivo Correia era o mesmo Antonio Homem Saldanha e Albuquerque.

“ Intenso abalo a matara,
Não pôde o peito com tanto ;
E o padre Ivo, de giolhos,
Banha o cadaver com pranto. ”

Diz ainda a tradição que Ayres Ivo plantou n'a mangueira sobre a sepultura de D. Sancha Coutinho, a martyr do amor contrariado, e que d'ahi proveem as tão celebradas mangas de Itamaracá, a que dão o poetico nomé de *mangas do jasmim*.

Segundo diz o Sr. Ferdinand Wolf, em sua obra *Litterature Bresilienne*, esta poetica e bellissima lenda foi objecto de um drama lyrico em quatro actos, escripto no Rio de Janeiro em 1854 pelo Sr. Luiz Vicente de Simoni, e que tinha por titulo: *Marilia de Itamaracá ou a donzella da mangueira*.

O nosso classico e melodioso poeta José Soares de Azevedo, sobre esta tradição, escreveu a seguinte poesia que aqui reproduzimos :

As mangas de Itamaracá

(LENDAS PERNAMBUCANAS)

- Quén te dió entrance?
- Yo te lo diré.
- No eras tu muerto?
- Yo resuscité.

HERMOSILLA. *Los Agach.*

— “ D. Sancha, ó Dona Sancha,
Que linda vista do mar!
Dez galés de cintas brancas
Lá se vão a pelejar.

Em seis as côres d’Hollanda
Vejo no tópe ondear;
As outras não teem bandeira,
Sabe Deos se a vão içar. ”

— “ Oh não me falles Mafalda,
Do que vai por esse mar;
Deixa-me neste cantinho
A minha dôr me matar. ”

— “ Que tens tu, ó Dona Sancha,
Que assim te queres mirrar? ”
— “ Tenho a noite neste peito,
E quero sósinha orar. ”

— “ Grande deve ser a pena
 Que tanto te faz chorar ;
 Onde estão aquelles risos,
 Aquelle antigo folgar ?

Onde estão aquellas graças
 Com qu'ensinavas a amar ? . . .
 Mas não tarda qu'ellas voltem,
 Qu'*elle* não tarda a chegar. ”

— “ *Elle* ? Mafalda, quem sabe ?
 Disse-me qu'ia buscar
 Ou p'ra mim a gloria herdada,
 Ou por mim a morte ao mar.

Com elle foi-se-me a vida ;
 Já não sei rir nem brincar ;
 Anjo Custodio, trazei-m'o,
 Depois eu quero expirar.

Que som é esse medonho
 Que ao longe se ouve soar ? ”
 — “ E' fogo no Cabedello.
 São as náos a pelejar.

Lá racham nuvens de fumo
 Os raios a fuzilar ;
 Quantos filhos, quantas vidas,
 Alli não vão acabar ! ”

— “ Mafalda, minha Mafalda,
 Deos nos queira abroquelar !
 Fecha já as gelosias
 Vamos-nos pôr a rezar. ”

II

Nas costas da Parahyba
Já brilham armas d'Hollanda ;
Já no Cabo-Branco singram
As quilhas da outra banda.

Mas em menos d'hora e meia
As fitas azues descóram ;
E as galés c'os bojos rôtos
Altos mastros desarvoram.

No forte do Cabedello
Era Antonio de Saldanha,
Ao lado de João de Mattos (1),
O leão desta façanha.

Nas bandeiras do Albuquerque (2)
Féro pelejava ainda,
Quando viu arder em chammas
O rico burgo d'Olinda.

E d'ahi voára altivo
Por todo o Gragy arriba,
E d'Hollandezes limpára
As costas da Parahyba.

(1) João de Mattos Cardoso era quem commandava o forte do Cabedello nesta acção inopinada.

(2) Mathias de Albuquerque, general em chefe das tropas de Pernambuco, por parte do governo de Castella.

Depois, de novo, no campo,
 No certame do Arrayal,
 Com novas palmas adorna
 As armas de Portugal.

Peito a peito com Reimbach (1)
 Luta o Saldanha atrevido,
 E ao clamor de mil embóras
 O prostra no chão ferido.

— “Gloria ! gloria, ó Dom Antonio,
 Que abatteste o general !”
 (Brada Albuquerque e Bagnuolo) (2)
 — “Gloria a ti,” diz o Arrayal.

— “Gloria a ti, ó Dona Sancha
 (Comsigo o bravo repete),
 Que esta gloria, qu’eu alcanço,
 Em ti sómente reflecte.

E não tinha inda acabado,
 Quando um peloiro a silvar,
 N’um dos hombros do guerreiro
 Como um raio vem parar.

Eis a palmeira por terra,
 Inda agora tão virente,
 Na propria séve banhada,
 Mureha, pállida, impotente !

(1) Lourenço Reimbach, chefe das forças Hollandezas, no recontro do Arrayal, e morto ahí por Antonio Homem de Saldanha.

(2) O conde de Bagnuolo commandava os Portuguezes, Hespanhóes e Italianos, n’esse mesmo conflicto.

E os cabos tão bella morte
Em derredor a invejar,
E os soldados a carpir,
E os anafis a tocar.

Dona Sancha, ó Dona Sancha,
Onde estão os teus amores !
Sopron-lhes o vento rijo,
Como faz ás brandas flores.

III

São treze annos passados,
E de JESUS ao mosteiro (1)
Chega a Olinda em pobres trages
Um sacerdote estrangeiro.

Traz o rosto macerado,
Que a dôr o esp'rito lhe rende ;
Nos olhos se lhe apagaram
As paixões que o mundo accende.

Em anneis d'ouro os cabellos
Pelos hombros se declinam ;
Palavras que esse anjo solta
Só perdão e amor ensinam.

(1) Mosteiro de JESUS chamava o povo ao Collegio da Companhia, fundado em Olinda em 1576.

Mensagem qu'elle recebe
Nunca alguém a saberá;
Eil-o d'ahi a tres dias
Que trilha Itamaracá.

— “ Quem m'entrou nesse terreiro,
Quem bate á minha portella ?
Vão-me ver quem é, perguntem
Se vive Hollanda ou Castella (1). ”

E os perros todos do engenho
A ladrar pelo caminho :
Armam-se escravos e livres
A' voz de Nuno Coutinho.

— “ Viva a lei de Deos, sou padre,
Só de Christo sigo a estreia ;
De Roma venho ; o meu nome
E' Ayres Ivo Correia. ”

— “ Deos o trouxe, ó padre meu,
Em tão boa occasião ;
Estes hereges (2) nos perdem ;
Seja nosso capellão. ”

E toda a gente de casa
Vem saudar o missionario,
E muitos lenhos recebe,
Muito breve e relicario.

(1) Senha do tempo, que extremava os dous partidos.

(2) Os Hollandezes.

Vivia ahi Dona Sancha
Ha muito tempo encerrada ;
Morto o amante, era no campo
Tenra bonina mirrada.

Quiz ser ella a derradeira
Em ver o santo varão ;
Mas põe-lhe os olhos no rosto,
— “ Ai meu Deos !”... e cáe no chão.

Intenso abalo a matára ;
Não pôde o peito com tanto ;
E o padre Ivo, de giolhos,
Banha o cadaver com pranto.

C'um alvo cendal envolvem
A rival dos seraphins ;
Orna-lhe a fronte uma c'rôa
De recendentes jasmins.

E á noite, no cemiterio,
Onde a virgem se enterrava,
Ayres Ivo Redivivo,
Estes psalmos murmurava :

— “ A minha alma perturbou-se,
Bradei por ti no Hermon ;
Males sobre mim choveram,
Oh meu Deos ! kyrieleison (1).

(1) Psalm. XLI.

“ Do ventre de minha mãe
Porque insondavel razão,
O' Redemptor m'extraiste !
Senhor Deos! kyrieleison (1).

“ Foi na terra como a sombra,
Passou como a viração ;
Hoje é flor secca e pisada,
Ai Senhor! kyrieleison (2).

“ Quando me fui aborrido,
Entregueit'-a em tua mão ;
P'ra que, Senhor, a ceifaste ? !
Oh meu Deos! kyrieleison.

“ Mas os meus labios blasphemam ;
Perdão, Senhor, oh perdão !
Dos meus delictos t'esquece,
Oh meu Deos! kyrieleison (3). ”

E prostrado humilde em terra,
Batia no coração,
Repetindo a cada instante :
“ Oh meu Deos! kyrieleison. ”

E no lugar do sepulchro
Uma mangueira plantou,
Onde o halito de Sancha
Até morrer aspirou.

(1) Job. X.

(2) Job. XIV.

(3) Psalm. XXIV.

Visões qu'ella lhe offerecia
Não são d'humano juizo ;
A sombra que ella lhe dava
Era a sombra do p'raizo.

Inda em torno da mangueira
Se vê um lindo jardim :
E as mangas do padre Ayres
São as mangas de jasmim.



D. Maria de Souza

* No seio das mães repousam o espirito e virtudes das nações."

AIMÉ MARTIN.

Já haviam decorrido cinco annos, desde que o invasor audaz pisara o solo de nossa provincia! De dia em dia elle ia estendendo os seus dominios, de dia em dia, porém, ia conhecendo o valor e constancia do povo com que lutava, e perdia as esperanças de poder consolidar os seus poderes e firmar o seu governo.

A constancia e intrepidez com que era combatido fazia-o receiar seriamente da sorte que afinal o aguardava.

Os Pernambucanos, se bem que já houvessem perdido Olinda e Recife, e soffressem todos os dias depredações, roubos e violencias á virgindade de suas filhas e honestidade de suas mulheres, iam cada vez mais se animando e encorajando, á proporção que a adversidade os atacava.

Povo moldado para grandes commettimentos, os Pernambucanos são admiraveis na paz e sublimes na guerra! O infortunio, os soffrimentos, os desastres são poderosos incentivos que os elevam da Rocha Tarpéa ao Capitolio!

Os Hollandezes, já senhores do porto e da capital, eram todos os dias perseguidos pelas nossas guerrilhas, que não os deixavam descansar e que os fizeram logo conhecer que tinham de lutar com um "povo valoroso e agil," com "um povo de soldados vivos e impetuosos, aos quaes nada mais faltava que boa direcção (1)."

Depois do ataque ao Arrayal do Bom Jesus, e da derrota dos inimigos, que perderam o seu general Reimbach em 1633, como dissemos quando tratamos de D. Sancha Coutinho, os Hollandezes apoderam-se da ilha de Itamaracá, invadem as Alagoas, incendiando a villa de Nossa Senhora da Conceição, actualmente cidade das Alagoas; occupam o Rio Grande, apoderam-se do Pontal do Cabo de Santo Agostinho, atacam de novo o forte do Cabedello, e com elle se apoderam da Parahyba, e finalmente, depois de diversos ataques infructiferos ao Arrayal do Bom Jesus, conseguem a sua capitulação no dia 6 de Junho de 1635, tendo resistido a mais de tres mezes de rigoroso sitio.

O centro de todas as nossas operações foi finalmente perdido!

O nosso valente general Mathias de Albuquerque, que se achava na Villa Formosa, só a abandonou depois que soube da rendição da fortaleza

(1) Officio de Weerdenburgh de 2^o de Julho de 1631.

de Nazareth, que teve lugar no dia 2 de Julho de 1635, quasi um mœz depois da capitulação do Arrayal.

Antes, porém, da retirada, o grande general obrou prodigios de valor para se conservar nesta posição e não enfraquecer a guarnição do Arrayal e de Nazareth.

O general Hollandez Segismundo assaltou em Junho de 1635 a Villa Formosa de Serinhaem, mas os Pernambucanos, depois de 7 horas de combate, sahiram victoriosos e pozeram em fuga os soldados Hollandezes.

Foi nesta quadra terrivel de miseria, de luto e de adversidades, porém tambem de honra, de gloria e de civismo que floresceu a admiravel heroína D. Maria de Souza, cujo perfil gigante tratamos de esboçar.

A grandeza e magnanimidade de suas acções supprirá a mesquinha expressão da nossa linguagem.

Neste combate da Villa Formosa, perdeu D. Maria de Souza seu filho Estevão Velho, que militava nas fileiras de Mathias de Albuquerque.

Esta distincta matrona Pernambucana, viuva de Gonçalo Velho, rica de virtudes civicas e mo-raes, e modelo de honestidade, havia já visto seguir para as nossas fileiras, animados pela sua linguagem patriótica, tres filhos e um genro.

Tend. já recebido successivamente a infausta noticia d. perda de seu genro, capitão Antonio Lopes Filgueiras, que morreu coberto de feridas, e de seus dous filhos, Antonio Velho e Gonçalo Velho, ainda li. restava nas fileiras Estevão Velho, que morreu a defeza da Villa Formosa.

O coração admiravel desta mãe heroica, longe de se amesquinhar aos embates destes quatro golpes tremendos, cada um de per si capaz de derubar colossos, retemperava-se cada vez mais no amor da patria, e chegou até ao sublime!

Com as lagrimas a lhe saltarem dos olhos, com o coração a lhe pular no peito, ella sentia-se filha de Pernambuco, a quem pertencia a sua existencia e a de seus filhos; o amor da patria a inflamava e com a abnegação só propria das grandes almas, ella convoca os ultimos dous filhos que lhe restam, Luiz Velho, de 12 annos, e Gil Velho, de 14, e esquecendo-se de que ia despedaçar as ultimas fibras de seu amargurado coração, assim se exprime:

— Meus filhos, acabo de receber a noticia de haver expirado no campo do combate o vosso irmão Estevão, que como sabeis é o terceiro filho, além de um genro, que morre em prol de nossa cara patria, tão vilmente devastada pelo estrangeiro; se não quereis desmentir o brio e valor dos Pernambucanos, de quem descendeis, se quereis ser dignos do amor de vossa mãe, tambem Pernambucana, e portanto tambem offendida pelo inimigo commum, segui o nobre exemplo de vossos irmãos, e buscai alcançar os louros da victoria ou a corôa do martyrio! . . .

Que maior sacrificio, que maior heroicidade se póde esperar de um coração de mãe? Que povo, por mais bellicoso que seja, possui exemplo mais elevado de amor á patria?!

Se a admiravel Grega bradava, ao saber a noticia da morte de seu filho á par da victoria da patria: — Vamos render graças aos Deoses,—se

a heroica Lacedemoniana dizia, ao saber da morte de um filho em prol da patria: — Será substituído por outro irmão, *ejus locum expleat frater*, — a sublime Pernambucana, ao receber a noticia do quarto golpe para o seu coração de mãe, do quarto sacrificio por amor á patria, ainda se sentia com coragem para mais sacrificios, para mais abnegação, e bradava aos seus dous ultimos filhos: — Vencer ou morrer!

Este nobre exemplo de patriotismo occupou diversos historiadores do Brasil, entre os quaes, *Monsenhor Pizarro*, em suas *Memorias Historicas*, *Conselheiro Balthazar da Silveira*, em suas *Notas Biographicas*, *Marquez de Bastos*, *Conde de Pernambuco*, em suas *Memorias Diarias*, *Britto Freire*, na *Guerra Brasilica*, *J. Norberto*, nas *Brasileiras Celebres* e *Mendes Leal Junior*, no seu *Calabar*, cada um dos quaes tece merecidos encomios á distincta Pernambucana.

O Snr. Mendes Leal, tratando da Villa Formosa, accrescenta o seguinte:

“ Seriamos culpados de omissão se, chegando a este ponto, deixassemos de parte um rasgo cavalheiroso, digno das matronas de Sparta, e que deixa talvez atraz de si o procedimento famoso da celebre D. Felippa de Vilhena.

“ D. Maria de Souza, uma das senhoras mais nobres e respeitaveis da Capitania, tinha cinco filhos. Dous destes, e com elles seu genro, haviam já perecido gloriosamente em defeza da sua terra. O terceiro, Estevão Velho, morre como seus irmãos, no ataque dos reaes de Villa Formosa. Sem lhe sossobrar o animo, a heroica dama chama os dous que lhe restam, unico amparo e consolação

da sua idade e viuvez, e, cingindo-lhes ella mesma as armas, diz-lhes :

— Vosso irmão Estevão é morto, como os que o precederam : ide vós, meus filhos, morrer como elles, não por uma desesperação vã, mas pela honra de servir á patria !

E, dizendo, enviou a Mathias de Albuquerque os dous novos soldados, que souberam mostrar-se dignos desta acção e da sua ascendencia.

Admiravel exemplo, que excede ás forças humanas, e que é digno da mais brilhante epopéa !

Mulher sublime de quem, segundo Britto Freire, aprenderam os homens a ser valorosos !

Mãe admiravel, que, á semelhança de Maria ao pé do Calvario, chorando a morte de Jesus em prol da humanidade, derramou lagrimas por seus filhos, aos quaes ensinou o caminho da honra, e que morreram em prol da patria !

XXV

A mulher de Luiz Barbalho Bezerra, D. Maria
Pessoa e D. Brazia Bezerra Monteiro.

O patriotismo é uma febre sublime, que
em seus acessos triumphá da natureza.

YOUNG.

A fortaleza de Nazareth, apesar da capitulação do Arrayal do Bom Jesus, ainda resistia heroicamente ao sitio das forças Hollandezas, ao mando de Segismundo Schkoppe.

O Arrayal do Bom Jesus, a fortaleza de Nazareth e a Villa Formosa de Serinhaem, eram as tres atalaias que ainda nos restavam.

No dia 2 de Março de 1635, forças consideraveis dos Hollandezes sitiaram as duas praças, Arrayal e Nazareth.

Arrayal, como já vimos, capitula com todas as honras da guerra no dia 6 de Junho, quando já não tinhamos mantimentos nem polvora; Nazareth, sob o governo de Pedro Correia da Gama e Luiz Barbalho Bezerra, ainda resiste por espaço

de um mez, vindo porém a capitular também no dia 2 de Julho, quatro mezes depois do assedio, quando já era impossivel resistir, attentas as ruinas do forte e a falta extrema de mantimentos.

Mesmo assim, capitularam honrosamente. Sahiram ao toque de caixas, com as bandeiras desfaldadas, murrões accêsos e balas em bocca.

O valente Pernambucano Luiz Barbalho Bezerra foi embarcado para a Hollanda, ficando a sua mulher e dez filhos presos no Recife.

O denodado guerreiro, que apenas tinha estreado em sua missão gloriosa, passa de Hollanda á Hespanha, e sendo nomeado Mestre de Campo, volta para a Bahia, onde chega em 16 de Agosto de 1637, com um terço de cerca de trezentos homens, contribuindo poderosamente para a salvação da Bahia, quando sitiada pelos Hollandezes.

A mulher e os filhos deste distincto guerreiro permaneceram prisioneiros no Recife por espaço de dous annos, soffrendo as torturas de uma prisão entre inimigos e a cruel ausencia de seu querido esposo e pai.

Eis como o Sr. Joaquim de Mello descreve a soltura desta admiravel familia :

“ Logo que *Luiz Barbalho Bezerra* chegou á Bahia o participou ao Conde de Banholo, enviando-lhe as cartas de El-Rei ; e pediu-lhe, que escrevesse ao Conde de Nassau para que se servisse enviar-lhe sua mulher e dez filhos, que retinha prisioneiros no Recife ha mais de dous annos, desde a capitulação da fortaleza de Nazareth. Banholo o fez, e Nassau respondeu bizarro, en-

viando a illustre familia, com outras (1), em um navio que foi pol-as na Bahia. Heróe o pai e marido *Luiz Barbalho Bezerra*; heróes os filhos, os Capitães Guilherme e Agostinho Barbalho; a respeitavel matrona consorte e mãe de heróes; todos votados á salvação da patria, por amor de quem se arruinaram e tanto padeceram, por quem severos e puros se offereciam ainda a todos os padecimentos: grupai tambem os filhinhos e as filhas donzellas, entes encantadores, que parece não terem existencia senão para a ternura e compaixão. Que transportes e doces lagrimas! Que effusões de affectos não seriam as desses nobres corações conjunctos, no primeiro arrebatado encontro, depois dos cuidados e penas do alongado captiveiro e violento desterro!"

Que quadro admiravel, que familia heroica, agrupada em torno do sacrosanto altar da patria, offerecendo-lhe em holocausto o sacrificio enorme de seus haveres, fortunas e santos affectos do coração humano!

Que figuras gigantes, que grupo saliente, digno por certo do buril de Phidias e Praxitelles, e do pincel de Raphael e de Pedro Americo!

E a historia nem nos transmittiu o nome desta admiravel matrona e destas delicadas donzellas, suas filhas, cujo martyrio é citado em todas as peças officiaes, em que se exalçam as acções heroicas de seu venerando pai!

(1) Nassau enviou tambem as familias dos capitães Antonio de Freitas e Silva e Gaspar de Souza Uchôa. (Vid. *Memorias Diarias do Marquez de Bastos.*)

Entre a legião immensa de martyres Pernambucanas, é-nos grato mencionar ainda os nomes de *D. Maria Pessoa* e de *D. Brazia Bezerra Monteiro* que, na phrase de um escriptor, "arrastaram vís cadeias e despresaram as acerbos torturas porque passaram e a perda de todos os seus bens, sem a mais leve mancha de sua honra."

D. Maria Pessoa era filha de Fernão Martins Pessoa e de sua mulher *D. Maria Gonçalves Raposo* (1). Casou-se com o Capitão Francisco Monteiro Bezerra que, com os seus quatro filhos, segundo refere o *Castrioto Lusitano*, muito se distinguuiu nas lutas contra os Hollandezes. Teve tambem quatro filhas, entre as quaes se distingue *D. Brazia Bezerra Monteiro*, que casou-se a 11 de Janeiro de 1625 com o Capitão Pedro Cavalcanti de Albuquerque, fidalgo da Casa Real e professo na ordem de Christo (vid. *Nobiliarchia Pernambucana*), de cujo matrimonio existem muitos descendentes.

Quanto heroismo sem ostentação, quanta bravura sem vangloria, quandos heróes sem Illiadas!

(1) Consta de uma escriptura, que se acha no archivo do Instituto Archeologico e Geographico Pernambucano.



D. Catharina Camello—D. Catharina Camello Sobrinha—D. Catharina Barreto—D. Felippa de Mello e Albuquerque—D. Isabel de Moura—D. Mencia de Moura—D. Magdalena—D. Sebastiana de Albuquerque.

* São oito mil familias, que abandonam a capitania, e, com as memorias e saudades da terra que as viu nascer, entregam á voracidade do vencedor a melhor parte dos seus haveres para não aceitarem o jugo estrangeiro."

M. LEAL JUNIOR.

Depois de alguns annos de lutas e sacrificios horribes de vidas e propriedades, depois de incendios ora feitos pelos nossos, para que o Batavo invasor não se apoderasse dos bens que nos pertenciam (1), ora feitos por este que não os podia conservar, os Pernambucanos, cujo chefe Mathias de Albuquerque envidava todos os esforços pos-

(1) Quando Mathias de Albuquerque perdeu as esperanças de defender o Recife, lançou fogo em seus armazens e navios, orçando a perda em quatro milhões.

siveis, viram-se reduzidos ao ultimo gráo de infortunio.

A adversidade, porém, é o cadinho em que se depuram as grandes almas!

Os nossos antepassados, longe de se entregarem aos ousados invasores, ainda levam mais longe a sua dedicação á patria.

Depois de perderem Olinda, Recife, Rio Formoso, Affogados, Itamaracá, Rio-Grande, Parahyba, Porto Calvo, Arrayal, Nazareth e outros pontos de pouca importancia, só lhes restava a Villa Formosa de Serinhaem, onde se achava o nosso chefe o intrepido guerreiro Mathias de Albuquerque, o qual vendo-se na impossibilidade de ali permanecer, convida-os a emigrarem, resolução esta que foi aceita, pois que tudo estavam dispostos a perder, menos a honra e a liberdade!

No dia 3 de Julho de 1635 abandonaram os seus penates e emprehenderam esta marcha admiravel através de mattas virgens, lutando, ora com os elementos, ora com as feras e indios bravios.

“Agora era de ver (diz Varnhagem) aquella marcha de retirada militar: era pela maior parte uma emigração do patrio lar, deixando abandonados bens, fazendas e parentes. Com effeito: acompanhavam a Mathias de Albuquerque muitos dos moradores com suas mulheres e filhas, em quasi todas as quaes o valor se lhes redobrava no momento do perigo, como tantas vezes succede ás do seu sexo.

“Figuremo-nos que scenas de dor e de ternura se não passariam nesta triste transmigração, aavez de paizes de montanhas, quasi não trilhados,

e onde as melhores bellezas da natureza virgem pareciam horrores e abysmos aos que levavam os animos contristados. Aqui ficava desfallecido o ancião respeitavel áquem já as forças phisicas não igualavam ás do patriotismo ; alli se via com os pés feridos a donzella, que apenas em sua vida passeiára a distancia de sua casa até a Igreja ; acolá a joven esposa, que vendo o momento de dar á luz o fructo de seu amor, tinha de misturar as lagrimas das dores do parto com as de perder o filho, ao exhalar o primeiro suspiro.... Mesquinha condição humana, que ao menor sopro do infortunio tanto tem de padecer !”

D. Clara Camarão que, segundo Damião de Froes, acompanhava seu esposo em todos os combates, ahi se achava ao lado destas invictas e sublimes martyres do amor da patria e da familia.

Mas deixemol-a por emquanto, pois que della nos occuparemos no capitulo seguinte, e tratemos das mencionadas acima.

Esta emigração terrivel, atravez de desertos, de montanhas de difficil senão impossivel accesso, de mattas virgens e seculares, onde a vereda era aberta por meio do ferro e do fogo, de rios que se vadeavam, de liames que obstruiam a passagem, de precipicios que embargavam o passo, esta emigração terrivel, dizemos, compunha-se de milhares e milhares de familias que morriam pelos caminhos extenuadas de fadigas, de soffrimentos, sem que tivessem o celeste maná e a columna brilhante que confortava e guiava o povo Hebreu á Canaan promettida !

A historia, porém de tantas martyres de abne-

gação e patriotismo, só guardou o nome das que aqui mencionamos (1).

D. Catharina Camello era filha de Pedro Alves e sua mulher D. Maria Camello, e já em 1635, epocha da tristissima emigração, era viuva de Pedro de Albuquerque, um dos filhos de Jeronymo de Albuquerque e a princeza Arco-Verde. Esta respeitavel matrona era mãe do bravo Capitão Pedro de Albuquerque, que em 1632, com vinte homens apenas de guarnição, commandando o reducto do Rio Formoso, resistiu ás forças Hollandezas, que só se assenhorearam do forte depois da perda de 80 homens e quando da guarnição 19 se achavam mortos, o seu chefe mortalmente ferido, escapando um a nado com tres ferimentos.

D. Catharina Camello, chegado o momento terrivel da transmigração, não hesitou em abandonar o seu engenho e com *duas filhas* marchou para o sul da provincia, preferindo ser livre embora pobre, a ser rica sendo escrava!

A sua sobrinha do mesmo nome, viuva de Jeronymo de Athayde, tambem deixou os seus engenhos e alistou-se nesta immensa legião de expatriadas.

D. Catharina Barreto era filha do instituidor dos morgados do Cabo e Jurissaca, João Paes Velho Barreto e de sua mulher Ignez Guardez. Era tambem viuva de D. Luiz de Souza e mãe

(1) Vid. Memorias Diarias do *Marquez de Bastos*, e o Indice Nominal e Alfabético dos que fizeram a guerra contra os Hollandezes, trabalho publicado na Revista do Inst. Arch. e Geog. Pernambucano.

do Capitão D. Francisco de Souza e do Mestre de Campo D. João de Souza que serviram com denodo na guerra Hollandeza. Esta distincta Pernambucana era tambem senhora de engenho e abandonou-o para acompanhar na perigrinação as suas invictas patricias.

D. Felippa de Mello e Albuquerque tambem abandonou dous engenhos de sua propriedade e acompanhou seus filhos na marcha atravez das selvas do sul de nossa provincia.

D. Isabel de Moura, viuva de Antonio Ribeiro de Lacerda, deixou seu engenho e muitos bens nas mãos dos Hollandezos e partilhou com resignação e coragem a sorte das matronas Pernambucanas, suas comprovincianas.

D. Mencia de Moura, irmã da antecedente, era viuva de Cosme Dias da Fonseca. Sendo senhora de dous engenhos, abandonou-os, seguindo o trilhão honroso de suas compatriotas.

D. Magdalena, viuva de Felippe de Albuquerque, tambem deixou seu engenho e emigrou com *uma filha* e tres filhos.

Finalmente, *D. Sebastiana de Albuquerque*, mulher de Jacintho de Freitas e Silva, deixou as suas propriedades e seguiu a mesma via dolorosa.

Que serie immensa de heroínas, que patriotismo nunca excedido!

Estas oito veneraveis matronas, viuvãs quasi todas, lá se iam partilhando a sorte de 8,000 pessoas! que tantas eram no dizer do historiador Britto Freire, arrimadas aos braços de seus filhos e *filhas donzellas!*

Rompia esta legião de anjos tutelares as flores-tas intrincadas, os labyrinthos e dedalos das sel-

vas americanas, sangrando os delicados pés nos espinhos do caminho, tendo as faces de momento á momento açoutadas pelos ramos das arvores que se desprendiam, exposta ao sol, á chuva e a innumerous perigos!

Juntae agora a este quadro a falta incessante de alimentos, a dor pungente que tortura a alma ao ver a morte do esposo n'um encontro com o inimigo, a agonia lenta e dolorosa de um povo que ia morrendo aos poucos, cercado de todas as desgraças e miserias, e tendo como cortejo fune-rario a continuação de outros tormentos, de outros revezes.

“ Não, não morre tudo em um povo, nem esse povo morre quando guarda illesa a consciencia de si mesmo; e guarda-a mesmo no meio da pro-scripção, quando crê na patria, que é sua mãe, e em Deos, que é a sua alma. ”



D. Clara Camarão

Le nom de patrie
Fait battre mon cœur ;
Mon âme est remplie
D'une sainte ardeur,

JEANNE DARC A ORLEANS, *opera em tres actos*

Passemos a occupar-nos de D. Clara Camarão, cujo berço é ignorado, mas cujo brilho e gloria pertence incontestavelmente a Pernambuco!

“ Filha de indios, diz o Sr. Dr. Joaquim Manoel de Macedo, nascida em ignorada *taba* dos desertos, provavelmente no Ceará, ou no Rio-Grande do Norte, menina selvagem, cedo colhida ou tomada pela civilização, perdido no esquecimento o seu nome primitivo, que seria o de alguma flor, de algum mimoso arbusto, arroio ou bella imagem, que a ella applicasse o amor de seus pais, a historia apenas guardou o nome de Clara dado no baptismo á interessante indiana que veio a ser a legitima esposa do indio heróe Poty, ou Antonio Felipe Camarão. ”

Como vemos, o autor acima citado, se bem que não affirme qual seja o lugar do seu nascimento, todavia diz que provavelmente fôra o Ceará ou Rio-Grande do Norte.

Esta asserção sem duvida provém do que sobre o nascimento de seu esposo D. Antonio Felipe Camarão, diz o nosso escriptor Warnhagem em sua *Historia das lutas com os Hollandezes no Brasil*.

Em face de uma critica luminosa, como a fez o Sr. Commendador Joaquim de Mello, ninguem poderá contestar que Camarão seja Pernambucano, senão vejam a obra *Biographia de alguns poetas e homens illustres da provincia de Pernambuco*, tom. II, pag. 181 e seguintes.

Quanto á sua mulher D. Clara, é impossivel determinar-se com precisão o lugar de seu nascimento.

Quatro provincias disputam a honra de ser o seu berço: Ceará, Rio-Grande do Norte, Pernambuco e Alagoas, e isto porque todas ellas querem ser o berço do heróe Poty.

Admittindo, como admittimos, e isto levado pelo valor irrecusavel das provas, que D. Antonio Felipe Camarão seja Pernambucano, julgamos provavel que sua esposa tambem o seja. E se o não fôra, bastava o interesse e o amor que a ligava a Pernambuco, as acções heroicas que em prol de nossa restauração praticou, e os sacrificios admiraveis que soffreu pela causa Pernambucana para a considerarmos digna de um lugar nesta galeria.

Ditas estas palavras relativamente á questão de sua naturalidade, passemos a tratar dos feitos estrondosos em que figurou esta heroína, mulher

sublime, vasada pelo molde das antigas Espartanas, e cuja coragem e valor bellicoso faziam-na digna filha de algum chefe indigena e dedicada esposa do intrepido e destemido Poty.

* *
* *

Esgotados todos os recursos de que é capaz a mente humana, tomadas todas as trincheiras em que, na phrase de um escriptor, rendia-se a constancia aos pés da impossibilidade, esquecidos pela metropole e reduzidos aos seus proprios e fraquissimos recursos, os Pernambucanos deixam sua patria, seus haveres, suas casas, suas plantações e emigram para o sul.

Mathias de Albuquerque, Camarão e Henrique Dias deixam, como já ficou dito, a Villa Formosa no dia 3 de Julho de 1635 e capitaneam esta marcha tão celebrada por todos os historiadores.

“ Junto de Camarão ia tambem sua mulher, diz Mendes Leal, a gentia indomavel, meio convertida pelos padres, que mesclava com as praticas de uma crença nascente as superstições herdadas da sua tribu. Como as antigas amazonas, a cavallo e de lança em punho, combatia como um homem, e no mais ardente das pelejas, desviando os golpes que ameaçavam seu marido, viam-a precipitar-se contra os pityguarés emboscados, e, como a Belonna da fabula, semeiar a morte, encommendando em furiosas imprecações os espiritos dos contrarios prostrados ao seu Geroparoy chefe das legiões infernaes nas lendas com que fôra acalentada. ”

Este exercito emigrante vagou por muito tem-

BIBLIOTECA

SENADO FEDERAL

po, ora sendo victorioso com Mathias de Albuquerque em Porto Calvo, ora sendo vencido com D. Luiz de Rojas, que o substituiu e que morreu.

Por este tempo, e quando o nosso exercito tinha como chefe Bagnuolo, chega a Pernambuco o grande principe Mauricio de Nassau, e preparando um exercito de mais de 3,000 homens segue para Porto Calvo, onde se achava o general Bagnuolo com cerca de 500 homens!

Que differença extraordinaria de numero!

No dia 18 de Fevereiro de 1637 feriu-se a desigual e terrivel batalha de Porto Calvo.

Foi ahi o theatro em que o genio bellicoso e varonil da nossa heroína, a quem Macedo chama Brandimarte brasileira, se expandiu nas azas do patriotismo e da bravura!

Embora a inepecia e fraqueza do general Bagnuolo, que se deixou ficar no reducto, ao passo que as hostes de Camarão e Dias combatiam denodadamente, os Pernambucanos neste dia fizeram sobresahir o seu genio guerreiro e inexpugnável, e D. Clara, na phrase do *Castrioto*, tornou-se "tão clara nesta gentileza que deixou escurecida a memoria das Zenobias e Simiramis, com que tanto se illustrou a antiguidade."

Henrique Dias foi neste combate ferido pela sexta vez e perdeu a mão esquerda, que foi necessario amputar.

"Basta-me uma só mão para servir a patria," disse o Scevola Pernambucano!

D. Felipe Camarão obrou com o seu terço de leões prodigios de valor, e quando se achava no mais renhido do combate, rompendo as fileiras Hollandezas, eis que surge ao seu lado, seguida

de algumas Pernambucanas, a admiravel heroína que com o seu gladio invencivel abria caminho no meio das columnas batavas, e espalhava o enthusiasmo e coragem entre os seus que, seguindo o nobre exemplo, arremessavam-se de novo no calor da pugna!

Vibrando a longa espada,
Ao lado marcha do brasileiro esposito
A nobre esposa amada;
No campo dos Troyanos
Camilla furiosa,
Voando sobre a grimpada da seára,
Mais triumphos á morte não prepara.

Assoberbam o Batavo nefando;
O quente sangue espuma;
Qual Belga foge, qual Brasileiro fere;
Quem evita o Mavorte
Na espada feminil encontra a morte;
Ambos assim cobertos de alta gloria
Alcançam do Hollandez clara victoria.

Assim descreve o Pernambucano Natividade Saldanha, o cantor piñdarico dos nossos restauradores, o martyr da revolução de 1824, na bella ode consagrada a D. Antonio Felipe Camarão, o genio bellico e a coragem patriótica da nossa Joanna d'Arc.

Mas não vencêrão, não; que a noite veio paralyzar o renhido combate deixando-o indeciso! E indeciso ficou, pois que o general Bagnuolo obrigou os nossos a continuarem a dolorosa emigração para o sul.

D. Clara Camarão, a heroína que mereceu os encomios de quasi todos os historiadores da guerra Hollandeza, acompanhava seu esposo, segundo Damião Perim, em todos os combates e partilhava de todas as victorias.

A historia, porém, não menciona o occaso deste astro admiravel, desta estrella de primeira grandeza, que scintillou no céu de Marte; sabe-se apenas que ainda antes de desapparecer da terra já não mais brilhava, pois que a cobria a negra nuvem da viuvez.



VIII

D. Beatriz de Albuquerque—D. Maria Barrosa—D. Adriana de Hollanda
—A mae dos irmaos Baptistas—A mae dos irmaos Viannas.

“ O futuro dos povos depende das mães. ”
BALZAC.

E' justo que no humilde Pantheon das senhoras Pernambucanas demos entrada a estas matronas respeitabilissimas, que com suas virtudes e patriotismo fizeram de seus filhos denodados guerreiros, defensores da patria, da religião e da liberdade, tornando-se assim dignas do nosso respeito e admiração.

E' grande e poderosa a influencia que em todos os tempos exerce a mulher no seio da sociedade! Sempre lhe cabe grande parte nos soffrimentos que accommettem os povos, sempre lhe está reservado um importante papel nos dramas da humanidade; é justo portanto que sempre lhe caiba uma laurea em todas as victorias, em todos os triumphos!

Ainda nos tempos antigos, em que a mulher estava bem longe de occupar o lugar que de direito lhe compete, e de representar o papel que

hoje lhe pertence no scenario do mundo, vimol-a, embora escrava, exercendo a sua poderosa influencia, o seu irrecusavel prestigio, tanto quanto era possivel, no meio de uma sociedade ainda muito atrasada, cuja civilisação achava-se em embrião e cujo progresso não passava da utopia.

O sangue de Lucrecia, mostrado ao povo Romano na lamina de um punhal, faz rebentar a revolução contra o throno dos Tarquinius, que baqueia, e se proclama a republica.

Clelia, a prisioneira de Porsenna, fugindo do seu captivo e atravessando o Tibre, no meio de uma chuva de settas, liberta Roma ameaçada pela vingança dos Tarquinius.

Seu heroismo serviu de prova do heroismo Romano !

Virginia, a joven Romana, immolada por seu pai para livral-a da vergonha e da infamia, é causa da extincção dos Decemvivos.

Sempre a mulher a figurar nos grandes acontecimentos, sendo causa nas melhores reformas, e entretanto ella então não passava de escrava !

E se a considerarmos como mãe !

Então vel-a-hemos sempre guiando os passos ainda tropegos de seus filhinhos, e na pessoa destes sendo conductora da humanidade !

Então vel-a-hemos fundando a familia e por conseguinte a sociedade ; então vel-a-hemos formando o coração e os sentimentos dos homens, o costume e a indole dos povos, emfim trabalhando pelo progresso e futuro da patria e da humanidade !

“ Unida a um esposo querido, a mulher é um alimento de força e de harmonia para a sociedade

que começa, para a familia que desponta, para o mundo que a observa e para todos que a bemdizem (1).”

Roma ameaçada pela colera de Coriolano, que já batia ás suas portas, é salva pelos prantos de Veturia, mãe deste guerreiro, que acompanhada de outras mulheres, detem com suas supplicas aquella marcha devastadora.

No coração das mães residem os nobres sentimentos que mais tarde hão de germinar no coração dos filhos.

Um povo que possui em seu seio as Cornelias, com certeza terá os Gracchos.

Antes do sentimento democratico dos Gracchos fazer explosão, já se alimentava e creava no coração de Cornelia!

E' no fructo que residem as excellencias da seára!

D. Beatriz de Albuquerque era viuva de Paulo Gomes de Lemos, e com seu nobre coração, suas virtudes, seu patriotismo formou cinco soldados, que com denodo e civismo serviram a patria e a liberdade. Sobresahiram d'entre elles, Mathias Gomes de Lemos, capitão de Serinhaem, e Matheus Gomes de Lemos e Albuquerque, que foi commandante do reducto do Rio Formoso (2).

D. Maria Barrosa, viuva de Francisco de Barros Rego, deu tambem como *D. Beatriz de Albuquerque* cinco filhos para defeza da patria contra

(1) Dr. Torres Bandeira.

(2) Esta illustre senhora tambem fez parte da emigração, acompanhada de tres filhas. Vid. *Memorias Diarias do Marquez de Bastos*.

os Hollandezes, um dos quaes, chamado Manoel Barros, foi enforcado por estes.

D. Adriana de Hollanda, respeitavel matrona Pernambucana, morreu em 1647, com a idade de 110 annos. Tendo sido casada com um fidalgo Italiano, Christovão Lins, deixou uma numero-sissima descendencia, que se distinguiu na guerra dos Hollandezes, e com especialidade em Porto Calvo, onde residia.

A historia esqueceu o nome da mãe dos admiraveis *irmãos Baptistas*, que em numero de 13, commandados pelo mais velho, Capitão Manoel Baptista, tanto se distinguiram na guerra,—“sendo que quasi todos se sacrificaram em defeza da patria”; assim como o da mãe dos *irmãos Vianas*, que em numero de cinco e capitaneados pelo mais velho, Antonio Vianna, deram todos a vida por amor da patria e da liberdade.....

Irmãos no sangue, nos perigos e na morte!....

Admiraveis mães, que criaram em seus seios tantos heróes!.....

E' nas acções dos filhos que residem os elogios das mães!....

Outr'ora, quando Sparta era educada segundo a rigorosa legislação de Lycurgo, as mães que não criavam os filhos, mas simplesmente os cidadãos, os soldados, eram as incumbidas de entregar-lhes os escudos e o faziam dizendo:— *Com elle ou sobre elle*, isto é, vencedor ou morto, e quando recebiam a noticia de suas mortes, ellas diziam: *Foi para morrerem pela patria que eu os criei e eduquei*.

E se havia heroismo nestas, que acostumavam-se desde a infancia a refrear os mais naturaes

impulsos de sua alma, a forrar, por assim dizer, o coração de bronze, o que diremos das Pernambucanas, cujos costumes, cujas leis, longe de contrariarem a natureza, procuram com ella harmonisar-se?

Admiraveis heroínas, que, quando enviam um filho á guerra, não enviam simplesmente um soldado, mas uma parte de seus corações de mães.

Salve, Cornelias Pernambucanas!.....

.....

.....

VIII

D. Antonia Bezerra, D. Isabel de Góes e D. Luiza de Oliveira.

“ Quem negará o louvor e mesmo admiração a estas nobres matronas, ao vel-as com tal coragem perder suas casas e bens e arrostrar tantas fadigas e privações? ”

Memórias Diárias.

Porto Calvo, o unico ponto occupado pelos Pernambucanos, e onde se feriu no dia 18 de Fevereiro de 1637 a memoravel batalha de que D. Clara Camarão foi a heroína ; Porto Calvo, o unico baluarte que nos restava e que ainda nos dava algumas esperanças, cahiu tambem no poder do invasor audaz, devido á fraqueza de Bagnuolo.

Então o exercito emigrante continuou a sua dolorosa marcha, deixando o solo da patria e todos os seus haveres e commodos.

Perseguido sempre até Sergipe d'El-Rei, e não podendo fazer face ao inimigo, resolveu dirigir-se para a Bahia.

Alli esta hoste de bravos foi 'mal recebida e só se lhe permittiu aquartelar na Torre de Garcia d'Avila, que dista 14 leguas da capital!

Estes heróes, que com tantos sacrificios recusavam o dominio estrangeiro, eram rejeitados pelos seus proprios patricios!

Chegou a noticia da invasão Hollandeza á Bahia e os Pernambucanos dirigiram-se á Villa Velha, distante meia legua da capital, para com maior presteza a defenderem! E esta acção admiravel das tropas Pernambucanas foi censurada pelo governo Bahiano!

“Mas na hora da tribulação, diz o Commendador Joaquim de Mello, e da desgraça, vingou-se generosa a virtude. Esquecendo o acerbo desprezo, a impávida cohorte Pernambucana, curtida e cortada na disciplina, e resultas mais terriveis e crueis de immensos combates, obrou tanto mais na defeza do cerco e da cidade, que a ella reconheceu e deveu a Bahia a sua salvação (1).”

Em 1639, partindo da Bahia para Pernambuco a armada, que sob o commando do Conde da Torre viera de Lisboa em defeza desta ultima provincia, os Pernambucanos nella se incorporaram; mas uma forte tempestade desviou-a de seu curso, conseguindo ella apenas, depois de combates navaes com os Hollandezes, deitar em terra os Pernambucanos, no porto dos Touros, 14 leguas para o norte do Rio-Grande.

E d'ahi seguiram elles a marcha penosissima

(1) *O Valeroso Lucideno*, cap. 4, pag. 51. *Guerra Brasileira*, L. 9, ns. 788, 809 e 837. *America Portuguesa*, L. 4, n, 119; e outros.

de mais de 400 leguas até a Bahia, pois que com sua retirada fôra de novo atacada pelos Hollandezes, tendo de lutar com os elementos naturaes e com as forças destes, que por diversas vezes foram batidas !

Esta emigração, como muito bem prova o Comendador Joaquin de Mello, é ainda mais admiravel do que a dos Gregos, commandada por Xenofonte e a dos Francezes, ao mando de Nei !

Em 1641 chegou ao Brasil a noticia da restauração de Portugal, que tambem foi festejada no Recife por Mauricio de Nassau.

Este grande principe fez prosperar a provincia de Pernambuco, construindo pontes e outras edificações. Levantou dous palacios, o *Vryburg* e o *Boa-Vista*, e converteu o actual bairro de Santo Antonio em um magnifico pomar.

Entretanto a Hollanda o demittiu do governo, começando d'ahi a decadencia do Brasil Hollandez !

Os Pernambucanos, que um só momento não descançaram na reivindicacão da patria, em 1645 redobraram de esforços.

Postados no Monte das Tabocas, aguardaram o exercito Hollandez, que era commandado pelo Coronel Henrique Huss, e no dia 3 de Agosto de 1645 feriram a memoravel batalha que tantas perdas occasionou ao inimigo, e que nos deu as munições de guerra com que restauramos a nossa patria !

A insurreição patriótica foi pouco a pouco tomando vulto e ás suas fileiras chegaram os terços de Camarão e Henrique Dias !

As Pernambucanas se manifestaram em prol

della e a auxiliaram com seus recursos, pelo que foram presas as mulheres e filhas dos principaes Pernambucanos residentes nos arrabaldes do Recife, e encarceradas no engenho de D. Anna Paes! (1)

Sempre estas heroínas a partilharem dos sofrimentos de seus pais, esposos e filhos!

A historia nos transmite o nome de tres que soffreram esta prisão e que foram guardadas em refém no sobredito engenho, afim de demover os seus parentes, que eram as principaes pessoas da capitania, do nobre e grandioso projecto de libertarem-se do jugo dos Hollandezes.

Eram estas as Pernambucanas: *D. Antonia Bezerra*, filha de Antonio Bezerra e Isabel Lopes, e mulher de Francisco Berenguer de Andrada; *D. Isabel de Góes*, mulher de Antonio Bezerra,

(1) O engenho de D. Anna Paes foi primeiramente denominado Jeronymo Paes, nome do proprietario que serviu no principio da guerra Hollandeza; depois passou a ser conhecido pelo nome de *D. Isabel Gonçalves Fróes*, viuva de Jeronymo Paes, que como elle prestou serviços nesta guerra. Depois da morte desta passou então á denominar-se *D. Anna Paes*, e finalmente *Casa Forte*.

A bella Pernambucana D. Anna Paes, viuva de Pedro Correia da Silva, casou-se com Carlos Turlon, commandante da guarda de Nassau, que morreu na Hollanda, para onde fôra deportado em razão de suspeitar o principe Nassau que fazia elle parte dos conjurados para nossa restauração. (Vid. *Warnhagem e Calado*).

Se com effeito Carlos Turlon tinha relação com os conjurados, deve-se crer que fôra a isto levado por influencia de sua mulher.

Tendo morrido em Hollanda, D. Anna Paes contrahiu terceiras nupcias com Gisbert de Witt, membro do conselho politico.

e *D. Luiza de Oliveira*, mulher do Capitão Amaro Lopes Madeira, senhoras da primeira nobreza e cujos pais, irmãos, filhos e esposos eram os principaes chefes da revolução.

Entretanto os Holandezes não conseguiram o seu intento, pelo contrario, excitaram mais os Pernambucanos para quebrarem um jugo tão oppressor e despotico.

De feito, o nosso exercito, commandado pelos chefes Camarão, Vidal, Henrique Dias e Vieira foram atacar o engenho de *D. Anna Paes*, onde se achava como general Henrique Huss.

O combate foi renhido e os Holandezes, já desesperados da victoria, collocaram nas varandas da casa as respeitaveis matronas (1) que tinham prisioneiras, obstando deste modo que o nosso exercito atacasse com armas de fogo.

Nesta terrivel collisão de abandonarem o campo, ou de serem as suas primeiras victimas os estremecidos penhores de su'alma, os Pernambucanos por um momento ficaram perplexos; mas pensando que tão duro captiveiro seria peor que a morte, investiram contra a casa e atearam fogo em todos os seus lados, deixando salva sómente a escada, onde se acastelaram para prender os que tentassem fugir do incendio.

Os Holandezes, vendo a resolução inabalavel do nosso exercito, e não tendo nenhum meio de salvação senão rendendo-se, astearam uma bandeira branca, a cujo signal os Pernambucanos trataram de apagar o fogo e fizeram prisioneiros

(1) *Castrioto Lusitano.*

o general Henrique Huss e toda a sua gente, que no dizer delle era a flor do exercito Hollandez.

E por este modo extremo e arrojado foram libertadas as distinctas prisioneiras da casa de D. Anna Paes, que se ficou chamando *Casa Forte*, no memoravel dia 17 de Agosto de 1645.

As Heroínas de Tejucupapo.

“... o esquecimento de seus nomes concorre para que o brilho do triumpho reflecta sobre todo o seu sexo, e constitua por si mesmo um dos maiores braços de gloria das nobres Pernambucanas.”

J. NORBERTO, *Brasileiras Célèbres.*

Nassau, o grande general Hollandez, deu um brazão d'armas á provincia de Pernambuco!

Representava elle uma donzella, com uma canna de assucar na mão direita e um espelho na mão esquerda, em que se mirava.

Fôra melhor e muito mais acertado que, em vez do espelho, ella tivesse em uma das mãos a espada, porque incontestavelmente Pernambuco é a Sparta Brasileira, é o berço do heroismo. O espelho o que symbolisaria? A vaidade pelos seus encantos naturaes, a indole effeminada dos seus filhos? Não, isto nunca; não cremos, que o grande principe que muitas vezes teve de pasmar ante a nossa bravura e de admirar a coragem varonil

das encantadoras Pernambucanas, fizesse-nos tamanha injustiça! Elle quiz, sem duvida, representar com o espelho o passado da nossa provincia, que se retratava no presente, pois que ella tinbrava em ser sempre heroica, e seguir paripasso as acções de seus antepassados, que estavam estampadas no espelho, visto que ainda não haviam sido desmentidas. E' que seu passado nobre e magnanimo era o seu presente e seria o seu futuro!

As heroínas de Tejucupapo, eil-as que surgem, para ainda uma vez comprovar-se que em nossa terra nem as femininas eram effeminadas!

Depois das victorias de Tabocas e Casa Forte, de que tratamos no capitulo antecedente, as armas Pernambucanas continuam a obrar acções de valor. Rendem-se as fortalezas de Nazareth, do Porto Calvo, do Rio S. Francisco, o forte de Santa Cruz, e a Parahyba subleva se, assim como o Rio-Grande, que já estava tambem nas mãos dos Hollandezes. Para mais enfraquecimento de seus poderes, no 1.º dia de 1646 começou a funcionar a nossa fortaleza do Arrayal Novo!

Além de todas essas perdas, o Recife, assim como outros pontos do dominio Hollandez, achava-se assolado pela fome, visto que Itamaracá já estava de todo exausto.

Para se proverem de alimentos enviam diversos navios com 600 homens, sob o commando do Almirante Lichtart, os quaes aportam em *Mario Farinha* e passam todo dia em preparativos de desembarque, com o fim de illudir os nossos chefes.

A' noute levantam ancora e dirigindo-se para

Tejucupapo, pretendem tomar por surpresa S. Lourenço, uma das nossas mais antigas povoações. Mas a ousadia como em outras muitas vezes custou-lhes caro, pois que os nossos sempre velavam e se dormiam tinham as armas ás cintas : dormiam como guerreiros !

Avisados os habitantes desse pequeno povoado, que ao todo podiam prefazer o numero de 100, da approximação dos Hollandezes, recolhem-se todos a um reducto cercado de páo a pique, que haviam preparado, porque por vezes foram atacados, e com o seu Sargento-mór de milicia, Agostinho Nunes, esperam os inimigos.

Ficam fóra do reducto 30 homens dos mais robustos e destemidos, ao mando do bravo mancebo Mathens Fernandes, com o fim de perseguir os Hollandezes, nas emboscadas. Apenas avistam os inimigos, derrubam com duas balas o Major Hollandez que os capitaneava, e começa de ambos os lados um combate activo e terrivel.

Não obstante o fogo vivo que lhes fazem os 30 patriotas, commandados por Matheus Fernandes, investem os Hollandezes contra o reducto, que resistiu com um denodo admiravel !

Era um espectaculo sublime o que apresentava a guarnição deste forte : as mulheres animavam seus pais e esposos, e no mais encarniçado da luta apresentavam-se como anjos da victoria, distribuindo polvora, encorajando os enfraquecidos, e victoriando os destemidos !

Uma dellas assoma do alto da estacada, tendo em uma das mãos a imagem do Crucificado e na outra uma espada, com que anima suas companheiras ao combate !

Que magestoso espectáculo nos apresenta este consorcio da religião e da patria, de Deos e do lar, da crença e da honra, por amor do qual combatiam tão denodadamente estas heroínas, não mais de Pernambuco, não mais do Brasil, porém do Universo!

Os Hollandezes investem duas vezes e duas vezes são obrigados a recuar; finalmente tentam o ultimo esforço, concentram todas as suas forças, formam u'a massa compacta e firme, e arrojam-se contra o reducto, armados de machados e outros instrumentos de destruição.

O reducto céde, mas não cedem os peitos Pernambucanos!

As heroínas redobram de valor, já não são guerreiras, são legiões da morte; já não são mulheres, são anjos da victoria!

E o Hollandez espavorido em face de tanto denodo e de tanto heroismo, abandona o combate, deixando o campo juncado de cadaveres e de munições!

Os nomes dessas heroínas ficaram no esquecimento, mas suas acções ergueram-lhes um altar no coração de todos os Pernambucanos, de todos os Brasileiros!

Tejucupapo, o theatro desta acção admiravel, recebeu no dia 7 de Dezembro de 1859 uma visita de S. M. o Snr. D. Pedro II, que por este acto quiz mostrar o apreço que lhe merece as acções heroicas de nossas compatriotas.

Eis como esta visita foi descripta no tomo II, pag. 114 das *Memorias da viagem de SS. M.M. II, em 1859*:

7 de Dezembro

“ Às 5 horas da manhã, apesar da copiosa chuva que cahia, o Imperador, que nunca alterou o plano das suas viagens, partiu para Tejucupapo, como havia resolvido. A povoação é pequena; mas S. M., que se impoz como dever religioso uma homenagem ás glorias do *nosso passado*, foi alli expressamente para ver o lugar chamado *Trincheiras*, onde as heroínas Tejucupapenses, essas amazonas que se immortalisaram na historia, roubaram aos homens a gloria de defenderem a patria contra o dominio estrangeiro. Ainda hoje se veem alli os fossos e distingue-se bem a fórma regular da construcção, que é um quadrilatero com o perimetro de 193 passos, que o Imperador teve a curiosidade de contar, trazendo, para memoria d'este lugar, parte do tronco de uma arvore que havia crescido dentro da trincheira. ”



D. Maria Cesar.

“ Ha sempre uma mulher na origem de todas as grandezas.”

LAMARTINE.

No dia 27 de Janeiro de 1654 raiou para Pernambuco a aurora da liberdade!

Foi este dia esplendido o epilogo glorioso de uma luta titanica, de uma guerra de 24 annos, periodo o mais heroico da historia do Brasil, durante o qual a constancia, a bravura, o patriotismo e o acrisolado desapego de si e dos interesses individuaes por amor da patria apuraram-se e purificaram-se na pyra do sacrificio e do martyrio.

Luta homERICA gloriosamente pelejada, e cujos historiadores Brasileiros, Portuguezes, Francezes e Hollandezes, tecem os maiores encomios ao brio e bravura dos nossos comprovincianos.

Neste periodo de tantos annos, a nossa cara provincia converteu-se em immenso campo de batalha. Aqui cada monte foi uma Thermopyla, cada cidadão foi um Leonidas.

Ufunai-vos vós, que descendeis de um povo tão magnanimo no soffrimento, tão heroico no combate, tão resignado na derrota, tão generoso na victoria; ufanai-vos vós, que nascestes nesta terra toda purificada pelo sangue do sacrificio e do martyrio, onde tudo é grande porque tudo recorda acções generosas, feitos incriveis, rasgos admiraveis!

Aqui não ha Capitolios nem Pantheons, porque todo Pernambuco é um immenso Capitolio, um magestoso Pantheon.

“ Ah! que difficilmente se achará na provincia de Pernambuco uma cidade, uma villa, ou uma aldeia, uma matta, um deserto, que então não tenha sido theatro do ardimento imperterritito e asombroso de nossos avós immortaes; que não tenha sido regado com seu illustre e liberrimo sangue (1). ”

*
* *

Corria o anno de 1645.

Os Pernambucanos tramavam uma insurreição para libertar a sua querida patria e desmoronar o poder Hollandez, que parecia consolidado! André Vidal de Negreiros, Francisco Berenguer de Andrada, Antonio Bezerra, Antonio Cavalcante e em geral todos os nobres de Pernambuco trabalhavam com affinco para realisação desta ideia.

Vieira, o heróe do forte de S. Jorge, tinha desaparecido do theatro da guerra. Recolhido no

(1) Commendador J. de Mello. *Discurso*.

Recife, entre os Holandezes, conseguira accumular uma fortuna consideravel devida ao seu genio emprehendedor e activo.

O amor de uma mulher despertou-lhe o amor da patria por algum tempo sopitado, e regenerou-o do erro em que cahira, convivendo com os Holandezes.

Vieira pediu a mão de esposa á D. Maria Cesar, e sua posse foi conseguida a troco de sua alliança com os insurgentes.

Então rompeu com os Holandezes e começou a trabalhar para o bom exito da insurreição.

“ Em o maior fervor destes cuidados casou, diz Fr. Raphael de Jesus, com D. Maria Cesar, senhora do melhor sangue do reconcavo, com muita formosura e poucos annos; e por este meio se aparentou com o mais estimado e mais lustroso d'aquella capitania.”

O dia 24 de Junho de 1645 era o marcado para o rompimento das hostilidades, depois de um lauto banquete que se serviria no engenho de Vieira (S. João Baptista) e ao qual assistiriam todos os principaes da capitania: era por assim dizer a solemnisção do noivado e da alliança para a libertação da patria; mas denunciado todo o plano da revolta ao Conselho Supremo, o rompimento fez-se immediatamente no dia 13 de Junho.

Os Holandezes offereceram a Vieira 200 mil ducados para desistir da empreza, mas sendo o offerecimento repellido formalmente, tentaram envenenal-o, o que tambem não conseguiram. Finalmente empregaram um meio mais energico, pondo á preço a sua cabeça; mas nem as seducções, nem as tentativas, nem as ameaças de-

moveram-no do proposito, por cuja execução empenhara o seu coração de esposo e de patriota.

No dia 3 de Agosto fere-se a grande batalha das Tabocas, no dia 17 do mesmo a da Casa Forte, na qual, como já dissemos, foram libertadas as Pernambucanas prisioneiras.

D. Maria Cesar, a gentil esposa do governador Fernandes Vieira, havia abandonado as ricas casas em que residia, com todas as commodidades e regalos da fortuna, para se refugiar em um bosque ermo e retirado, exposta ás vicissitudes do tempo e a todos os perigos de um encontro com os selvagens, que habitavam o paiz. E por este meio arriscadissimo pôde evitar as ciladas e escapar á prisão, fim principal das sortidas dos Hollandezes. (Vid. *Catrioto*.)

Estes seres angelicos, nascidos para serem deusas do lar e gozarem sempre da paz e socego domestico, ao lado de seus queridos filhinhos, viam-se atirados ao meio dos combates, soffrendo marchas penosissimas, expostos á fome, ao martyrio e até á morte a mais barbara e cruel!

“ A uma mulher casada, diz Fr. Raphael de Jesus, que levada do amor conjugal acompanhara seu marido e o chorava despedaçado, cortaram os pés e as mãos, para que se não pudesse apartar da causa de sua magua, e entre os corpos desanimados bebesse a morte no sangue das feridas e no horror da companhia: martyrio em que durou tres dias, até dar a alma a Deos. A uma menina de dous annos tiraram dos braços da mãe, e com apostado tiro a estreláram no tronco de uma arvore. A outra criança partiram em duas partes, d'alto a baixo, com o golpe de um alfange. A uma

donzella de gentil forma venderam a um índio por um cão de caça."

Quantos horrores, e ainda não é tudo: mas não podemos nem queremos reproduzir o resto!

Os seus nefandos crimes foram punidos por nossas armas victoriosas!

Vieira, Moreno, Vidal, Henrique Dias e Camarão obraram prodígios de valor.

Portugal duvidava da restauração de Pernambuco e até resolveu em 1646 abandonar-nos á posse dos Hollandezes, para o que mandou ordens positivas exigindo a suspensão das hostilidades.

O Mestre de campo Martim Soares Moreno obedeceu, os outros porém *desobedeceram ao rei para melhor servirem ao rei.*

A guerra continuou com os poucos recursos de que dispunhamos, mas tínhamos de sóbra resignação e coragem.

As nossas armas victoriosas vão pouco a pouco destruindo o poder batavo: os reductos, os fortes e fortalezas vão se rendendo á nossa constancia e bravura; mas ainda faltava-nos ferir as duas memoraveis batalhas que teriam de fechar com chave de ouro a historia destas lutas gigantescas.

O exercito Pernambucano, em numero de 2,500 homens, ao mando do Mestre de campo General Francisco Barreto de Menezes, nomeado por decreto de 12 de Fevereiro de 1647, e tendo por generaes Negreiros, Henrique Dias, Vieira e Camarão, estava acampado nos montes *Guararapes*. No dia 19 de Abril de 1648 chegou o exercito Hollandez, composto de 7,400 homens e 6 peças de artilharia, e travou-se a batalha! O exercito Hollandez commandado por Segismundo investiu

tres vezes contra o monte em que nos achavamos entrincheirados e foi heroicamente repellido e desbaratado, cahindo em poder dos nossos toda a artilharia e innumeradas bandeiras, entre as quaes o Estandarte General. 1,200 soldados inimigos ficaram no campo, entre os quaes dous Coroneis, além do grande numero de feridos. A nossa perda foi de 84 mortos e mais de 400 feridos. (Synopsis ou deducção chronologica por *Abreu e Lima.*)

Os Hollandezes derrotados nesta batalha tentaram ainda alguns combates, tendo o mesmo successo.

No dia 18 de Fevereiro de 1649, em numero de 5,000 homens, marcharam para os tão celebrados montes Guararapes afim de tentarem outra batalha decisiva.

O nosso exercito, em numero de 2,600 homens, não os fez esperar, e ao raiar do dia 19 de Fevereiro travaram-se em uma sanguinolenta batalha; mas os Hollandezes tiveram de ceder o campo ao denodo e coragem dos Pernambucanos, deixando morto o seu valente General Brinck, e ficando em nosso poder 6 peças de artilharia e innumeradas bandeiras.

A victoria custou-nos, além de alguns mortos, o ferimento do bravo Henrique Dias, que combateu como um leão.

Desde este dia ficou aniquilado o poder dos Hollandezes, que não ousaram mais atacar-nos abertamente, e mettidos em algumas fortificações que lhe restavam, só saham para fazer algumas sortidas, até que perdidas estas ultimas trincheiras tiveram de propor-nos a capitulação, celebran-

do-se a restauração de nossa querida patria no memoravel dia 27 de Janeiro de 1654.

Vieira, Henrique Dias, Negreiros e Camarão foram os vultos mais salientes desta luta de Achilles.

D. Maria Cesar foi como que o anjo da alliança, o penhor sagrado deste nobre commettimento.

“Eis a restauração! (1)

“Os passos da mulher na historia são caracteres de progresso.

“Os passos de Veturia ao seu filho Coriolano foram caracteres, com que se escreveu a salvação de Roma.

“Os passos de D. Maria Cesar para o altar do seu noivado com Vieira foram caracteres com que se escreveu a restauração de Pernambuco.”

Foram seus pais Francisco Berenguer de Andrada, natural da ilha da Madeira, e D. Joanna de Albuquerque; neta de D. Simôa de Albuquerque e de Belchior da Rosa, e bisneta de Jorge Teixeira e D. Simôa de Albuquerque, que era filha de Jeronymo de Albuquerque e a princeza Arco-Verde. (*Nobiliarchia Pernambucana.*)

No dia 10 de Janeiro de 1681 ficou viuva, sem ter tido filho, e no dia 11 de Agosto de 1689 falleceu em Olinda e sepultou-se na Igreja de Nossa Senhora do Desterro, que hoje se denomina Santa Thereza.

(1) Dr. Regueira Costa. *Discurso.*



Maria da Rosa—As tres irmans Isabel, Cosma e Luiza de Albuquerque
—Beatriz de Jesus—Ignez de Albuquerque.

“ Quem não crê na possibilidade da
abnegação, não crê no heroismo da vir-
tude.”

CONSELH. BASTOS.

Em 1500 raiou a aurora do christianismo nes-
tas plagas sul-americanas!

Cabral, navegando ao acaso, avista no dia 22
de Abril um monte, a que dá o nome de Pascoal
e a terra o de Vera Cruz.

Aporta nestas regiões desconhecidas e sella a
sua descoberta alvorando o madeiro da Cruz, e
Fr. Henrique diz a primeira missa, cercado dos
selvagens que habitavam o paiz e que estupefac-
tos o contemplavam.

O Brasil assim descoberto e educado na reli-
gião sacrosanta do Crucificado, pelos seus admi-
ráveis apóstolos Anchieta e Nobregas, foi e será
sempre a arca de Noé a velejar incólume no im-
menso oceano do scepticismo e da descrença.

O labarum do christianismo plantado por Cabral nestas plagas americanas, fluctuará até a consummação dos seculos, e o vendaval do schisma e da discordia, longe de pô-lo em farrapos, servirá para desfraldal-o aos quatro ventos, mostrando ao mundo todos os seus encantos, toda a sua pureza!

No dia 27 de Setembro de 1530 se fere em Pernambuco uma batalha contra os Francezes, que se queriam aqui estabelecer, e em commemoração da victoria por nós alcançada, funda Duarte Coelho a primeira Igreja no solo Pernambucano, sob a invocação dos martyres Cosme e Damião, e com ella assenta os primeiros fundamentos á villa de Iguarassú. Em seguida funda Olinda e edifica em 1535 a Igreja do Salvador, que hoje, depois de reedificada, é a Cathedral do Bispado.

Além destes dous primeiros templos apparece já edificada em 1540, no meio das mattas, uma pequena ermida, consagrada a Nossa Senhora da Luz, no mesmo lugar em que, segundo a tradição, a dita imagem "primeiro appareceu, e foi achada pelo admiravel e repetido clarão de incendio com que parecia arder, sem se abraçar a matta virgem deste monte da Luz e novo Horeb do Brasil (1)."

Logo nos primeiros annos da fundação de Olinda aportou a estas plagas um religioso menor, e foi o instituidor da capellinha de S. Roque, edificada no lugar em que depois se erigiu o mosteiro

(1) Descrição da parochial Igreja de Nossa Senhora da Luz, livro do tombo da mesma freguezia, a fl. 14.

de S. Bento, e nella formou uma congregação de Terceiros da Ordem da Penitencia.

Nesta veneravel Ordem professaram as distinctas senhoras : *D. Maria da Rosa*, e as tres irmãs *D. Isabel*, *D. Cosma* e *D. Luiza de Albuquerque*, que eram filhas do consorcio de Jeronymo de Albuquerque, cunhado de Duarte Coelho, com *D. Felippa de Mello*, e que haviam nascido em Olinda.

Descendentes de illustre familia e vivendo em um tempo em que Olinda ostentava um fausto e um luxo admiraveis, é digno de louvor o procedimento destas senhoras, que tudo desprezaram para se dedicarem ás praticas da virtude e da caridade!

Foram estas as primeiras flores que o christianismo produziu nos campos da America, as primeiras estrellas que surgiram no céu esplendoroso da Igreja Olindense.

A Ordem Terceira da Penitencia foi a primeira iastituída em Olinda.

Depois d'ella os jesuitas fundaram o seu convento no 1.º de Janeiro de 1576, tendo 400\$000 de renda da Fazenda Real. Em seguida chegaram no dia 12 de Abril de 1585 na mesma cidade de Olinda os Frades Menores, fundaram uma custodia, estabeleceram-se em umas casas que para elles se edificaram ao lado das da Misericordia de Olinda e se occuparam em exercer a caridade com os enfermos do hospital da dita Misericordia.

D. Maria da Rosa era uma senhora honesta, virtuosa e rica, que, havendo perdido o seu marido Pedro Leitão e não tendo herdeiros forçados, co-

meçou a edificar em suas terras uma capella dedicada a Nossa Senhora das Neves e fez ao seu lado uma casa, em que residia com as outras irmãs Terceiras, suas companheiras.

Esta virtuosa senhora fez doação desta capella com seus ornamentos e da casa adjunta aos ditos Frades Menores, no anno de 1585, como consta da escriptura que se acha transcripta á pagina 136 do volume II do *Novo Orbe Seraphico Brasilico* de Fr. Jaboatão, e passou-se com suas companheiras para as casas da Irmandade de Nossa Senhora da Conceição.

Os veneraveis Frades Menores passaram-se para as casas da capella das Neves no dia 4 de Outubro de 1585 e trataram logo de augmental-as, fundando o seu convento e propagando a fé catholica entre os indios, para os quaes abriram no mesmo convento um seminario em que ensinavam-lhes a religião, a leitura e a musica.

Estes admiraveis apóstolos fizeram rapidos progressos na Capitania, e espalharam suas abençoadas sementes por todo o nosso territorio.

Em 1588 fundaram o convento de Santo Antonio em Iguarassú, em 1606 fundaram mais dous dedicados ao mesmo Santo, um no Recife e o outro em Ipojuca, e em 1630 outro dedicado a S. Francisco, na Villa Formosa de Serinhaem, assim como diversas missões ou aldeias.

Por este tempo já havia tambem em Olinda o convento do Carmo fundado em 1588, e o convento de S. Bento fundado em 1595, no lugar da capella de S. Roque, que neste tempo já havia sido abandonada pelos irmãos da Ordem Terceira da Penitencia, os quaes se recolheram á Igreja das

Neves; havia tambem a capella de Santo Antonio de Paratibe, fundada por Gonçalo Mendes, de 1555 a 1559 e que foi reedificada em 1731, a Igreja de Guadalupe, fundada por Manoel de Carvalho em 1626 ou 27, e outras mais.

A releição tomava grande incremento na nossa Capitania!

D. Maria da Rosa e suas companheiras, tendo-se passado, como dissemos, para as casas contiguas á Igreja de Nossa Senhora da Conceição, trataram de fundar o seu recolhimento ás expensas suas, pelo que a irmandade fez-lhes de tudo doação por escriptura, no anno de 1595.

De uma noticia enviada para a Academia Real consta que *Maria da Rosa viera das partes de Portugal*, mas Fr. Jaboatão tratando muito minuciosamente desta respeitavel matrona, diz que esta noticia não tem fundamento algum.

“Sobre este ponto não se acha certeza alguma; porque nem nas memorias do nosso convento da Senhora das Neves, nem nas da Conceição, á custa de diligencias, se descobriu cousa alguma, e só o seu testamento o podia dizer; mas nem deste ha noticia nas duas casas em que assistiu e morreu, nem em cartorio algum.”

As suas companheiras, *D. Isabel*, *D. Cosma* e *D. Luiza*, que eram filhas de Olinda, acompanharam-na em todas as praticas de virtudes e piedades, e assim como ella tiveram suas sepulturas no recolhimento de Nossa Senhora da Conceição, onde viveram entregues ás obras pias e de caridade e morreram gozando de muito respeito e consideração (1).

(1) Vid. *Orbe Seraphico*, de Jaboatão.

Por este tempo vivia em Vianna de Caminha (Portugal) no mosteiro de S. Bento, a irmã *Beatriz de Jesus*, senhora abastada e possuidora de dous engenhos em Pernambuco, sua patria.

Morando o seu marido João de Alpoé e um filho, recolheu-se com uma filha que lhe restava ao dito mosteiro, onde se entregou á leitura de livros religiosos e ás praticas da caridade evangelica.

Repartiu os seus grandes cabedões com o mosteiro, ao qual fez muitas e preciosas doações e com os pobres.

O Agiologio Lusitano dos santos e varões illustres em virtude, do reino de Portugal e suas conquistas, obra escripta pelo Licenciado George Cardoso e publicada em Lisboa em 1652, occupa-se com grande louvor desta virtuosa senhora, em seu volume I, pag. 538, d'onde extratamos esta noticia e as linhas que passamos a citar:

“Depois de religiosa, quando a pobreza que professára, parecia haver-lhe tirado a faculdade de fazer esmolas, sua fervorosa e engenhosa caridade achou modo para isso, repartindo sua ração em duas partes, a maior dava aos pobres, reservando para si a menor, que escassamente bastava a sustentar a vida.”

Beatriz de Jesus andava com os pés descalços, usava de grosseiras vestes e assim terminou a sua vida, votada sempre á penitencia e á caridade, no dia 27 de Fevereiro de 1634.

Ditas estas palavras, voltemos a tratar dos progressos do christianismo em Pernambuco.

Chega em 1630 a invasão Hollandeza e os conventos que haviam na Capitania se converteram

em fortalezas e atalaias inimigas, mas os venerandos defensores da fé que escaparam aos actos de vandalismo, acompanharam os nossos em todas as suas excursões e, tendo na mão o labarum da redempção, animavam-nos a combater em prol da religião e da patria.

Em 1654 raiou a aurora de nossa restauração, e estes invictos defensores da fé, da religião e da patria, entraram de novo para os seus conventos e continuaram em sua obra evangelica, ao passo que os nossos generaes pagavam ao Altissimo o feliz exito de seus esforços, erigindo Igrejas e capellas em todos os lugares assignalados por alguma victoria.

Os templos que haviam sido queimados e destruidos pelos invasores Hollandezes foram de novo reconstruidos e recuperaram as suas antigas pompas.

Bello tempo em que o bravo que empunhava com denodo a espada, não se envergonhava de trazer ao pescoço uma cruz, e que de volta dos campos da batalha, em que defendia a liberdade perseguida, levantava templos sagrados, em que a religião do Calvario era propagada e venerada!

No lugar do forte de S. Jorge, em Fóra de Portas, erigiu o Capitão João do Rego Barros a Igreja de Nossa Senhora do Pilar, no anno de 1680, e lá está sepultado; na Boa-Vista fundou Christovão do Rego Barros a de Nossa Senhora da Conceição dos Coqueiros e lá tambem descansa; em Itambé, André Vidal de Negreiros edificou a de Nossa Senhora do Desterro em 1660, onde estão tambem os seus restos mortaes; Henrique Dias a de Nossa Senhora das Fronteiras na

Estancia; D. João de Souza a Igreja e Hospital do Paraizo, e S. João de Deos no Recife; João Fernandes Vieira a Igreja de Nossa Senhora do Desterro, que hoje se denomina Santa Thereza, em Olinda; e finalmente o General Francisco Barreto de Menezes a Igreja de Nossa Senhora dos Prazeres, nos memoraveis montes Guararapes, em 1656.

Religião, patria e liberdade era a divisa do guerreiro Pernambucano.

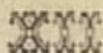
Admiraveis tempos em que a espada defendia a liberdade e se alliava com o evangelho!

Foi então que em 1654, no convento de Olinda, appareceu outra estrella que tanto brilho derramou por toda a Capitania, graças aos seus exemplos de virtude e piedade.

Foi ella *D. Ignez de Albuquerque*, filha de Antonio de Sá Mahia e D. Catharina de Albuquerque.

“Era natural de Pernambuco, diz Jaboatão, e professou a Regra da veneravel Ordem Terceira no convento de Olinda, vestindo-se de habito descoberto, e fazendo uma vida mui exemplar, penitente, devota, dada á oração e em grande maneira caritativa, herdando de seus ascendentes a nobreza, com que fazia mais estimadas suas virtudes, e deixando por morte tão gloriosa fama, como foi constante a boa opinião, com que viveu.”

Taes foram os primeiros fundamentos da religião em Pernambuco, taes as suas primeiras sacerdotisas.



D. Rita Joanna de Souza.

“ Pernambuco, a provincia heroica, patria de tantos filhos benemeritos, deve ufanar-se de poder contar entre os nomes das senhoras illustres, que ha produzido, o da joven Rita Joanna de Souza, que muito honrou as bellas artes e lettras, e de cujo talento fazem honrosa menção o abbade Barbosa Machado na *Bibliotheca Lusitana*, Fróes Perim no *Theatro Heroico*, Ferdinand Diniz no *Resumé d'histoire littéraire du Brésil*, o Conselheiro Balthasar da Silva Lisboa nas *Notas Biographicas*, e muitos outros.”

J. NORBERTO, *Brasileiras Cebres.*

A terra que serviu de berço, segundo a ordem chronologica, ao primeiro guerreiro brasileiro, *Jorge de Albuquerque Coelho*; que deu ao Brasil o primeiro orador sagrado, *Manoel de Macedo*; que viu nascer o primeiro poeta da Santa Cruz, *Bento Teixeira Pinto*; onde se fundou o primeiro tem-

plo de Guttemberg (1); devia ser tambem a patria da primeira poetisa da terra de Cabral, *Rita Joanna de Souza*.

Olinda, a nova Phenix renascida das cinzas do incendio hollandez, a cidade guerreira, edificada em um bello promontorio, berço de herões, a Marim dos Tabyras e dos Arco-Verdes, esta bella visão que surge á margem do oceano atlantico, que amoroso beija-lhe as plantas, esta princeza semi-selvagem com seus adornos meio europeus e meio americanos, reclinada em seu throno de verduras esmaltado de flores, tendo ainda sobre a fronte o seu cocar indiano de palmeiras, e por manto real a floresta com todos os seus encantos, com todas as suas bellezas, com toda a sua poesia; Olinda enfim, foi o berço da pintora e poetisa Pernambucana Rita Joanna de Souza.

Já no fim do seculo XVI, Bento Teixeira Pinto modulava os seus carmes inspirado no valor e coragem de Jorge de Albuquerque Coelho, já em 1601 publicava o seu poemetto *Prosopopéa*, dedicado ao mesmo heróe, e possuido de enthusiasmo pelos seus feitos exclamava :

Cantem poetas o valor Romano
Submettendo nações ao jugo duro,
O Mantuano pinte, o rei Troyano,
Descendo a confusão do reino escuro :

(1) A primeira typographia estabelecida no Brasil appareceu em Pernambuco, e deu lugar á ordem Regia de 8 de Julho de 1706, que a suppriniu. Tal era o medo que infundia a luz aos nossos dominadores.

Que eu canto um Albuquerque soberano
Da fé, da cara patria firme muro,
Cujo valor e ser que o céo lhe inspira,
Pode estancar a Lacia e Grega lyra.

E entretanto ainda o Brasil estava bem longe de possuir Alvarenga, Durão, Gregorio de Matos, Antonio José, Basilio da Gama e tantos outros.

Em 1696, alguns annos apenas depois de Bento Teixeira Pinto, surgia no seio de Olinda a poetisa e pintora Rita Joanna de Souza, e só depois d'ella appareceram no Brasil Angela do Amaval, Delphina da Cunha, Violante, Nisia Floresta Brasileira, Emilia Gomide e outras muitas.

Pernambuco havia se libertado do jugo Holandez, graças ao seu heroismo e constancia, mas tinha que lutar com o celebre *quilombo dos Palmares*, composto de cerca de vinte a trinta mil negros, segundo Rocha Pitta e outros escriptores, que haviam fugido á escravidão durante a guerra Hollandeza, e que viviam refugiados n'um bosque de palmeiras, nas fraldas da serra da Barriga.

Ahi, neste ninho de aguias, na phrase de Castro Alves, constituiu-se esta republica de negros governada pelo chefe Zumbi, novo Spartaco, que resistiu por vezes a exercitos aguerridos.

Em 1697, sendo governador de Pernambuco Caetano de Mello e Castro, marchou contra os Palmares um exercito de sete mil homens com algumas peças de artilharia, que depois de um ataque infructifero fez cerco aos quilombos e os reduziu á fome,

Entretanto quantos prodigios de valor pra-

ticaram durante o assedio estes negros foragidos ! Faziam cair sobre a tropa rochas immensas, em quanto as mulheres derramavam sobre ella agua fervendo, e quando perderam toda a esperanza de romper o cerco, precipitaram-se quasi todos dos rochedos alcantilados, preferindo morrer a voltar para a escravidão !

No meio de tantos horrores e de tantos crimes, ha alguma cousa de grande e nobre, e é o sentimento da liberdade, da dignidade humana, pelo qual luctavam estes desgraçados escravos !

Foi nesta epocha que nasceu na florescente Olinda a distincta Pernambucana Rita Joanna de Souza.

Passou a sua infancia, a bella quadra dos sonhos e das illusões, a primavera da vida, no regaço de seus queridos pais e a brincar nos bosques de Olinda, sem que de nenhum modo a viesse perturbar o longinquo extertor da famosa republica dos Palmares.

Dedicou-se aos estudos da Geographia e da Historia, fazendo rapidos progressos e escrevendo sobre estas sciencias algumas postillas que se sumiram nas trevas do passado, mas de que conservamos memoria, graças aos nossos chronistas.

Applicou-se tambem á pintura e á poesia, e neste constante cultivo das artes e das letras viu escoarem-se os mais bellos dias de sua vida !

Pintou as flores que matizavam os cerros de sua cidade natal, os corucheos de suas torres coroados de nuvens azuladas, a belleza das noites americanas aclaradas pelos scintillantes raios das estrellas, ou pela branda e suave luz da lua, os encantos da aurora, a singeleza e graça das

açucenas, cujas caçoulas se abriam com as gottas do orvalho e com os raios do sol !

Poetisou as gloriosas tradições de seus antepassados, os ciumes e arrufos da altiva Olinda e da humilde povoação dos pescadores que se erguia a seus pés, os encantos e effluvios que trescalava o seu coração de mulher, o seu seio de virgem, e nesse doce poetisar, ora com a penna, ora com o pincel, mas sempre com a imaginação, e nesse bello viver de crenças e de esperanças, de illusões e de sonhos, em que su'alma tão joven e tão entusiasta se embevecia e se deleitava, chegou o anno de 1718 e com elle a morte que pôz termo á sua vida, ainda no arrebol !

Pobre florsinha que se mirrou ainda em botão, que de perfume e de graça não occultava em sua corolla apenas entreaberta !

Morreu com 22 annos ! (1)

Pobre poetisa, que não se podia esquivar á sorte dos genios !

De Marim em seu ninho de verduras

Ella nasceu !

Brincando junto ao mar, ao som das vagas

Assim cresceu.

(1) O Dr. Antonio de V. M. de Drummond, em seu artigo—*Apologia ao bello sexo*—publicado no jornal *Aurora* em 1849, diz o seguinte, ácerca desta poetisa :

“ Nasceu em Olinda, da provincia de Pernambuco, filha do Dr. João Mendes Teixeira.

“ Tornou-se insigne em litteratura, philosophia racional, historia e bellas artes. Publicou obras interessantes, que recommendaram seu nome á posteridade, e morreu em 1719 com 24 annos incompletos. ”

De seu berço as bellezas contemplando
Ella viveu,
Pintando flores e cantando amores
Assim morreu !

D. Lourença Tavares de Hollanda.

“ O merecimento de uma mulher tem sempre necessidade de ser esclarecido por um raio de bondade. ”

CONSELH. BASTOS.

Esta eximia Pernambucana nasceu pelos fins do seculo XVII, na cidade de Olinda.

Esta cidade era então a princeza das cidades do Brasil, a flor mais virente da terra de Cabral. Embora incendiada pelos Hollandezes na noite do dia 22 de Novembro de 1631, Olinda resurgia do meio de seus bosques de palmeiras e coqueiros, e negligentemente reclinava-se nas fraldas do outeiro, com os pés a tocar ás praias do atlantico, em cujas ondas de prata vaidosa se mirava, e com a fronte altiva e sobranceira coroada de leques de palmeira á topetar com as nuvens!

A seus pés, do lado do sul, jazia a humilde povoação de pescadores, que tanto incremento havia tomado durante a dominação Hollandeza e que já mostrava-se um pouco despeitada pela supremacia de Olinda.

O Recife ia se tornando o emporio do commercio, em razão de seu porto, e Olinda a aristocratica, indolentemente reclinada em seu cochim de verduras, olhava do alto de sua grandeza e ria-se dos esforços que a sua irmã fazia para sobrepujal-a em belleza, para vencel-a em riqueza.

Olinda era a residencia da nobreza Pernambucana, a séde da Capitania, a cidade orgulhosa de seus fóros ; não podia sujeitar-se a ser humilhada pelo Recife, a povoação de pobres pescadores e de mascates.

As lutas de supremacia entre as duas cidades fizeram sua explosão em 1710 e foi o primeiro brado de independencia que soou nas plagas americanas contra o despotismo da metropole Portugueza.

Desde 1685 se começou a pronunciar a rivalidade entre o Recife e Olinda

Depois da restauração de nossa provincia os Portuguezes começaram a affluir para o Recife, attentas as vantagens de bom ancoradouro e das fortificações que abi deixaram os Hollandezes, e se entregaram ao commercio, accumulando grossos cabedaes. Assim o Recife ia tomando grande incremento á proporção que Olinda havia já perdido grande parte de seu fausto e grandeza em razão de se terem exaurido com as lutas Hollandezas os grandes patrimonios da nobreza Pernambucana.

Os mercadores, orgulhosos de suas riquezas, enviaram procuradores a Lisboa para tratarem da elevação do Recife á villa, e fizeram seguir tambem uma representação do governador D. Fernando de Lencastro, mostrando as vantagens

que d'ahi resultaria para a Capitania. Entretanto apesar do ouro que enviaram para a consecução de seu fim, D. Pedro II de Portugal não os attendeu, e até por carta regia de 28 de Janeiro de 1700 ordenou que por modo algum tal pedido se repetisse.

Apesar desta derrota, os mascates não abandonaram o seu intento, e depois de muito trabalhar, conseguiram a criação da villa por carta regia de 19 de Novembro de 1709, sendo-lhes um poderoso auxiliar o governador de então Sebastião de Castro Caldas.

Ateu-se a luta que desde muito tempo fervia clandestinamente.

Convém aqui explicarmos as razões da opposição que faziam os Pernambucanos á criação da villa do Recife, que á primeira vista parece ridicula e injusta, muito principalmente attendendo-se que o Recife neste tempo era a primeira praça de guerra e o primeiro ponto commercial do Brasil.

Como observa um chronista deste tempo, a criação da tal villa trazia serias consequencias. Com ella perdia a nobreza do paiz porque, sendo os mascates em maior numero, facilmente podiam fazer-se eleger para os lugares da republica, ficando assim os naturaes privados do governo; perdiam as rendas publicas na arrematação dos contractos, porque sendo os mascates arrematantes e ao mesmo tempo senadores, se convertiam em juizes e partes: perdia finalmente a agricultura, porque sendo os mascates almotacés, e portanto taxando o preço dos viveres, tornavam-se avaliadores e compradores, dando isto em consequencia

pagarem muito mal os productos do paiz, ao passo que as suas mercadorias eram vendidas por preços excessivos.

Já se vê que a luta era entre a agricultura, que se tornava victima e o commercio, que dictava leis, era entre dous interesses que só unidos fazem prosperar o estado. Accrescente-se agora a isto que a agricultura era representada pelos naturaes da terra, pelos descendentes dos gloriosos defensores da Capitania já abandonada pela metropole Portugueza, pelos filhos daquelles que sacrificaram fortunas e vidas para a salvação da sua patria, e que o commercio estava nas mãos de aventureiros Portuguezes, homens de baixa condição, sem instrucção e sem sentimentos, e que por todos os meios queriam accumular riquezas, e digam-nos se não era razoavel que os Pernambucanos se oppozessem a ser governados e escravizados por esta ralé da sociedade Portugueza ?!

Foram estes os poderosos motivos da luta entre Pernambucanos e Portuguezes, luta que foi a primeira tentativa de independencia. E de facto, no Congresso reunido em Olinda, da nobreza e senado, o distincto Pernambucano Bernardo Vieira de Mello foi de parecer que se proclamasse a republica *ad instar* dos Venezianos, e do mesmo modo opinavam outros, entre os quaes o illustre Capitão-mór Pedro Ribeiro da Silva, concluindo “que se governassem a si mesmos, porque só assim ficaria a patria livre dos riscos porque acabava de passar.”

Apesar da opposição dos Pernambucanos, o governador Sebastião de Castro Caldas creou a villa

do Recife, fazendo erigir o pelourinho e nomeando o novo Capitão-mór, vereadores e justiça e prendeu alguns dos principaes da nobreza. Em consequencia destes actos levou um tiro no dia 7 de Novembro de 1710, e foi obrigado a fugir para a Bahia, sendo demolido pelo povo o novo pelourinho.

O governo da Capitania passou ao bispo D. Manoel Alvares da Costa, que tomou posse no dia 15 de Novembro do mesmo anno.

As cousas marchavam com boas apparencias, até que no dia 18 de Junho de 1711 levantaram-se os mascates e proclamaram por governador Sebastião de Castro Caldas, prendendo o bispo e obrigando-o a assignar ordens favoraveis a elles; porém no dia 21 do mesmo mez conseguiu este fugir para Olinda e, reunido á nobreza e camara, ordenou que se fizesse rigoroso sitio ao Recife, Sendo necessario usar das armas para render os mascates que não obedeceram á sua monitoria, o bispo, achando isto incompativel com o seu estado sacerdotal, nomeou João de Barros Rego general, e abdicou o governo temporal, entregando-o ao senado da camara. Depois de alguns combates, entre os quaes o de Sibiró, no dia 18 de Agosto, em que fomos derrotados, e o de Ipojuca, no dia 8 de Setembro, em que fomos victoriosos, chega a Pernambuco no dia 7 de Outubro de 1711 o novo governador Felix José de Mendonça, que tomou posse do governo das mãos do bispo.

Este governador começou illudindo a boa fé dos Pernambucanos, que descansando na justiça de sua causa confiaram n'elle, a ponto de festejarem a sua chegada; mas uão tardou que fossem

desenganados. Ractificou a erecção da villa do Recife e com o ouvidor Bacalháo e o syndicante Cutia procedeu a uma terrivel devassa, prendendo os principaes Pernambucanos, dos quaes 11 dos mais illustres não podendo ser decapitados no Recife, foram remettidos para Lisboa em 23 de Outubro de 1713, onde alguns se finaram no Limoeiro e os outros acabaram seus dias na India !

Além destes, cerca de 400 Pernambucanos andavam foragidos, e associados a uma liga, cujo chefe era Leão Falcão d'Eça, conseguiram escapar ás terriveis perseguições.

Entretanto haviam já 55 victimas embarcadas com destino á Lisboa, quando chegou o perdão geral que aproveitou a todos elles, menos aos 11 desgraçados, que anteriormente haviam seguido.

E' esta em resumo a historia da malfadada guerra dos mascates.

A distincta Pernambucana D. Lourença Tavares de Hollanda, segundo o Padre Antonio Gonçalves Leitão, autor de um manuscripto sobre a guerra dos mascates, era *matrona de grande nome e talentos*.

Neste tempo achava-se viuva e com duas irmãs tambem viugas vivia na companhia de seus irmãos Capitão André Dias de Figueiredo, Tenente-coronel e Licenciado José Tavares de Hollanda.

Estes distinctos Pernambucanos eram filhos de Olinda e descendentes da primeira nobreza da Capitania. Foram ambos do parecer de Bernardo Vieira de Mello, isto é, que nos proclamassem em republica, e depois de soffrerem por quasi dous

annos a terrivel prisão das Cinco-Pontas, foram embarcados para Lisboa e lá encerrados no Límoeiro.

Sua illustre irmã, D. Lourença Tavares de Hollanda, intercedeu por elles, fazendo seguir para o mesmo destino quatro cartas dirigidas ao Duque de Cadaval, ao Conde de Authoguia, ao Conde de Vianna, e a D. Lourenço de Almada, impetrando o valimento destes fidalgos para fazerem valer, nos tribunaes em que se houvessem de julgar seus irmãos e mais Pernambucanos, a justiça da causa que defenderam, o merecimento das acções que praticaram, e a verdade obscurecida por negras calumnias e odiosas recriminações, contando ella que, *procedendo-se pelos justos termos da justiça, não só havia de sahír justificada a sua innocencia, mas tambem o seu procedimento louvado*. Entretanto de nada valeu a eloquencia da illustre matrona, pois que seus irmãos foram acabar degredados na India!!

Estas cartas que vêm transcriptas no 4º volume das *Memorias Historicas de Pernambuco* dão copia dos bons sentimentos de seu coração e da instrucção de que era dotada, tão extraordinaria para o tempo em que viveu.

“Se esta senhora Pernambucana vivesse no presente seculo, diz o Snr. Fernandes Gama, passaria mesmo hoje por litterata. E’ pena que algumas composições suas, de que ha tradicção, não chegassem até nós e que só nos restem as cartas que escreveu a favor de seus irmãos.”

Ainda alguns escriptores se occupam della, entre os quaes o Snr. José de Alencar, na *Guerra dos Mascates*, onde diz que muito se avantajou

nas lettras e virtudes esta respeitavel matrona Pernambucana.

Quando em 1714 estava prestes a seguir para Lisboa aquella immensa *leva* de 55 patriotas, entre outras petições que enviou-se em prol dos perseguidos, fazemos aqui especial menção das duas assignadas por 50 matronas de Pernambuco, uma dirigida á sua Magestade e outra a D. Lourenço de Almada, datadas de 28 de Maio de 1714, e ainda duas dirigidas ao Vice-Rei do Brasil, uma assignada por 20 Pernambucanas e outra por 30.

Estas representações das mães, esposas e filhas dos veneraveis martyres Pernambucanos primam pela eloquencia commovedora e convincente e revelam bem claramente os thesouros de seus corações e as luzes de seus espiritos.

Acham-se tambem transcriptas estas petições na obra citada e é bem possivel que fossem redigidas pela veneravel Pernambucana D. Lourença Tavares de Hollanda, que neste capitulo bem mercedamente teve a honra de representar uma geração inteira de heróes e martyres.

XIV

D. Guiomar Nunes e D. Branca Figueiroa.

* E pur si muove! ”
GALILEU.

De todos os ataques que desde a sua origem, na lapa de Belém, soffreu a sacrosanta religião do martyr do Calvario, de todos os attentados que se têm commettido contra a moral purissima do christianismo, nenhum por certo foi mais hediondo, mais repulsivo, mais execravel do que as negras scenas da inquisição, que se commettiam com apparatus religiosos e em nome de um Deos, todo bondade, todo justiça e todo clemencia.

Inaudita barbaridade, em que representavam o papel de algozes os ministros de uma religião de paz e de perdão!

Eil-os mascarados, paramentados com as vestes sacras, precedidos do symbolo da redempção, conduzindo as infelizes victimas para repulsivas hecatombes!

Meu Deos! O vosso grande martyrio, o vosso calix de amargura, o vosso momento o mais doloroso, não foi por certo aquelle em que morrieis

no Calvario, misturando com o vosso ultimo suspiro as palavras de amor e caridade, dictando no meio do mais cruel supplicio a suprema lei que nos deveria reger: *Amai-vos, uns aos outros*; até então o vosso sacrificio não se havia completado, faltava-vos soffrer na pessoa de vossos filhos o tremendo holocausto de milhares de victimas, que em vosso nome (santo Deos!) consummavam os vossos proprios ministros!

A vossa moral pura e santa, a vossa doutrina de justiça e honestidade, as vossas lições de misericordia e de infinita bondade, o vosso dogma de amor universal, a vossa palavra de perdão, tudo que a vossa religião tem de mais augusto e sublime, tudo Senhor! foi violado pelos que se diziam vossos ministros, tudo foi conculcado, e sobre os destroços do magestoso edificio do amor e do perdão, elles, novos phariseus, ergueram os carceres e as fogueiras!

Mas a vossa admiravel religião não mais desaparecerá da face da terra, porque o vosso codi-go, a vossa lei fundamental ficou gravada no coração da humanidade!

A inquisição data do meiado do seculo XV, e foi admittida por todos os paizes catholicos da Europa. A principio cumpria aos ecclesiasticos de nomeação do Summo Pontifice simplesmente investigar as heresias e leval-as ao conhecimento dos tribunaes ordinarios para por elles serem jul-gadas; depois foi que D. Fernando e D. Isabel de Hespanha instituiram o tribunal especial do Santo Officio.

Essa terrivel instituição fundou-se em Portu-gal, no reinado de D. João III.

Bastava a suspeita a mais infundada, o indicio o mais simples, a denuncia embora dictada pela inveja, odio e inimisade, para que o infeliz sobre quem recahia fosse logo encerrado em tenebrosas prisões, sem ar e sem luz. Ahi se lhe applicava torturas atrozes, até que o desgraçado, vencido pela dôr, confessasse muitas vezes o crime que nunca commettera, pois que só assim escaparia da morte lenta e horrorosa, embora tivesse de figurar em algum auto de fé.

Nas portadas desses carceres estava escripto o distico do inferno de Dante :

— Vós que aqui entraes, deixai lá fóra toda esperanza !

Infeliz do que descendesse de sangue israelita ! Ainda que cumprisse publicamente todos os actos do verdadeiro catholico, o seu procedimento era julgado hypocrita, e tinha de ir pagar nas marmoras e nas fogueiras o grande crime de descender de pais que professavam a religião judaica, a doutrina de Moysés !

Muitas familias desses desgraçados haviam se passado para o Brasil, confiadas na promessa do governo, de que ahi não seriam perseguidas ; mas D. João V trahiou essa promessa, mandando agentes que syndicassem do procedimento d'ellas e enviassem ao tribunal da inquisição de Lisboa os suspeitos de praticar o judaismo.

Então começaram as mais atrozes perseguições, e d'est'arte deu tambem o Brasil um grande contingente para essas tenebrosas saturnaes.

“ Os proprios Brasileiros não escaparam de semelhante flagello, concorrendo com 540 victimas para essas hecatombes, que se representavam em

Lisboa de anno a anno. Desde 1700 a 1778 celebraram-se em Lisboa 76 autos de fé, mas só de 1704 é que começaram a figurar nelles colonos do Brasil até 1767; isto é, no espaço de 63 annos consecutivos. Foi a mão poderosa do Marquez de Pombal, que alfim os libertou desse martyrio.

“ Com menos de 20 annos de idade entraram para os carceres da inquisição 11 infelizes meninas Brasileiras, entre ellas 3 de 16 annos e uma de 13, que fôra levada para reconciliar-se por culpas do judaismo. De todas essas victimas muitas morreram nos carceres do Santo Officio (Santo! que blasphemia!); algumas foram queimadas, entre ellas D. Guiomar Nunes, filha de Pernambuco, senhora rica, de idade de 37 annos, e o celebre poeta Antonio José da Silva, filho do Rio de Janeiro; de cujo lastimoso successo fez o Snr. Magalhães uma tragedia.

“ Nenhuma d'ellas voltou aos seus lares, porque, ainda sendo soltas, eram confinadas a certos lugarejos de Portugal, onde acabavam seus dias na mais espantosa miseria, visto que a primeira medida do Santo Officio era a confiscação de todos os bens em seu proveito. Maldita instituição, mais torpe que os mysterios impudicos de Beelphegor, mais infame que a estatua de Moloch. E todas essas infamias, todos essas torpezas, todas essas iniquidades se faziam em nome de Jesus Christo, que foi o archetypo da doçura, da mansidão, da tolerancia e da misericordia. Oh! a religião christã não era a desses malvados, porque elles só adoravam o bezerro de ouro e o bode de Mendes (1). ”

(1) *Socialismo* de Abreu e Lima, pag. 188, not. 2.ª

Entretanto convém dizer, que a inquisição, que fôra instituida pelos Summos Pontifices de accordo com os soberanos, foi pouco a pouco perdendo o seu character religioso e finalmente converteu-se em tribunal civil, obedecendo aos soberanos e servindo-lhes de arma para augmentar os bens do estado e chamar os subditos á mais servil obediencia. Os Pontifices Romanos tarde se arrependeram de ser os iniciadores de tão terrivel tribunal, onde quasi sempre era victima a innocencia, e muito difficil lhes foi depois arcar contra a sua propria obra! (1).

Da *lista dos brasileiros ou colonos estabelecidos no Brasil, condemnados pela inquisição de Lisboa, desde o anno de 1711 ao de 1767*, (publicação feita pelo Snr. Warnhagem na *Revista do Instit. Hist. e Geog. do Brazil*, tom. 7º), se evidencia que neste periodo foram condemnadas 221 pessoas do Brasil pela inquisição, sendo algumas dellas da provincia de Pernambuco, entre as quaes figuram as duas senhoras Guiomar Nunes e Branca Figueirôa.

N'essa lista encontra-se o seguinte, a respeito dessas desditosas Pernambucanas :

AUTO DE FÉ DE 17 DE JUNHO DE 1731.

Pessoas relaxadas em carne.

Guiomar Nunes, christã nova, de 37 annos, casada com Francisco Pessoa, latoeiro; natural de

(1) Pereira da Silva—*Biographia de Antonio José da Silva*. Alexandre Herculano—*Historia da Inquisição de Portugal*.

Pernambuco e moradora no engenho de Santo André, districto da cidade da Parahyba; convicta, negativa e pertinaz.

AUTO DE FÉ DE 20 DE SETEMBRO DE 1733.

Terceira abjuração em fórma por judaismo, etc.

Branca Figueirôa, de 74 annos, christã nova, viuva de Gaspar da Silva, homem de negocio: natural da villa de Santo Antonio do Cabo, e moradora no engenho Velho, districto da cidade da Parahyba. Carcere e habito perpetuo.

Veneraveis martyres do fanatismo!...

Se estavam em erro, para que não convencel-as da verdade?!

A religião augusta do Crucificado não quer, não aceita a abjuração obrigada, crenças impostas pela força!

Galileu, morrendo ás mãos de seus algozes dizia: *E pur si muove!*

A violencia mata, mas não convence! Dil-o bem alto a exclamação do martyr da sciencia.

Apesar de vossos crimes, oh Phariseus! a religião do Calvario irá conquistando triumphos, mas pelo perdão e pela persuasão.

D. Barbara Pereira de Alencar.

" A mulher, no exercicio dos seus deveres de mãe, de esposa, a mulher, embellecida por todas as dignidades de seu sexo, eis a fonte a que a democracia vai buscar as suas inspirações, o seu coração. "

A. ESQUIROS.

A mulher é quasi sempre victima, bem raras vezes algoz ; nisto consiste o seu maior elogio.

Em todos os dramas da humanidade vemos-a representando o seu papel, algumas vezes tripudiando e rindo no meio dos prazeres mundanos, quasi sempre misturando suas lagrimas com os gemidos dos que soffrem, com os suspiros dos que morrem, quando não são ellas mesmas as que soffrem e as que morrem !

Nas lutas politicas de nossa patria sempre se destaca o vulto sympathico de uma mulher, victima do amor e do martyrio.

Em 1710 surge D. Lourença Tavares, a *irmã* dos distinctos patriotas prisioneiros do Limoeiro

em Portugal; em 1789, na revolução de Minas, apparece D. Maria Joaquina Dorothea Seixas Brandão—a Marilia de Dirceu, *esposa* promettida ao infeliz poeta Gonzaga; na revolução de 1817 vemos D. Barbara Pereira de Alencar, *mãe* sublime, que se votou aos sacrificios por amor da causa santa de sua patria e de seus filhos.

D. Lourença Tavares já occupou a nossa attenção em um dos capitulos anteriores; a Marilia de Dirceu está fóra do plano da presente obra, que é só consagrada ás Pernambucanas: D. Barbara Pereira de Alencar fará o objecto do presente artigo: antes, porém, tratemos de descrever o drama em que tão brilhantemente figurou.

*
* *

Os sentimentos de democracia e independencia dos Pernambucanos que fizeram sua primeira explosão em 1760, iam pouco a pouco augmentando-se, excitados pela manifesta e injusta preferencia dada pela côrte Portugueza aos Lusitanos para os cargos do governo e do exercito.

Apesar do máo resultado de sua primeira tentativa, apesar de mallograda a revolução de Minas, tão cruelmente abafada, Pernambuco, longe de divorciar-se de uma causa tão nobre, tentou novo esforço, fazendo rebentar uma revolução no dia 6 de Março de 1817.

O governo da metropole foi apeado e logo nomeado um novo governo provisório, exemplo este que foi seguido pela Parahyba e pelo Rio-Grande do Norte.

No Ceará a revolução abortou com a prisão do

nosso emissario Padre José Martiniano de Alencar, que depois foi senador do Imperio.

Para as bandas do Sul havia partido José Ignacio Ribeiro de Abreu e Lima, conhecido por Padre Roma, o qual depois de conseguir a adhesão das Alagoas, a causa da revolução, partiu para a Bahia, onde foi preso e cruelmente fuzilado no campo da polvora no dia 29 de Março de 1817.

Este homem admiravel portou-se heroicamente até o instante de sua morte e, segundo diz o autor dos *Martyres Pernambucanos*, foram as suas ultimas palavras as seguintes :

“ Camaradas, eu vos perdôo a minha morte: lembrai-vos na pontaria, que aqui (pondo a mão sobre o coração), é a fonte da vida ; atirai !! ”

D'ahi data a derrota da revolução Pernambucana !

A faisca electrica da independencia, como era de esperar e como havia-se planejado, partindo desta provincia, se communicaria ás demais irmãs do norte e do sul : mas quiz a traição e o caracter servil de alguns, que ella se apagasse da parte do norte em uma enxovia da villa do Crato, e da parte do sul em uma pôça de sangue no campo da Polvora da Bahia.

As tropas marcharam contra as provincias sublevadas, ao mesmo tempo que uma esquadra bloqueiava os seus portos ; e assim receberam de suas irmãs a perseguição em vez do auxilio promettido.

As Alagoas, á vista do exercito do Conde dos Arcos, declarou-se contra a revolução, e logo após seguiram o mesmo exemplo o Rio-Grande do Norte e a Parahyba.

Pernambuco ficou só em campo e obrigado a render-se á descripção.

Seguiu se então a maior das perseguições, a mais execravel das crueldades.

No campo da Polvora ainda foram arcabusados tres patriotas distinctos e aqui na cidade do Recife nove dos principaes chefes da revolução acabaram no cadafalso.

As immensas levas de patriotas atulharam as prisões da Bahia, onde eram tratados com a maior deshumanidade.

“ Mas algumas freiras, apenas ouviram do fundo de seus venerandos claustros os gemidos dos afflictos, requereram ao Conde dos Arcos a permissão de dividirem com os pobres famintos a porção de pão que lhes tocava. Attendidas, a obra de misericordia foi executada. ”

“ As senhoras D. Rosa e D. Candida, do convento do Desterro, soccorriam tambem, como podiam, aos demais presos, com a mais pura e amavel caridade e zelo (1). ”

E'-nos muito grato mencionar na presente obra os nomes destas freiras Bahianas D. Rosa e D. Candida Luiza de Castro, que por seu amor e compaixão aos martyres Pernambucanos se tornaram dignas de nossa eterna gratidão.

Esta ultima dirigiu aos presos a seguinte colchêa :

(1) Commendador Joaquim de Mello—*Biographia de Fr. Caneca*. Vid. tambem a *Historia da revolução de 1817*, por Monsenhor Muniz Tavares.

*“ Os charos Pernambucanos,
De Olinda os filhos mimosos.*

Passaram de ser humanos,
Divinos agora são
Dentro do meu coração
Os charos Pernambucanos.
Desejara que os Bahianos
Os amassem gloriosos,
Para por elles ditosos
Terem lugar no meu peito,
Onde adoro com respeito
De Olinda os filhos mimosos.”

Os Pernambucanos reclusos nos immundos carceres ouviram a voz de sua protectora e se mostraram muito agradecidos e penhorados á digna e virtuosa senhora. Muitos d'elles responderam-lhe, entre os quaes o poeta Manoel Caetano de Almeida e Albuquerque e Fr. Joaquim do Amor Divino Caneca, que até compôz uma grammatica portugueza que mandava em lições á sua protectora. Esta grammatica acha-se inclusa em suas obras mandadas imprimir pela Assembléa Provincial de Pernambuco.

Ainda como homenagem a esta distincta senhora transcrevemos aqui duas das decimas consagradas á ella pelo litterato e martyr Fr. Caneca.

*“ De Castro os dous soberanos.
E as grandes virtudes bellas,
As porão lá nas estrellas
Os charos Pernambucanos :*

De a conhecerem ufanos
 Vivem já, e gloriosos
 O seu nome, respeitosos,
 Quanto o dêr o engenho e arte,
 Levarão por toda a parte
De Olinda os filhos mimosos.

Foi Judith em fortaleza
 Da antiga Bethulia a gloria ;
 Na Grecia antiga memoria
 Deixou Phryné na belleza ;
 Christina lá na frieza
 Do pólo fez-se inflammante ;
 Amelia na Austria possante
 Conseguiu louvor profundo ;
 E Castro é no novo mundo
Da Bahia astro brilhante.

Cumpre-nos tambem mencionar aqui as seguintes palavras do Commendador Joaquim de Mello, com relação á duas outras Bahianas :

“ Duas senhoras da cidade da Bahia, de nomes Delfina, e Custodia, foram duas, ou tres noites de sabbados tocar, e cantar, de fóra da cadeia, aos presos de Pernambuco, demonstrando assim a sympathia e respeito que lhes tinham, e quanto se lhes tornaria a situação e sorte feliz, se isto não dependesse mais que de suas vontades.”

O nosso poeta Manoel Caetano, tambem preso, fez-lhes no dia seguinte á primeira serenata algumas quadrinhas, entre as quaes citaremos as seguintes :

Quem se queixa de estar preso,
Tem nos queixumes mentira ;
Que a não vir cá, nunca ouvira
Juntos Leo, e Pergolezo.

Eu cá por mim franco fallo,
E no que affirmo não erro,
Que affronto ferro e desterro,
Tendo á noite um tal regalo.

Em Delfina um Serafim
Escuto, se á nonte canta ;
Outro em Custodia me encanta,
Feliz sou, se são por mim !

Agora que prestamos um tributo merecido ás dignas senhoras que tanto se interessaram pela sorte dos nossos comprovincianos, e fizemos uma rapida descripção da revolução de 1817, passemos a tratar da respeitavel martyr D. Barbara Pereira de Alencar.

Esta illustre heroína era filha dos sertões de Pernambuco, d'onde descende a familia Alencar ; mas estava habitando na villa do Crato do Ceará, onde tivera tres filhos que tanto se celebrisaram na revolução de 1817. Foram estes o Padre José Martiniano de Alencar, o Padre Carlos José dos Santos e Tristão Pereira Gonçalves de Alencar.

A illustre matrona, seus filhos e seu irmão Leonel Pereira de Alencar envolveram-se nas lutas democraticas de 1817 e soffreram crueis martyrios.

Eis como descreve a vida gloriosa desta invicta heroína o autor dos *Martyres Pernambucanos* :

“ as proezas heroicas de seus filhos a encheram de tão nobre orgulho, que jámais pôde encarar outro idolo, que não fosse a Liberdade: concebe-se, quanto o seu exemplo devia fazer de conquistas em um povo, que não podia negar o seu respeito a uma senhora constantemente caridosa, liberal e virtuosa: o triumpho da liberdade, sendo ephemero, não restou a D. Barbara para se immortalisar senão o seu longo martyrio: a prisão de seus tres filhos e o funesto presagio da sorte, que os esperava, começaram o seu tormento: com suas lagrimas e lamentos ensaiou enternecer o brutal coração de seu compadre Capitão-mór Filgueiras, traidor instrumento do governador Sampaio, e autor das prisões: mas só pôde conseguir d'aquelle algoz licença para ella se desterrar, com o resto de sua familia, para as suas fazendas do—Rio do Peixe—! Aqui chegaram os illustres desterrados, mas descanzaram pouco tempo: porque o feroz Sampaio mandou ordem de prisão contra ella e companhia; ordem barbaramente executada pelo general Alexandre José Leite. Preza, foi conduzida por uma grossa escolta para a mesma cadeia da villa da Fortaleza, onde se achavam ainda seus filhos: a consolação de abraçal-os foi acompanhada de um tropel de injurias, com que a plebe frenetica a insultava diariamente; e injurias tão conviciosas, que se deu por afortunada, quando com toda a sua familia foi remettida á Alçada de Pernambuco; das prisões d'esta cidade foi trasladada para os carceres da Bahia, onde penou com resignação, até que a liberdade quebrou em Portugal todos os ferros do despotismo: foi restituída a liberdade e a in-

nocencia em 1821; e logo com toda sua familia fez viagem triumphante para o seu domicilio, recebendo, em todos os lugares da sua longa peregrinação, os mais brilhantes testemunhos de respeito, admiração e acatamento: recolhida á sua casa, a Providencia lhe promette a mais feliz ancianidade: porque o vigario Miguel Carlos da Silva Sandanha continua a ser o seu guia, mestre e consolador; e seus filhos, já estão sendo, a honra, braço, e gloria da patria, e por conseguinte esmalte, e ornamento de sua mãe illustrissima.⁷⁷

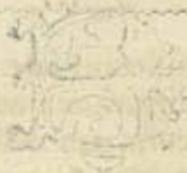
Estas palavras escriptas por um Portuguez, testemunha ocular dos factos citados, não podem de nenhum modo ser taxadas de suspeitas.

Esta illustre familia soffreu, como vimos, quatro annos de prisão, sendo solta em 1821, por occasião da amnistia geral.

O Padre José Martiniano de Alencar, um dos filhos da illustre heroína, foi logo depois eleito deputado ás côrtes de Lisboa, onde defendeu nobremente os interesses dos Brasileiros.

Por occasião da independencia do Brasil foi eleito deputado á Assembléa Constituinte, e com a sua dissolução envolveu-se na revolução de 1824. Morreu senador do Imperio.

Tal foi a vida heroica e tal a descendencia illustre da veneravel matrona Barbara Pereira de Alencar.



XVII

Clara Maria da Café Carvalhista.

“ A mulher figura em quasi todas as revoluções sociaes ou politicas. ”

No dia 7 de Setembro de 1822 proclamou-se a independencia do Brasil, por cuja ideia cinco annos antes haviamos derramado o nosso generoso sangue.

Abraçamol-a com o estremecimento e enthusiasmo de quem tanto se sacrificara para conseguil-a.

Havia poucos mezes que tinham voltado das prisões os adeptos desta causa santa, que escaparam dos cadafalsos.

Não tardou porém que o despotismo imperial viesse empanar o brilho da nossa aurora de liberdade!

A Assembléa constituinte, em quem repousavam as esperanças do Brasil constitucional, foi arbitrariamente dissolvida, sendo deportados os seus mais estrenuos deputados.

D. Pedro I, com o decreto de 12 de Novembro de 1823 dissolveu e injuriou a constituinte, convocando outra, que deveria trabalhar sobre um projecto de constituição por elle offerecido; depois resolveu que o dito projecto fosse remettido *às camaras municipaes para lhe fazerem as observações que lhes parecessem justas, e as apresentarem aos respectivos Representantes das Provincias para d'ellas fazerem o conveniente uso, quando reunidos em Assembléa*; finalmente, pelo decreto de 11 de Março de 1824 resolveu jurar e mandar jurar no dia 25 de Março, como Constituição definitiva, o projecto por elle confeccionado.

Quem não vê nestes actos do monarcha os degrãos da escada com que pretendia elle descer do solio constitucional para o solio absoluto?!

Agora accrescente-se a isto a parcialidade com que tratava em nosso desar os oriundos de Portugal, o massacre de David Pamplona e do Pernambucano Francisco Antonio Soares; accrescente-se mais o modo porque abandonou aos seus proprios recursos as provincias do Imperio, quando teve noticia de uma invasão Portugueza, e digam-nos se não haviam razões para desconfiar-se de seus planos, se não cumpria ao Brasil oppôr-se aos arbitrios desse monarcha, que se dizia constitucional?

O Brasil não cumpriu o seu dever, o dever de um povo livre, mas por honra nossa, o generoso Pernambuco tomou a seus hombros a causa de todo o Brasil, e protestou solememente contra um acto de prepotencia, que servia de base a uma monarchia constitucional!

O seu sacrificio foi visto com louvor pelos po-

vos livres, pois que elles já previam a revolta como consequencia da traição do imperador aos seus juramentos (1).

O *Constitucional* de França disse em um dos seus numeros, que a cidade do Recife era a unica do Brasil que tinha apresentado uma opposição vigorosa aos planos do despotismo (2).

Ao menos não se dirá que não sabiamos ainda sustentar dignamente a nossa independencia e liberdade!

Pernambuco recebeu a noticia da dissolução da constituinte; a junta do governo da provincia recebeu permanecer na regencia e em um grande conselho por ella convocado pediu a sua demissão; em consequencia do que foi nomeado presidente Manoel de Carvalho Paes de Andrade.

O imperador impoz como presidente Francisco Pacs Barreto, o mesmo que se havia confessado sem força moral para governar a provincia; os eleitores de Pernambuco não só resistiram a esta nomeação, como se recusaram a fazer nova eleição para deputados, uma vez que os já eleitos ainda não haviam desempenhado a sua missão, nem se achavam impossibilitados para isto; depois resolvendo o Imperador impôr-nos a sua constituição, elles se recusaram jural-a, pois que desconheciam no Imperador poder para isto.

(1) Referimo-nos aos trechos do *Times*, *Chronicle*, *Correio Francez*, *Argos* de Buenos-Ayres, *Aurora* de Montevideo e o *Portuguez* da Inglaterra, citados no *Typhis Pernambucano* n. 25.

(2) Vid. o n. 28 do *Typhis Pernambucano*, redigido por Fr. Caneca.

Foram estas as causas justissimas da *Confederação do Equador* que, comquanto abortasse, serviu de muito á nossa liberdade, dando exemplo para que em 1831 este monarcha, que não se sujeitava á esphera do constitucionalismo, se visse obrigado a abdicar.

“Pernambuco, o povo mais energico e livre de toda a America Portugueza, no conceito do *Argos* de Buenos-Ayres, *defensor da liberdade Brasileira*, na expressão do Imperador, não decahiu dos juramentos prestados á face de Deos e dos homens de derramar a ultima gotta de sangue antes que arraste novos grilhões do captiveiro (1).”

Attentos os actos de absolutismo de um monarcha que, havia poucos mezes, tinhamos collocado no nosso throno e que fazia-nos receiar de nossa independencia, tomamos a resolução de constituir-nos em republica federativa, acompanhados mais ou menos pelas provincias do norte, sempre nossas companheiras nos tentamens nobres e arriscados.

Manoel de Carvalho, o presidente da Confederação do Equador, não era homem que se impozesse pela autoridade de que estava revestido.

Para determinar-se ácerca das imposições e prepotencias da cõrte, reunia sempre o conselho dos eleitores da provincia e obrava de accordo com a opinião publica.

Em virtude da deliberação do conselho, não concordou com a constituição imposta por D. Pe-

(1) Fr. Caneca—jornal *Typhis*.

dro I, e resolveu fundar um estado em separado, uma vez que é livre a qualquer povo, ao constituir-se, se separar da communhão, desde que o pacto fundamental em que ella assenta não lhe agrada.

Foi o que fez Pernambuco, proclamando-se em republica federativa.

Desde então começou a luta.

Appareceu no nosso porto a fragata *Nitherohy*, commandada por João Taylor, estabeleceu o bloqueio, e em uma noite bombardeou a cidade. Por este tempo o brigadeiro Francisco de Lima e Silva, commandando a brigada expedicionaria do Rio de Janeiro, desembarcou na Barra Grande, e reunindo-se ás tropas da parcialidade de Francisco Paes Barreto, caminhou sobre a cidade do Recife, distribuindo em sua passagem proclamações incendiarias.

Na manhã do dia 11 de Setembro de 1824 enviou uma intimação a Manoel de Carvalho para que lhe entregasse a cidade, e quando este se dirigia ao acampamento das suas forças e procurava reforçar o unico ponto por onde elle podia passar para cair sobre o Recife, teve a desagradavel noticia de que já havia passado. Em consequencia disto, sendo impossivel juntar-se ao seu exercito, tomou uma jangada, e não podendo desembarcar em virtude do fogo que se fazia na praia, recolheu-se a bordo da corveta ingleza *Tweed*, d'onde tratou de estipular a capitulação, que não foi aceita.

As tropas imperiaes tiveram alguns encontros com os Carvalhistas, nos Affogados e na Boa-Vista, havendo perda consideravel de parte a parte.

No dia 1.º de Dezembro de 1824 prestou-se na cidade do Recife o juramento á constituição do Snr. D. Pedro. O exercito Carvalhista em parte dispersou-se e em parte andou foragido pelos sertões do norte, capitulando no dia 27 de Novembro, attentas as artimanhas do major Lameinha, que conseguiu illaquear a sua boa fé.

Então começou a mais negra das perseguições!

Dezeseis patriotas foram assassinados pelas commissões militares, sendo 8 em Pernambuco, 5 no Ceará e 3 no Rio, além de 10 que foram condemnados á morte e que por ausentes se permittiu que fossem mortos por qualquer pessoa, e muitos outros que seguiram o caminho do degredo.

E estes tão *salutares* exemplos trouxeram como consequencia a retirada do *liberal* monarcha em 1831.

Foi paga a divida de gratidão! . . .

Agora voltemo-nos para a heroína Clara Maria da Café Carvalhista, de quem bem pouco nos é dado dizer.

O seu nome não figura em nossas chronicas, os jornaes do seu tempo não lhe consagram uma só palavra, entretanto ainda hoje vive no coração e na memoria dos Pernambucanos que ouviram seus feitos da bocca dos revolucionarios de 1824, seus companheiros d'armas.

Em seu nome está escripta a sua historia. Chamava-se *Clara*, e como a heroína indigena do mesmo nome, ella atirava-se ao calor das pugnas, e com a espada em punho parecia o genio das batalhas.

Adheriu a causa do presidente Manoel de Carvalho que era a causa de Pernambuco, e no meio

de nosso exercito figurou nos renhidos combates da ponte dos Carvalhos, de Affogados e Boa-Vista e se appellidou *Carvalhista*.

Era a mulher *atirando com o seu coração na balança* em que se pezavam os destinos da patria !

Em qualquer região que a contemplemos, já nos campos da batalha, já no lar domestico, reclinada ao peito de seu pai ou esposo, a mulher é sempre a mulher, isto é, o anjo tutelar, a protectora, a guia, a amiga, a companheira do homem.

Judith, penetrando no arrayal de Holophernes e vingando sua patria, Joanna d'Arc, montando um bello ginete côr da neve, á frente de milhares de bravos, Carlota Corday, corando depois de guilhotinada á bofetada que a mão immunda do carasco lhe imprimiu na face, representam o heroismo, a abnegação, o patriotismo.

Ahi, a mulher é admiravel, é digna de respeito e veneração, mas parece-nos que representa um papel que não se harmonisa com sua fraqueza, com sua natureza.

Agora contemplemos Virginia, sendo martyr de sua castidade, Lucrecia sendo victima da fidelidade conjugal, a desventurada Agar, atravessando o deserto com seu filhinho nos braços, Moema, Arco-Verde, Sancha Coutinho, victimas do amor, e tantas outras, e então a mulher não é só admiravel, é mais ainda—é sublime, é divina.

Cerca-lhe a fronte radiante pelo martyrio e pelo amor a aureola da virtude, da divindade.

Clara Carvalhista é uma dessas heroínas que nos momentos supremos lutão contra a fraqueza do seu sexo, identificam-se com a causa de seus ir-

mãos e arrojam-se ao campo do combate, levadas pela embriaguez ou loucura do heroísmo.

Sabem que nada podem, mas se aprazem em estar ao lado de seus irmãos, partilhando de seus sofrimentos, de seus perigos.

Ainda hoje existem na provincia pessoas que foram suas companheiras no combate e que referem seus feitos com ardor e enthusiasmo.

Foi uma estrella fugaz : appareceu no céu tempestuoso da revolução, luziu, brilhou, e quando o vendaval passou, desappareceu, sumiu-se com elle!

XVII

Anna Aurora de Jesus Ribeiro.

“ A mulher recebeu por missão a sensibilidade ; o seu throno é esse.

D. ANTONIO DA COSTA.

Eis-nos em face do anno de 1848 !

Epocha terrivel em que se pozeram em campo todas as paixões, todos os sentimentos, todas as ideias ; em que se congregaram na arena do combate todas as aspirações, todos os nobres instinctos, de envolta com odios antigos, interesses pessoais, ambições mesquinhas.

Cataclysmo horrivel, que fez tremer toda a Europa e com ella todo o mundo ; volcão medonho, que estourou alem-mar e cujas lavas até á nossa cara patria se estenderam ; vendaval atterrador, que começando nas ruas de Milão, em poucos mezes envolvia toda a humanidade em seu vol-tice immenso ! E entretanto quantos sentimentos oppostos, quantas ideias diversas, quantos principios antagonicos, quantas pretensões gene-

rosas em face de tantas aberrações da razão, e até dos sentimentos os mais vulgares!

Aqui era a tyrannia a lutar com a liberdade, allí o absolutismo com o constitucionalismo, além era a aristocracia que não podia soffrer os triumphos da democracia e procurava reivindicar seus fóros de nobreza, mais longe era um imperio que se erguia, um governo que se dissolvia, uma instituição que se creava, e em torno de todas estas lutas ora generosas, ora horripilantes, ora progressivas, ora retrogradadas, em que se chocaram as armas de irmãos contra irmãos, pairava sempre funesto e terrivel o bando esfaimado dos interesses pessoaes, das paixões nojentas, dos odios inconfessaveis, dos instinctos ferozes!

Eis, em summa, o que foi o anno de 1848, anno que occupa um ponto saliente na historia de toda a humanidade!

A Italia procura expellir os barbaros do norte e firmar de novo a unidade Italiana; a França, onde a realleza tombou no dia 24 de Fevereiro, não satisfeita com o governo republicano, tenta alcançar as reformas sociaes; a Allemanha se apresenta tambem em campo, lutando pela sua unidade e pelas reformas sociaes e politicas; e a chamma intensa que se levantava da immensa fogueira civil e enchia os horisontes de manchas vermelhas, communica-se a quasi todos os paizes do globo, que por sua vez se abraçam e se dilaceram.

A provincia de Pernambuco viu-se tambem a braços com a guerra civil!

Este furacão terrivel, que sublevou e revolveu toda Europa, que agitou as camadas sociaes desde a primeira até ás ultimas, que varreu com

o seu sopro devastador as ruas de Paris, Vienna, Berlin, Genova, Florença, Napoles, Frankfort e tantas outras, este cataclysmo que se estendeu, que se augmentou, que se dilatou, esmagando com seu abraço medonho cidades, povos, governos e reinos inteiros, soprou tambem nas ruas do Recife no dia 2 de Fevereiro de 1849, provando que o povo Pernambucano ainda existia, pois que ainda se agitava, ainda combatia, não por amor de interesses mesquinhos, mas por amor de uma ideia, de um principio.

Entretanto a luta foi medonha, foi terrivel, porque foi uma luta fratricida, uma luta de irmãos contra irmãos!

Mas ainda é cedo para apreciarmos esta revolução, que tanto enlutou a nossa provincia.

Estendendo um véo sobre este vasto campo de desolação e de carnificina, contemplemos uma scena admiravel que se passou nessa epocha, na capella de Belém, nas proximidades do Recife, na qual a nossa heroína, Anna Aurora de Jesus Ribeiro, surge radiante de amor e de humanidade, no meio de irmãos que se odiavam, que se matavam, procurando, qual anjo tutelar, salvar uma victima já cadaver, dos insultos e das iras da facção vencedora.

E' o Snr. Dr. Aprigio quem falla, no mesmo lugar da scena, depois de passados alguns annos.

Ouçamol-o!.....

“Ha um quarto de seculo hoje!.... Talvez n'este mesmo instante que passamos.... Como que vejo pelas lucidas intuições do sagrado sentimento liberal, que me ferve no peito....

“Entravam por aquella porta silenciosos e tris-

tes, como patriotas feridos no coração na hora das angustias da patria que lhes pede os serviços.... entravam por aquella porta dez ou doze homens, pé ante pé, coitados! como uns ladrões.... Sim, gloriosos ladrões, que vinham esconder um glorioso thesouro! Traziam elles.... curvemos a cabeça! traziam o cadaver de Joaquim Nunes Machado, que jurou morrer por uma causa santa e morreu!

“ Aqui, no chão que pisamos, depositaram a preciosa carga, e voltaram a vencer ou morrer, e fiaram do Anjo da Liberdade, que resguardaria os venerandos restos....

“ No outro dia chegou o vencedor feroz farejando a carniça.

“ A Capella era muda e cerrada.

“ As chaves tinha-as em deposito uma mulher, essa velhinha heroica que para ahi vive acurvada ao peso dos annos, e a quem, minhas senhoras, ao sahirdes d'aqui, ireis em piedosa romaria, eu o espero, levar uma palavra e um obulo de conforto, porque é ella um anel da cadeia de gloria das Pernambucanas.

“ Mulher heroica, disse eu e repito; porque o heroismo cifra-se muita vez n'um lampejo da Divindade, que passa rapido, e deixa rasto eterno, como tudo que é divino (1).

(1) “ Anna Aurora de Jesus Ribeiro, viuva de Ignacio Ribeiro de Mendonça, que era o zelador da Capella. Tem setenta annos de idade, e ha dous que está paralytica sobre a cama. Tendo-se occultado o marido, e não querendo entregar a chave, foi seveciada e presa, chegando a ser levada até o quartel do corpo de policia do Recife, *sem*

“ Oh ! figuremos :

“ A estrada é deserta. Os janizaros do poder ahi estão armados até os dentes, e cobardemente ufanos, porque o cedro tombou “ Dá-nos a chave ! ” bradaram á pobre mulher. “ Não a tenho, não a dou ! ” respondia ella com a tranquillidade de martyr. Foi sublime ! Levantaram contra ella mãos violentas, prenderam-n’a, e não tiveram a chave ! Foi sublime !

“ Para guardar os preciosos restos de Nunes Machado, uma filha do povo, uma dessas heroínas, que dizem um dia quatro palavras, e nunca mais fallam. Sabia a pobre mulher que nada podia ; mas, como que lhe fallava á alma a energia do patriotismo Pernambucano.

“ Ao menos obrigar-os-has ao vandalismo do arrombamento ! Ao menos não se dirá, que esse cadaver não teve uma guarda fiel, uma guarda que não se rendeu, a guarda de uma mulher ! ”

“ Eis o que lhe segredava o anjo da liberdade.

“ Ide beijar a mão dessa velhinha, minhas senhoras, que só com isso fez-se ella uma honra do vosso sexo, um symbolo do patriotismo Pernambucano ! . . . ”

Anna Aurora de Jesus Ribeiro, tal é a heroína que mereceu do grande orador Pernambucano estas palavras tão repassadas de eloquencia e de entusiasmo !

duvida pelo crime de guardar o cadaver de Nunes Machado !!! Estas informações nos foram ministradas pela propria Anna Aurora, que indicou o lugar onde esteve depositado na Capella, o cadaver do patriota Pernambucano.”

Nasceu ella nesta provincia ao alvorecer do seculo XIX, provavelmente no anno de 1803 á 1804.

Casou-se com Ignacio Ribeiro de Mendonça, que em 1849 era o zelador da capellinha de Belém.

Ao approximar-se da capellinha o bando vencedor, em busca dos restos mortaes do grande martyr, Ignacio Ribeiro de Mendonça desaparece para não ser intimado a entregar a chave d'ella; Anna Aurora de Jesus Ribeiro resiste heroicamente ás ameaças dos soldados, e foi arastada até o quartel de policia, que então era situado na actual rua Larga do Rosario da freguezia de Santo Antonio do Recife. E entretanto não entregou as chaves!

Ella bem sabia que queriam expor á injuria e ao escarneo os restos de Nunes Machado, que se transportaram para o convento de S. Francisco, dentro de uma rêde immunda e nojenta!

E basta! nem mais uma palavra sobre tão nefasto acontecimento.

Anna Aurora de Jesus Ribeiro, em 1872 cée paralytica sobre a cama, onde a foram encontrar dous annos depois, como vimos, aquellas Pernambucanas que ouviram sua historia nas palavras do Dr. Aprigio Guimarães, ha pouco citadas.

Foi uma homenagem bem merecida!

O dia 5 de Julho de 1876 foi o mercado para a desaparição do anjo de amor e de bondade, que foi pousar junto ao solio daquelle que é todo bondade e todo amor! (1)

(1) Na *Provincia* n. 911, de 8 de Julho de 1876, lê-se o seguinte:

“NUNES MACHADO.—A mulher heroica, que recusou-se

No *Ensaio*, que então redigiamos, assim noticiamos o occaso desse astro :

Falleceu no dia 5 deste mez (Julho de 1876) a heroína Pernambucana, que com toda intrepidez defendeu quanto pôde o cadaver de Nunes Machado !

Recusou-se a dar a chave da Capella em que estava depositado o seu cadaver, muito embora as ameaças e as offensas da turba vencedora !

Não foi o heroismo de Judith, cravando o punhal no peito de Holophernes, não foi a bravura de Joanna d'Arc, marchando contra os inglezes á frente de 8,000 homens, não ; foi o heroismo do silencio, immovel—“de braços cruzados.”

Ao menos não se diga que o patriota Pernambucano não teve um anjo que velasse sobre os seus restos !

Honra á memoria da heroína !

a entregar o cadaver do grande patriota ás furias de Figueira de Mello, sendo por isso açoutada e amassada de couces d'arma.... Anna Aurora de Jesus Ribeiro, falleceu a 5 do corrente. Já se encontraram as duas grandes almas : a do Pernambucano heróe com a arma na mão, a da Pernambucana heroína, com os braços cruzados !

Paguemos o ultimo tributo á memoria da heroína Pernambucana ! ”

XVIII

D. Alexandrina Francelina de Souza Marinho

E A AUTORA DO DRAMA

BRANCA DIAS DOS APIPUCOS

“ A influencia da mulher nas artes, nas letras, na poesia, nas manifestações todas do bello ,teem-na demonstrado os seculos. ”

D. ANTONIO DA COSTA.

A mulher exerce sua poderosa influencia nas artes e nas letras, já servindo de fonte inspiradora aos poetas e aos artistas, já sendo ella mesma a cultivadora intelligente e esmerada das letras e das artes.

Desde a mais remota antiguidade, seu imperio se fez sentir, já inspirando os cantos dos poetas, os bellos quadros de Raphael, Ticiano e Zeuxis e já as esculpturas de Phidias e Praxiteles.

A par de Pericles nós vemos a celebre philosopha Aspazia, que lhe serviu de mestra, a par

de Socrates figura Diomita, a par de Platão surge Hypathia.

A mulher, com seu espirito intelligente, com sua imaginação viva e creadora, com seu gosto apurado e delicado, cooperou activamente para o progresso das artes e das sciencias.

E' na poesia sobretudo, que ella se tornou notavel; desde os tempos primitivos até hoje, porque é a poesia a mais eloquente manifestação do bello, de que é ella a personificação.

A celebre Myrtis foi mestra de Pindaro, o grande poeta lyrico da Grecia, e Corina, a poetisa de Tanagro, a musa lyrica, venceu-o cinco vezes nos Jogos Olympicos, nos publicos certamens poeticos. Sulpicia, esposa do philosopho Calenus, escreveu contra Domiciliano, o inimigo das lettras, uma satyra modelo, que dá a copia do seu grande talento. Sapho, a poetisa de Lesbos, denominada —a decima musa—enriqueceu a poesia com os versos Saphycos, e Jambes criou os versos que têm o seu nome.

A par de Homero surge Téspia, a par de Ovidio apparece Mya, a par de Camões vê-se Isabel de Castro.

E como não ser assim, se a mulher é o sentimento, se o sentimento é a verdadeira poesia?!

Depois de Rita Joanna de Souza appareceu em nossa provincia D. Alexandrina Francelina de Souza Marinho que, como aquella, dedicou-se á poesia e á arte, e depois de D. Lourença Tavares surgiu a autora do drama *Branca Dias dos Apipucos*.

Pouco e bem pouco poderemos dizer de D. Alexandrina Francelina, porque foram improficuas as nossas investigações.

Uma circumstancia extraordinaria fel-a apparecer e brilhar, mas passada esta, recolheu-se de novo á agradavel placidez do lar, onde não nos foi possivel acompanhá-la.

Movida por um impulso de jubilo e enthusiasmo, pela visita de SS. MM. Imperiaes a esta provincia, em 1859, appareceu perante elles, saudou-os com versos entusiasticos de sua composição, brindou-os com os seus trabalhos artisticos e desapareceu!

Como homenagem ao seu talento transcrevemos aqui o que a seu respeito se publicou nas *Memorias das viagens de SS. MM. Imperiaes em 1859.*

1 de Dezembro

“ Ás horas 6 e meia a Sra. D. Alexandrina Fran- celina de Souza Marinho teve a honra de ser admit- tida á presença de SS. MM., a fim de offerecer- lhes um delicado brinde, producto mimoso do seu trabalho e arte, o qual consistia n’um ramo de flores de cêra, feitas com tão esmerada perfeição que inteiramente se confundiam com as naturaes. Este ramo foi apresentado com os seguintes ver- sos, tambem de sua composição :

A S. M. A IMPERATRIZ.

Filha querida da formosa Napoles,
Que ao Throno do Brasil dais lustre e gloria ;
Archanjo tutelar a cujo abrigo,
Vive o Rei, vive o povo e vive a historia.

Estrella fulgurante, em céos de rosa,
 Que se anima da luz do sol fulgente :
 Meiga estrella polar de um povo livre
 Que sob as patrias leis marcha contente.

Vós que sois da orphandade o verbo grato,
 Da chorosa viuvez consôlo e amparo ;
 Que sois do pobre arrimo e a nossa gloria,
 Nosso archanjo de luz tão santo e charo ;

Consenti que a pobreza humilde, amante,
 De perto vos contemple extasiada,
 Deixando a vossos pés mesquinha off'renda
 Do imo coração, d'alma arrancada.

São flores— : mas são flores que não vição
 A's gratas primaveras do paiz ;
 Fil-as eu, pobre artista, e as deposito
 Aos pés da minha santa Imperatriz.

“ A Sra. D. Alexandrina offereceu igualmente a S. M. o Imperador uma bella corôa, cuja base era composta de um circulo de rosas brancas de Alexandria, obra de subido trabalho artistico, e digna da maior apreciação por ser sua unica materia prima—a cêra. Este brinde foi acompanhado da seguinte poesia :

A S. M. O IMPERADOR.

Eis-me hoje a vossos pés. Monarcha eximio,
 Temerosa, porém de prazer cheia ;
 Pobre orphã, educada na pobreza,
 A vergonha e o pudor a voz me enleia.

Porem, que importa a voz trema, vacille,
Diante de tão grande magestade?
Oh! meu Imperador! se hoje me anima
Meu amor, meu dever, minh'humildade?

Sim, Senhor! já de ha muito que minh'alma
Por este dia excelso suspirava;
Beijar a vossa mão, ver-vos, amar-vos,
Era tudo o que eu mais ambicionava.

Nas tennes cordas do instrumento rude,
Digna de vós, não tenho uma canção;
Tão pobre como é, dirá sómente
A mais pura e fiel dedicação.

Meus versos, como os lyrios da campina,
Que nascem sem cultura e sem desvelos,
N'alma os burila a mão do sentimento
Sem arte, sem saber, toscos, singelos.

Despidos de lisonja e falsidade,
Não sabem se adornar de falsas cores,
Exprimem de minh'alma o puro affecto,
São simples e modestos como as flores.

Ah! Senhor, vós que sois tão indulgente,
Sabereis desculpar minha ousadia:
Recebei minha offrenda; é d'alma, é pura,
E se eu tivesse mais, eu mais daria.

Estas flores, Senhor, a que eu dei vida,
Que ousaram minhas mãos entreleçar,
Permitti que hoje venha humildemente
A's plantas do meu Rei depositar.

Será sempre de flores matizado
O Imperio do Monarcha Brasileiro,
Que amor, dedicação, fidelidade
Eterno vote-lhe o Brasil inteiro.

Somos o povo de um tão bom Monarcha,
Somos o povo mais feliz do mundo,
Temos a gloria de ser livre, amando
Nosso Rei, nosso irmão, Pedro Segundo.

“ SS. MM. dignaram-se receber estas offeras
com as mais vivas demonstrações de agrado.”

Finalisamos o que temos de dizer sobre tão distincta senhora, transcrevendo a poesia com que fez as despedidas aos illustres hospedes, a qual, como as outras, prima pela elegancia e simplicidade.

A S. M. A IMPERATRIZ.

“ Recife, despe as gallas que te ornão
D'esses dias de jubilo e prazer ;
Vais ficar solitaria, muda e triste,
As ancias da saudade vais soffrer.

O astro puro e bello, que teu solo
Veio inundar de luz resplandecente,
Vai, envoltos no manto da tristeza,
Os teus filhos deixar presentemente.

Anjo mimoso, pura flor de Napoles,
Que a nós vieste com bondade honrar,
Os ais escuta d'este povo amante
N'esta hora triste em que nos vais deixar.

Para consôlo de tão bons vassallos,
Que te consagrão tão sincero amor,
Dize que ainda voltarás um dia
Sanar as magoas de tão justa dor.

Pedro e Thereza, esses nomes caros,
Em nossas almas vão ficar gravados,
Suas virtudes, paternaes carinhos,
Serão a nossos posteros lembrados.

Esses que moços hoje te adoram,
Por ti jurando dar a propria vida,
Aos filhos seus repetirão saudosos,
A ventura d'esta epocha querida.

E esses anginhos suas mãos juntando,
Em suas puras vozes infantis,
Hão de implorar mil graças ao Eterno,
Por seu Imperador e Imperatriz.

Para a côrte parti, charos monarchas,
Pernambuco deixai entre afflicções;
Mas de tão nobre povo ficai certos,
Que levais para sempre os corações.

Nos braços estreitando as filhas ternas,
De vossos corações gratos penhores,
Dizei-lhes que tambem lhes dedicamos
Nossos peitos fieis, nossos amores.

E d'esta minha lyra tão singela
Que de vós tristemente fez-se ouvir,
Dai que en ouse arrancar inda este canto
Com ingenua expressão do meu sentir. ”

*
* *

O desejo de darmos um trabalho completo, faz-nos escrever neste lugar algumas palavras sobre a autora do drama historico *Branca Dias dos Apipucos*.

Sem que possamos ao menos mencionar o nome da distincta escriptora, que ficou occulto pela sua modestia, sem que lêssemos o seu drama, que não nos foi possível encontrar, todavia seria uma grave injustiça excluil-a desta galeria, uma vez que possuímos um juizo critico sobre o seu trabalho, que nos dá prova cabal do seu merito litterario.

Funda-se a peça dramatica na historia já por nós descripta da guerra dos mascates e das perseguições do tribunal da inquisição. E' protogonista de dito drama uma senhora de Apipucos—Branca Dias—que, sendo perseguida pela inquisição, atira, segundo diz a lenda popular, com toda a sua prata no rio que passava por seu engenho, e que em razão disto se ficou chamando—Rio da Prata.

O Dr. Torres Bandeira escreveu o juizo critico de que fallamos e publicou-o com o pseudonimo de *Abdallah-el-Kratif*, no *Diario de Pernambuco*, com o titulo: *Juizo critico sobre Branca Dias dos Apipucos, drama fundado n'uma lenda patria do seculo XVIII, por uma Pernambucana*.

Sem que possamos nada mais acrescentar sobre a illustre escriptora, limitamo-nos a transcrever aqui o final da apreciação do Dr. Torres Bandeira, que é de sobra para recommendar o valor

litterario do dito drama e justificar a inclusão, nesta galeria, da illustre Pernambucana.

“Um drama é sempre um drama, uma obra em que a imaginação e o engenho devem apparecer e desenvolver-se em toda a força da sua sublimidade e grandeza; e já não é para desprezar uma composição desta ordem, quando vem apresentar sob as formas elegantes d’arte a historia de um facto, do qual a poesia e a litteratura nacional podem extrahir, assim como de muitos outros, superabundante materia para quadros de extraordinaria belleza, de preciosos encantos, e de elevadissimo brilho natural.

Por outro lado a exposição da acção dramatica está concebida e feita com toda a regularidade, quanto aos costumes, ás ideias, aos factos e ás personagens do periodo a que se refere.

Consultando-se a historia, se reconhece que as principaes autoridades da provincia naquelle tempo são essas mesmas que a autora faz figurar no seu drama, com os seus nomes proprios, e exercendo differentes cargos, e que além disto, as caracterisou, assim como a todas as outras personagens, com aquelles sentimentos que naturalmente cabiam a cada uma dellas.

Não menos fiel na parte que diz respeito aos successos que então se deram e na pintura que traça de todas as occurrencias politicas e sociaes de então, a autora nos faz ver, no correr da acção dramatica, a relação exacta dos factos que mais ou menos se prendem aos diversos episodios.

Referindo-se logo no principio da composição ao levante dos mascates, pinta com delicadeza o espirito, que então dominava; e não ha ahí Bra-

sileiro que, tendo lido, ao menos por uma vez, os annaes historicos de Pernambuco, ignore as consequencias, os resultados e funestas eventualidades, a que essa guerra, occasionada pela elevação da villa do Recife, nos annos de 1710 e 1711, arrastou esta provincia, abrindo uma luta de morte entre os Portuguezes ou *mascates* e a nobreza.

E' tambem sabido, á vista da historia, que em 1711, Duguay Trouin occupou a cidade do Rio de Janeiro, que movimentos politicos de alta importancia tiveram lugar naquelle periodo, no qual por certo, não estava extinto o frenesi das paixões religiosas, augmentadas cada vez mais pelos absurdos excessos do despotismo colonial.

A autora pois collocou os acontecimentos onde lhe cumpria collocar; descreveu bem as particularidades da epocha; fez intervir com fortuna o auxilio do elemento historico, onde elle podia e devia caber; desenhou os caracteres moraes com as cores proprias para melhor serem comprehendidos, e respeitou as condições da verosimillança no expor da acção, em que se funda o drama.

Quanto á moralidade, é facil de ver que esse necessario resultado a que devem tender todas as composições dramaticas, se manifesta com especialidade, pois a nada menos aspirou ella do que a pôr-nos diante dos olhos um quadro em que se deixam ver os excessos do fanatismo religioso, a insaciavel cobiça do ouro, os extremos de um amor infeliz. e as consequencias de todas estas paixões."

XXX

D. Maria Alexandrina Sá Barreto—D. Marianna Amalia do Rego Barreto.

Vossos golpes, Senhor, não se mataram ;
E eu quero, alli, o Paraguay vencendo,
Revingar-me de vós, por vós inoírrendo.

V. PALHARES.

Em 1865, depois da invasão do Matto-Grosso, o Brasil declarou guerra ao governo do Paraguay.

Pernambuco, a provincia revolucionaria, rebelde e proscripta, apresentou-se com suas irmãs para vingár a honra nacional, e pondo de parte os justos resentimentos contra o governo da cõrte, offereceu-se para desaggravar a patria offendida.

O poeta Pernambucano interpretou fielmente o patriotismo e a generosidade desta terra nas seguintes estrophes, que fazem recordar a sua historia de martyrios e de heroicidades.

Que os aulicos as leiam e meditem na lição que ellas encerram.

—Suppuz que en, maldita, pisada, cuspida,
Que eu, reproba e martyr, podia jazer
No fundo sombrio de minha guarida,
A' espera, sómente, de em breve morrer,

—Pois, já que é preciso que eu lá me sacuda,
—Judith vingativa de adaga na mão ;
Sinistra invencivel lá vou : Deos me escuda
Arreda *gaucho* ! Dá campo ao leão !

Sim, ha muito de admiravel neste procedimen-
to, ha muito de generoso neste perdão, ha muito
de grande nesta defeza.

Outr'ora, quando em Roma o povo era o pro-
letario, isto é, uma *cousa* sem dignidade, sem di-
reitos, muito abaixo dos cidadãos e um pouco aci-
ma do escravo, viu-se um espectáculo bem digno
de serios estudos daquelles que governam.

Se não fosse para dar lições do que serveria a
historia ?

Quando o povo romano, que não tinha perso-
nalidade, mas que raciocinava, convenceu-se de
que para elle só estava reservada a guerra, a op-
pressão, a tyrannia e a escravidão, e que aos pa-
tricios cabia gozar e governar ; depois que esta
insignificancia de que ninguem fazia caso, senão
nas horas extremos, se acapacitou de que não de-
fendia a patria, mas os privilegios dos patricios,
dos seus senhores ; viu-se uma cousa extranha,
até então não succedida, a mais admiravel das
vinganças.

E então o que fez o povo proletario ? ! Nada,
cousa nenhuma. Absteve-se de obrar, retirou-
se de Roma e acampou no Monte-Sagrado, onde

foi procurado e implorado pelo senado que logo lhe soube fazer concessões.

Eis a guerra sem armas, eis a vingança sem sangue.

Que muito era que Pernambuco sempre tratado pelo sul com desprezo, com manifesta parcialidade, cruzasse os braços, e se vingasse com a indiferença?

Que muito era que respondesse como o povo romano ao appello do governo:—Vá quem quiser. Vós que gozais dos privilegios, defendei-os!

Entretanto assim não fez!

Sempre insultado, sempre velipendiado pela côrte que acabou por matar-lhe a nobre independencia, esqueceu todas estas offensas e foi combater em prol da causa commum.

Ainda é o mesmo poeta que lhe diz:

Sê grata, já que és maldita.

Sê martyr, já que és proscripta.

—Bastarda-- salva teu pai.

Se nada tens na partilha

Embora, tu sempre és filha;

Esquece . . . perdôa-o, vai!

E assim foi! De todos os pontos surgiram como por encanto legiões de voluntarios, e esta cidade viu absorta o embarque de milhares de homens, que iam conquistar os louros da victoria nos campos do Paraguay.

De todas as classes da nossa sociedade sahiram soldados, e até os academicos do Recife offereceram-se para engrossar as fileiras de voluntarios, e apesar de não ser aceito o sacrificio pelo governo

imperial, muitos d'elles se incorporaram nos nossos batalhões.

Os jornaes do dia não se cansaram de registrar os nomes de novos voluntarios e de commemorar os feitos estrondosos de nossos comprovincianos.

Na memoravel batalha de Riachuelo sobresahiu o vapor *Parnahyba*, que tinha a seu bordo a 1.^a e 6.^a companhias do 9.^o batalhão de infantaria de Pernambuco.

Em seu tombadilho foi picado a espada o grande Capitão Pedro Affonso Ferreira, que combateu como um Titão, cabendo-lhe a palma do martyrio de envolta com os louros da victoria.

O seu ultimo suspiro de moribundo confundiu-se com os hymnos do triumpho.

Deixando de parte todas as acções grandiosas desta luta de 5 annos, tratemos apenas de commemorar o heroismo de duas Pernambucanas que figuraram nesta epocha.

D. Maria Alexandrina Sá Barreto é digna de um lugar nesta galeria, a par de Maria de Souza, Beatriz de Albuquerque e tantas outras, que nada tinham a invejar das antigas matronas de Sparta, na coragem e firmeza d'alma. Mães admiraveis que, comprimindo o coração, enviam seus filhos para combater em prol da patria.

O *Jornal do Recife* de 23 de Agosto de 1865 assim se exprime em sua gazetilha, sob o titulo: *Procedimento heroico*.--A Snra. D. Maria Alexandrina Sá Barreto, apresentou hontem ao Snr. Conselheiro Presidente da provincia, seu filho Antonio de Albuquerque Sá Barreto, para assentar praça no batalhão de *Voluntarios da Patria*. E' este já o terceiro filho que esta respeita-

vel senhora faz seguir para a campanha, em defeza da honra e da integridade da sua patria. Quando a historia commemorar um dia os feitos heroicos da nossa provincia, a par do nome da Pernambucana illustre D. Maria de Souza, ha de figurar o da Sra. D. Maria Alexandrina Sá Barreto, como um outro exemplo admiravel de civismo e amor patrio."

Igual prova de dedicaçãe e heroismo nos apresenta uma pobre velha dos arredores de Meaux, que já havendo perdido seu esposo e tendo dous filhos no exercito, não vacilla em dar o mais joven e responde com tranquillidade ao capitão que o não queria aceitar: Levai-o, pois que a patria necessita do serviço de todos os cidadãos.

D. Maria Alexandrina Sá Barreto, como a viuva dos arredores de Meaux, será sempre um exemplo vivo da mais admiravel abnegaçãe por amor á patria.

* * *

Agora passamos a registrar outro facto que sobremaneira honra esta provincia, berço da joven voluntaria da patria D. Marianna Amalia do Rego Barreto.

No dia 12 de Setembro de 1865 apresentou-se perante o Snr. Conselheiro Lustosa Paranaguá, que então presidia esta provincia, o Snr. Sidronio Joaquim do Rego Barreto, offerecendo-se como voluntario com dous irmãos e uma irmã de 18 annos de idade, D. Marianna Amalia do Rego Barreto, que se prestava a ir mitigar as dores dos nossos guerreiros feridos, servindo-lhes de enfer-

meira nos hospitaes e nos campos da batalha. S. Exc., louvando uma acção tão nobre e humanitaria, aceitou os seus offerecimentos e permittiu á joven Pernambucana usar do uniforme militar e das insignias de 1.º cadete.

A noticia de tão admiravel abnegação causou grande entusiasmo na cidade da Victoria, seu berço natal, e os seus comparochianos, imitando o nobre exemplo, formaram uma brilhante phalange, que partiu para os campos do Paraguay, incorporada ao 5.º batalhão de voluntarios desta provincia.

No dia de sua retirada da cidade da Victoria, a joven Marianna Amalia, vestida a militar, com um saiote amarello bordado de verde, e tendo no braço a estrella de 1.º cadete, postou-se á frente de seus companheiros de dedicação e despediu se de seus queridos comparochianos, pronunciando a seguinte allocução, que foi publicada no *Diario de Pernambuco* de 12 de Outubro de 1865:

“ Briosá corporação da guarda nacional, bravos Victorienses; vou partir para a guerra!

“ O brado da patria, tão vilmente ultrajada, echoou em meu peito.

“ As atrocidades praticadas pelo mais requintado canibalismo, que o mundo já viu, transpôz-se ao natural acanhamento do meu sexo, e me apresentei—Voluntaria da Patria—para no campo da honra debellar essas hordas de infames Paraguayos, que tão ousadamente profanaram o solo Brasileiro, manchando o brilho de duas fulgurantes estrellas do imperio da Santa Cruz, nossa cara patria.

“ Caros patricios, aqui me acho entre vós, fazendo a minha despedida.

“ Sigo para a guerra com animo varonil, incorporada a milhares de bravos, que marcham impavidos ao campo da honra, com o primeiro cidadão, o melhor dos monarchas á sua frente.

“ Sim, Victorienses ! Marianna é hoje um soldado da patria : impavida marcha para uma campanha longinqua, superior ás suas forças ; farei e espero vencer as suas difficuldades : tenho vontade, firmeza e resignação para encarar qualquer perigo.

“ Tereis noticia de que, sem dezar de minha dignidade, tenho sabido cumprir as obrigações de soldado.

“ Adeus, Victorienses ! adeus, briosa corporação da guarda nacional ! ”

A sua chegada na cidade do Recife foi assim descripta pelo *Diario de Pernambuco* de 11 de Outubro de 1865 :

“ Hontem, por volta das 8 horas da noite, chegou a esta cidade a companhia de voluntarios, organizada na Victoria, vindo-lhe aggregada a joven D. Marianna Amalia do Rego Barreto, que se destina ao serviço do hospital de sangue no campo da batalha.

“ Havendo sciencia prévia de que chegariam estes bravos sem falta hontem, logo pela tarde pôz-se esta cidade em movimento de especção, a fim de ver aquella mulher heroica, que sem attenção á commodos, vencendo a fragilidade feminina, deixa a familia para ir aligeirar com seus cuidados os soffrimentos dos bravos que tudo dão pela patria.

“ No trajecto da rua Imperial, onde a aguardava o 5.º corpo de voluntarios, de que faz parte aquella companhia, até o palacio da presidencia, foi ella acompanhada por um numero superior á duas mil pessoas; e já no mesmo palacio a tinha precedido a joven D. Marianna, em companhia do Snr. Coronel Tiburtino Pinto d’Almeida, a cujos esforços se deve em grande parte a aquisição d’essa companhia de voluntarios.

“ Em frente de palacio, á cuja varanda achava-se aquella joven a par do Exm. Snr. presidente, ergueram-se pelo povo diferentes vivas; e a estes accrescentou S. Exc. outros a S. M. o Imperador, aos briosos Pernambucanos e aos voluntarios da Victoria, os quaes foram cobertos pelos sons do hymno nacional e voz em applauso de todo o povo alli reunido.

“ Após esta manifestação de apreço pelo que é grande e nobre, desfillou d’alli o 5.º corpo de voluntarios, ficando em palacio a joven Marianna.”

O povo desta cidade, em delirio saudou a nobre voluntaria, que movida pelo amor da patria e de seus irmãos, dispunha-se a acompanhal-os ao campo da guerra e lá dedicar se aos serviços do hospital de sangue.

O seu retrato espalhou-se por toda a provincia e em honra sua deu-se um spectaculo no theatro de Santa Isabel.

Eis como descreve esta festa o *Diario* de 13 de Outubro do mesmo anno:

“ Como haviamol-o dito, assistiu na quarta-feira ao spectaculo do Santa Isabel, da tribuna da presidencia, á voluntaria Pernambucana D. Marianna Amalia do Rego Barreto.

“ A sciencia de que ella estaria presente áquelle spectaculo, encheu-se a casa litteralmente, e ahi testemunhou-lhe o nosso publico a sua admiração, dando-lhe provas evidentes de seu apreço e por differentes modos.

“ Houve a recitação de uma poesia enthusias-tica por um inoço academico, que acha-se alistado como voluntario da patria; e um bello ramallete de cravos foi offertado á voluntaria da parte do digno emprezario, que sempre se associa ao que é nobre e elevado. ”

O bello exemplo de Marianna Amalia foi imitado por uma menina de 14 para 16 annos, do Bonito, que tambem se apresentou como voluntaria, acompanhada de seu pai e de um tio.

Mas, ambas estas dignas Pernambucanas voltaram aos seus lares, em virtude da deliberação do governo geral, que agradeceu-lhes os serviços.

Marianna Amalia do Rego Barreto é filha do capitão Joaquim Pedro do Rego Barreto e nasceu na cidade da Victoria no dia 17 de Janeiro de 1846. E' sobrinha do Tenente-coronel Manoel Joaquim do Rego e Albuquerque e prima do Visconde da Boa-Vista.



D. Joanna Tiburtina da Silva Lins — D. Maria Heraclia d'Azevedo —
D. Anna Alexandrina Cavalcanti de Albuquerque — D. Francisca Izidora Gonçalves da Rocha

“ A educação da mulher é incontestavelmente a base da educação nacional. ”

MAYTIM FRANCISCO—*Disc. na Ass. Ger. na sess. de 19 de Abril de 1879.*

Fecha a nossa galeria de Pernambucanas Illustres o grupo intelligente e esperançoso das nossas poetisas e escriptoras contemporaneas.

Fadada para desempenhar na terra u'a missão sublime e quasi providencial, a mulher, erguida pelo christianismo, tem imprescindivel necessidade de se illustrar, de ornar-se com as galas da sciencia para tornar-se apta ao cumprimento de seu fim quasi divino.

Não nos preoccupa a sua tão fallada emancipação, porque não a consideramos escrava, não a queremos figurando na scena politica de envolta com as agitações dos comicios, queremos-a no seu throno no lar domestico, mas queremos-a

juntando á sua realleza de amor, de bondade e de doçura, a realleza não menos bella da sciencia, da illustração.

Aos seus encantos naturaes para que não juntar a grinalda enebriante do saber, os dons preciosos de Minerva?

A belleza que reside nos campos matisados de flores, no firmamento recamado de estrellas, no oceano com suas ondas encapelladas, á semelhança de melenas a fluctuar em seu dorso, a belleza, enfim, que resumbra á face de todo o universo, tem na mulher o seu verdadeiro typo.

Ella encerra em si o conjuncto das bellezas physicas e moraes.

Seu corpo esbelto e gracioso, suas formas correctas e harmoniosas, a magestade de seu talhe, a elegancia de suas maneiras, a singeleza de suas feições, nos apresentam o perfeito e bem acabado typo da belleza physica; sua alma pura e cheia de perfumes, seu peito innocente e cheio de encantos, seu coração sentimental e todo ternura, todo amor, todo bondade, eis o verdadeiro typo da belleza moral.

E para que deixal-a obscurecida pela nuvem da ignorancia, para que não augmentar-lhe os dotes, de que lhe foi prodiga a natureza, com as luzes da instrucção? Como não será productivo este consorcio sublime da belleza e da sciencia, como não será salutar á sociedade ver a magnanimidade de su'alma, transparecendo á luz do saber? Como não serão beneficos os fructos deste espirito illustrado e deste coração sentimental?

“E' dos pensamentos, disse-o una voz do nosso parlamento, é das idéas que nossas mães infiltra-

ram no nosso espirito e no nosso coração, que se aperfeiçoa e aprimora a aptidão que mais tarde desenvolvemos para sermos bons pais de familia e bons cidadãos.” E se isto é uma verdade incontestavel, se nós a queremos rodeiada de seus filhos, para os quaes a primeira e mais utíl educadora se seus preceitos plantados com as caricias maternas nos espiritos infantis são as mais fagueiras esperanças para a sociedade, se d’elles muito depende a felicidade social, para que, egoistas, não damos-lhe os meios necessarios, para que não premunimol-a com o facho da sciencia, para que não illuminamol-a com as luzes da instrucção?

Não a queremos de envolta com as agitações das praças publicas, já o dissemos, mas queremos-a sabia e illustrada na placidez do lar domestico.

“ Não comprehendo, em circumstancias ordinarias, disse-o alguém, a mulher em um comicio eleitoral, ou em uma praça de commercio. Nos grandes momentos, D. Ólara, com arco e setta, Joanna d’Arc, a cavallo, Théroigne, no club dos jacobinos, Carlota, com o punhal ensanguentado na mão — isto sim, comprehendo: é a mulher, como o Brenno da civilisação, atirando nos momentos criticos o seu coração na balança.”

Mas, passadas estas crises sociaes, a sua missão é mais santa, é mais nobre, é mais civilisadora.

O Brasil, contando apenas alguns annos de existencia, já se póde desvanecer de possuir na historia mulheres admiraveis, que á semelhança das nobres matronas da Grecia e de Roma, e dos diversos povos antigos e modernos, brilharam no

céo esplendido das armas, das lettras e das virtudes.

Aqui vel-a-heis, inflammada pelo sacrosanto fogo do amor da patria, arrojarse ao meio dos combates, e como Mlle. de la Charce e sua familia, sendo poderoso auxiliar para expellir os inimigos de seu paiz ; alli vel-a-heis qual Heloisa, sacrificando-se ao puro sentimento do amor ; além vel-a-heis, depositaria como as antigas Vestaes do fogo sagrado, da inspiração divina, do sentimentalismo puro, tomar o lugar que lhe compete nas lettras, nas artes e nas sciencias ; vel-a-heis modulando a estrophe apaixonada e arrebatadora da poesia, da poesia sobretudo, que é a melhor interprete dos acordes de sua alma, das expansões do seu sentir, das brilhantes visões de sua phantasia.

Ornemos as ultimas paginas deste livro com os nomes e producções de algumas Pernambucanas, que á força de seu espirito intelligente tem se libertado por si proprias, sem incentivos, sem emulações, sem mentores, das trevas a que infelizmente se acham votadas as Brasileiras.

Não lhes falta como a Delfina da Cunha a luz dos olhos, mas como ella, as poetisas Pernambucanas parecem dizer :

“ Tudo careço, porque a luz é tudo ;
Dai-me a luz... dai-me a luz ; em vão vos peço. ”

* *
* *

D. Joanna Tiburtina da Silva Lins nasceu em Pernambuco, filha de um pobre e honrado artista que já hoje não existe.

A sua mocidade foi misturada de sorrisos e lagrimas, de esperanças e desillusões. Acariciada por seu pai que a idolatrava, ella sorria; mas asphixiada pela pobreza do artista, ambos choravam; embevecida nas expansões de seu talento, ella esperava, antevendo a atmosphera em que na nossa terra vive a mulher, meditando no impossivel, que não podiam vencer, ambos descriam.

E porque seu pai tambem não sorria, porque tambem não esperava? Ah! porque já havia desaparecido de sua alma a fonte dos prazeres ao choque das contrariedades, porque a aurora de sua existencia, dos sonhos e das illusões já havia passado, e o anoitecer da vida do artista é sempre triste, pois que foi-se-lhe a mocidade, a força, a esperança e nada lhe resta para garantir o futuro de seus filhos.

Joanna Tiburtina, dotada pela natureza de intelligencia, de imaginação e de sentimentalismo, triplice diadema da poetisa, arrojava-se a saborear a limpha clara da Castalia e de Aganippe e a colher as flores odoríferas que vicejam do Parnaso; mas quasi sempre se nota em suas poesias uma queixa contra o impossivel que lhe privava de cultivar os genios, contra a sorte que a obrigava a permanecer em uma esphera, bem differente da que desejava.

Para prova do que dissemos, leiamos a seguinte poesia, que intitidou—*Meus sonhos*,—nome que deu a um bellissimo volume de versos, publicado em 1870.

E' ella dedicada a seu pai.

Se o futuro atirar-me algumas palmas
As palmas do cantor, são todas tuas!

CASIMIRO DE ABREU.

Eis meus sonhos gentis, eis minhas horas
De doce inspiração!

Eis os sorrisos, os crueis agrores
D'um triste coração!

Notas sem arte, que no ardor da scisma
Soltou meu peito um dia,
Não tem elles a luz dos grandes genios,
Não tem maga harmonia.

Flores crestadas com o soprar do vento
De atroz contrariedade,
Exprimem as descrenças prematuras
De minha mocidade.

Transumptos de um viver que se alimenta
De tristes illusões,
São os fidos e ternos companheiros
De minhas solidões.

Crestados como são com o sopro ardente
Do fatal impossivel,
Mal podem exprimir um sentimento
Sublime, indefinivel!

Dóe muito ver tão brilhante vocação, tão decidida aspiração ao bello, asphixiada pelas contrariedades e falta de recursos; dóe muito ver a queda das illusões, o emmurcheçar das esperanças. Bem diz ella:

“Dóe muito ver o dissipar-se ao longe
A nuvem branca, que sorrindo vem.”

D. Joanna Tiburtina foi uma das mais assiduas e inteligentes collaboradoras da *Madresilva*, jornal academico, publicado nesta cidade de 1869 a 1870, sob os auspicios do Dr. Aprigio Guimarães. Foi ahí que ella, vencendo a sua natural modestia, publicou as suas primeiras produções, os primeiros tentamens de seu genio poetico.

Attentos os dotes de seu espirito, a força da sua imaginação, a singeleza da sua expressão, a harmonia do seu rithmo, qualidades estas que caracterisam a poesia do coração, a verdadeira poesia, alguns redactores da *Madresilva* fizeram uma *nobre violencia* á sua modestia de moça e de poetisa novel, e enriqueceram o cofre das letras patrias com um bellissimo volume de suas poesias, a que intitolou *Meus Sonhos*.

“Occultando-se á sombra da modestia, que lhe perfuma a alma candida, dizem os editores de suas poesias, esquecia-se a timida poetisa que a violeta, por mais que se esconda no emmaranhado dos bosques, é sempre trahida por seu brando e suave aroma, que ensina á menina gentil onde ella desbrocha, e a deve colher para enfeitar suas madeixas!

“Desde que lemos alguns dos seus preciosos versos, tão ternos e suaves como os doces sons da linda serenata de Schubert, sentimos os desejos, que hoje se realisam com esta publicação, facilitando assim momentos de indizível gozo a todos os que sabem apreciar os magos encantos da poesia.”

Que thesouro precioso encerra este volume, que fonte rica de inspiração, que receptaculo de confidencias de um coração de mulher!....

Difficil se torna escolhermos uma flor d'entre tantas, uma perola d'entre mil! Ahi vicejam os pallidos goivos, as singelas açucenas, as timidas violetas, as inebriantes rosas, e os candidos jasmims! Ahi se occultam os rubins, as saphyras, as esmeraldas e os brilhantes.

Vejamos ao acaso alguma dellas!

A *Virtude*, por exemplo:

Os prazeres da vida se extinguem,
Os sorrisos transformam-se em prantos;
Só a santa virtude viceja
Lindas flores de gratos encantos.

Se as tormentas opprimem o peito,
Se a desgraça na vida resurge,
Inda assim a virtude é mais bella,
Mais formoso seu brilho refulge.

De que valem soberbos trophéos,
Se a virtude não orna a nobreza!
Quando ausente essa deusa reside,
Fogem galas, brazões e riqueza.

Só é ella quem traz a ventura,
Quem resiste aos horrores da morte!
A virtude é o grato santelmo,
Que nos livra dos transes da sorte.

A par de grande simplicidade e de uma melodia que deleita, encontra-se nesta poesia a verda-

deira noção da virtude, que se realça na medida das provações.

Ha portanto nella o bello moral e o bello artificial. E' um verdadeiro fructo de um espirito de mulher.

E nada mais transcrevemos, porque então aqui incluiríamos—*Meu desejo, Contraste, Ultimo canto, Anhelos, Tu e eu, Maldição, Madresilva, Quando eu morrer*; após estas citariamos as suas traducções *A borboleta* de Lamartine, *A folha* de Arnault e *A queda das folhas* de Millevoeye; e terminariamos com o bello acrostico a Nunes Machado e a magestosa poesia a Abreu e Lima, de quem ella disse:

“ Elle que fôra para um povo inteiro
Um escudo, com a fé de seu saber!....
Eis a sorte do sabio! té na morte
O martyrio soffrer!”

D. Joanna Tiburtina, tendo perdido seus pais, matriculou-se na Escola Normal e hoje é professora de instrucção primaria em Nossa Senhora do O' de Ipojuca.

Consta-nos que tem escripto um trabalho ácerca do *ensino mixto*.

São estas as poucas informações que nos foi possivel alcançar da illustre poetisa.

* * *

Seja-nos permittido dizer agora algumas palavras sobre a poetisa D. Maria Heraclia de Azevedo.

Filha do Sr. Virissimo de Azevedo, nasceu na cidade do Recife.

A sua instrucção foi simples, pois que os meios de que dispunha seu pai não lhe permittiam dar outra: mesmo assim o talento de que era dotada, manifestou-se entusiasta e esperançoso.

O diamante entregue ás mãos habéis do artista, transforma-se no brilhante e augmenta consideravelmente de valor, mas se esquecido permanece em sua fórma primitiva, nem por isso deixa de ser uma pedra preciosa: assim é o talento; se é devidamente cultivado, brilha admiravelmente, mas se como o diamante jaz em sua fórma primitiva, nem por isso deixa de ser apreciavel.

Tal succedeu com a poetisa de que nos occupamos. A natureza para ella foi tudo, a instrucção foi quasi nada.

Permaneceu por algum tempo na obscuridade, mas ao appello nobre de alguns moços que criaram o jornal *Madresilva*, consagrado ás senhoras, D. Maria Heraclia appareceu na imprensa e ensaiou os seus primeiros vôos.

Ahi se encontram as suas bellissimas poesias—*Scepticismo*, *Silencio*, *Esperanças mortas* e *Devaneio*, que bem revelam o genio poetico de sua autora.

A tristeza é sempre a sua companheira inseparavel, a sua dedicada amiga, a sua irmã; todas as suas composições tem um quê de sentimental e terno que bem manifestam os thesouros do seu coração.

O *Scepticismo* tem bellezas como estas:

“ Qu'importam lagrimas de saudade infinda,
 Se o amor traz maguas e amarguras tantas ;
 Qu'importam juras, se mentidas todas,
 Insultam, mancham nossas almas santas !

Tudo se acaba ! . . . e se esvace a vida
 Como a florzinha que se esfolha ao vento ;
 Amor é menos que uma flor que murcha,
 A vida é menos do que um somno lento ! ”

D. Maria Heraclia, póde-se chamar a musa da tristeza, a musa da melancolia, e a nosso ver, este sentimento traduzido com uma delicadeza extrema, realça as flores de sua imaginação.

Diz ella nas *Noites da Poetisa* :

“ Dormem ! sósinha e assustada e tremula
 Desfolho o livro do cruel destino !
 Dormem ! eu choro, supplicando á Virgem
 Me cubra a fronte com seu véo divino ! ”

Como tocante as duas notas seguintes dos seus *Lamentos* :

“ Não peçam cantos a quem tem só maguas,
 Não peçam risos a quem soffre tanto. ”

E esta estrophe de suas *Confidencias* ?

“ Astro brilhante, magestosa lua,
 Que mil pezares me despertas n'alma,
 Oh não me deixes na tristeza immersa,
 E do meu peito o soffrimento acalma ! ”

Se a poesia é a eloquencia do sentimento, por certo que estas estrophes partidas do coração, podem se chamar verdadeiramente poesia.

D. Maria Heraclia tambem escreveu em prosa, e que prosa é a mesma poesia não sujeita á metrificacão, mas em todo caso cadenciada e melodiosa.

Vejam os alguns trechos de seu bello artigo *A poetisa*:

.....
 “Depois de um profundo deliquio desperta e escreve

“Scismando, deixa cahir a penna, e pousando a face sobre a dextra, uma lagrima, que brilha em seus olhos, vai regar as flores de sua imaginacão ardente e delirante.

“Martyrios e sempre martyrios antevê; e de envolta com esses presentimentos funestos a imagem risonha do amor vem ainda por um momento esparzir perolas sobre aquellas estrophes mysteriosas, transidas de amargura e orvalhadas de prantos!

.....
 “E a poetisa, altiva sempre, vai passar da vida illusoria á vida real; abraçada com a sua companheira inseparavel—a tristeza—vai dormir á sombra do cypreste, enlouquecida, e como o cysne disfere o ultimo canto, o adeos extremo . . . e assim termina sua missão triste e sublime.”

São estes os fructos de um coração feminino, aqui não ha o fel do desespero, ha apenas queixas sentidas, bafejadas pelo heroismo da resignacão!

D. Maria Heraclia foi tambem collaboradora

do jornal *A Mulher* e ali publicou a poesia *Vi-
são no tumulto*, e em 1875 foi redactora e proprie-
taria do *Myosotis*, jornal consagrado ás senhoras.

*
* *

Na brilhante constellação das poetisas Pernam-
bucanas, divisa-se a radiante estrella que se chama
Anna Alexandrina Cavalcanti d'Albuquerque.

O vivo luzir de seu genio poetico rompe a im-
mensa camada de nuvens que em nossa terra cer-
ca o viver da mulher e expande em nossas almas
a luz benefica da inspiração e da poesia.

Intelligencia activa e vigorosa, que pena que
não floresça, vivificada pelas gottas do orvalho da
instrucção e pelos raios do sol da sciencia ; que
pena que seja em nossa patria, pobre flor sem cul-
tura e sem desvelos ; que pena que não receba os
bafijos da brisa, que no mundo das letras se cha-
ma incentivo ? !

Lêde alguns topicos de uma carta que nos fez
a honra de dirigir, acompanhando a sua primeira
composição poetica, a primeira flosinha de sua
imaginação ; lêde, e dizei nos se não é realmente
para sentir, que tão bella intelligencia viva atada
ao rochedo dos inuteis preconceitos, sem cultura,
sem animação, novo Prometheu preso ao Caucaso
da indifferença e do desprezo. Eil-os :

“ Pede-me o Snr. uma poesia para juntar a uma
noticia sobre a autora. Satisfaço-lhe o desejo, mas
pergunto-lhe, o que vale a minha poesia, essa sin-
gela concepção do meu inculto espirito?

“ E o que tem o Snr. a dizer da autora?

“ O que vale a mim ouvir de labios philosophos

e sabios, o ultimo grito do genio mais fecundo da Allemanha?.....

“ Ah! Senhor, quando espiritos fortes e illustrados muitas vezes baqueam, sem ao menos completarem o apparatuso pensamento de Balzac, como não baquearei eu que por minha inculta intelligencia e fraqueza intellectual sou, como phariseu, expulsa do templo da sciencia, onde a par de Ariosto e Tasso vem sentar-se Sapho, a suicida, e a par de Petrarcha, a doce Alcipe, a Hypocrene de Filinto Elisio ?

“ Quantas vezes, no silencio do meu quarto, a sós comigo, tento synthetisar as ideias que se atropelão em meu cerebro, e tornal-as sensiveis sem poder conseguil-o nunca! E' que os caminhos da sciencia são-me defezos, minha imaginação abraçada quer devassal-os e não póde.

“ Aguia imbelle a quem cortaram as azas, de balde intentas ensaiar teu vôo, jámais conseguirás te erguer. Debalde fitas teu olhar prescrutador na immensidade, desejando conhecer-lhe os segredos, de balde! Diante da tua aspiração está o impossivel.....

.....

“ Para a mulher é ainda hoje muito difficil alçar o vôo, graças porém aos alicerces do seculo XVIII, lançados no mundo por J. J. Rousseau, Voltaire....., já á voz de Stuart Mill e outros talentos, vai cahindo por terra o anomalo pensamento de Mme. de Pompadour, que “ a mulher só deve enfeitar-se e ataviar-se para parecer bonita.” Não será porem ainda neste seculo que a mulher poderá se hombraear com o homem no banquete da sciencia; mas surgirá emfim a au-

rorra da redempção, e illuminada pelo clarão ridente dessa luz divina, a sciencia, se precipitará com mais força no caminho do progresso. Dispase o homem do seu injusto egoismo, erga a mulher até si, sente-se com ella á mesa do estudo, e muitos d'elles deverão a essa meiga alliada, que tudo cede ao que ama, o seu lugar no pantheon da historia.

“ Eu disse que lhe satisfazia o pedido que me fez, mando-lhe pois uma poesia, a primeira que compuz, primeiro canto que meus tremulos e medrosos dedos arrancaram da lyra, primeira expansão d'uma alma ardente e entusiasta n'um arroubo apaixonado. Eu tinha então a minha fronte cingida pela grinalda eternamente poetica dos quinze annos: em torno de mim tudo era luz e perfume, meus labios só sabiam rir e cantar, meu coração só sabia erer e amar. Cada inverno que passa leva-nos um sonho risonho, uma crença cõr de rosa, e assim se esgota o cofre das illusões.

“ Eu cheguei ao outomno da existencia, sem que meus pés se tivessem dilacerado nas urses dos caminhos difficeis, sem que minha tez se tivesse queimado ao calor das lagrimas; porém, naturalmente fraca, cheguei cançada, e o que hoje sem inspiração escrevo para me distrahir, é tudo frio e pállido como a alma que me anima.

“ Nessa primeira poesia vejo-me a criança feliz e amorosa, e nas outras a mulher de frente pensadora, olhar frio e riso sem expressão. A mulher por consequinte nada lhe manda, contente-se com o presente da criança.”

.....

Eis a poesia :

O que mais queres !...

Dou-te o meu coração cheio de enlevos,
As esp'ranças replectas de fulgores,
D'um futuro sonhado côr de rosa,
O que mais posso dar-te, meus amores ? !....

Ah ! dou-te os sentimentos de minh'alma,
As minhas illusões ainda em flores,
Um peito que transborda de ternura,
O que mais posso dar-te, meus amores ? !....

Dou-te mais esta vida que só prezo
Se partilhas comigo os dissabores,
As glorias e venturas deste mundo,
O que mais posso dar-te, meus amores ? !....

Dou-te tudo, oh ! querido de minh'alma,
P'ra merecer um só dos teus favores,
Alma e vida contente sacrificio,
O que mais posso dar-te, meus amores ? !....

Nasceu esta distincta poetisa no engenho *Tamataúpe de Flores* da comarca de Nazareth, filha do Tetente-coronel Joaquim Cavalcante de Albuquerque, já fallecido, e sua mulher D. Alexandrina Cavalcante de Albuquerque. Recebeu uma educação rudimentar, a unica que em geral recebem as senhoras Brasileiras, no collegio *Villa Secca*.

Na quadra florida das illusões, D. Anna Alexandrina vasou seu coração nas estrophes de bel-

los cantos; mas veio um dia em que o desengano varreu-lhe d'alma as crenças da primeira idade, e ella em delirio destruiu as paginas de suas apaixonadas confidencias, de seus sonhos de criança. Entregou ás chammas um volume de poesias, e com elle todas as suas chimeras!

Apesar disto, D. Anna Alexandrina não se esqueceu das musas e na *Lucta*, no *Ensaio*, no *Correio da Noite* vicejam as flores mimosas de sua inspiração.

Já que mencionamos nesta noticia a sua primeira poesia, seja-nos permittido finalizar com a ultima, que até hoje escreveu.

Transcrevemol-a do *Jornal do Aracajú*, que a precedeu de algumas palavras encomiasticas.

Eil-a :

● negro

Desce a noite sombria do horisonte,
Enrolando o universo em negro véo,
Uma a uma as estrellas vão fulgindo,
Quaes pyrilampos, pelo azul do céo.

Do sacro bronze a voz inspiradora,
Pelo espaço resôa mollemente,
A brisa do crepusculo pela relva,
Travessa se espreguiça docemente.

O canario no ninho já pousado,
Conchega-se á consorte pipilando,
E passando-lhe o bico n'aurea pluma,
Vai endechas de amor lhe murmurando.

A viração da noite vai frisando
Do lago de saphyra a face lisa,
Além, sob o alpendre d'uma choça
Um grupo de dois seres se divisa.

São victimas da ambição e tyrannia,
Seres livres que os homens algemaram,
No viço da existencia, dous escravos
Que no mesmo regaço se embalaram.

O negro, qual carvalho secular,
Levanta o fusto forte e vigoroso,
Ampara a fraca irmã no braço herculeo,
Conchega-a ao peito com desvelo ancioso.

Senta-a nos joelhos lhe animando a face,
Pousa-lhe os braços sobre o collo nú,
Contempla-a triste, e lá no imo d'alma
Diz: "pobrezinha, não rirás mais tu?"

Tão joven !... quando a aurora da existencia
Resplende divinal na tua frente !...
Quando ainda a virginea adolescencia
Perfuma os lyrios da tu'alma insonte !...

Tão bella !... quem já teve do teu rosto
A doçura tocante, a placidez ?...
Quem já teve a meiguice dos teus olnos,
Quem já teve o setim da tua tez ?

Quem já teve o langor dos teus olhares
Nos extasis sublimes da oração ?...
Quem na phrase exprimiu tanta innocencia,
Quem teve mais amor no coração ?

Ninguém, e no entanto a tyrannia
Na frente te imprimiu a marca infame :
O branco manda ao negro que não pense,
O branco manda ao negro que não ame.

Despota !... ao coração e ao pensamento
Arreimessa o grilhão negro, aviltante !
Eu vingança porém peço ao futuro,
Na expressão de Goete agonisante !

E além, entre as brumas do horisonte,
Um ponto luminoso vai surgindo,
E' a civ'lição, que altiva e ousada,
Nas trevas da ignorancia avança rindo.

Caminha, avança, aurora redemptora,
Da America nos turvos horisontes !
Que este seculo ainda possa ver a luz
Da remissão fulgir em vossas frentes !

E estreitando o negro o debil corpo
Da irmã querida, seu amor mais puro,
Fitou o céu de estrellas recamado,
Pendeu a frente e murmurou : Futuro !

*
* *

Reservamos para o final deste livro uma verdadeira surpresa aos seus leitores.

Quem d'entre vós, já ouviu fallar na distincta poetisa e escriptora D. Francisca Izidora Gonçalves da Rocha ? Quem já teve o prazer de ler algumas de suas preciosas composições ?

Bem digna por certo de figurar no mundo das

letras, a par da illustre fluminense Narcisa Amalia, ella prefere imitar os lyrios que circumdão a sua habitação campestre, e como elles contenta-se em perfumar e enfeitar seu querido lar, onde reside o prazer e a innocencia. N'isto cifram-se todas as suas aspirações, todos os seus anhelos.

Timida e esquiva evitou sempre a luz da publicidade, e foi fazendo violencia á sua modestia, que temos o prazer de transcrever aqui duas de suas mimosas poesias.

Será tyrannia trazer á tona d'agua a perola mergulhada em mares de excessiva modestia? Será crueldade transplantar para o meio das cidades a timida violeta que se occultava nos campos e nos valles?

Pois bem, seremos tyranno, seremos cruel: mas resta-nos a satisfação de termos deslumbrado os olhos curiosos com uma preciosidade da natureza, resta-nos a satisfação de termos enriquecido o cofre das letras patrias com joias de inexcedivel valor!

Vejamos a distincta poetisa como descreve uma *Scena campestre*, tão cheia de bellezas encantadoras, de quadros singelos, de lindas paisagens, e formosos attractivos!

Bem razão tem ella de amar a obscuridade do lar, a placidez do campo, e de só querer entoar seus ternos cantos em concerto com as aves dos nossos bosques.

Em doirados salões, ao som da orchestra,
Entre harmonias, perennal rumor,
Mortal veneno nos corrompe as crenças...
E' só no campo, que se encontra o amor!

Era ao cahir da tarde.—Eu divagava
A' margem de um regato crystalino,
E as auras perpassando pelos balsas,
Vinham cheirosas modulando um hymno.

Gentil cabana divisei ao longe,
Como um berço florido dos amores. . . .
E o cafeiro, com seus fructos rozeos,
Juncava a relva de alvacentas flores.

Alem a roça, o cannavial espesso,
Como um verde lençol cobria o prado ;
Uma planta de fumo no terreiro,
Parasitas azues sobre o telhado.

Rosas, mangiricão e bananeiras,
A par dos bem-me-queres vicejavam,
E a fresca sombra do angazeiro curvo
Diamantinas cascatas borbulhavam.

Rosa habitava alli, por entre as selvas,
—Rosinha— a fada desses prados bellos. . . .
Saia de chita, cabeção de rendas
E um cravo branco occulto entre os cabellos.

Dirieis uma Driade erradía,
Astro banhado em divinaes fulgores ;
Ossian talvez sonhara assim Malvina. . . .
Riso nos labios e no seio amores.

Rosa estava sentada no batente
E no seu collo uma criança ria,
Tinha ao lado um balaio de costuras
E aos pés um cachorrinho que dormia.

Em pé na porta, prasenteiro e alegre,
Um camponez gentil—o esposo d'ella :
Olhos negros e crespos os cabellos
Molduravam-lhe a fronte altiva e bella.

Na campina—rosadas borboletas—
Duas lindas crianças, que brincavam,
Riam-se, e o riso de seus labios frescos
Repetiam-me as brisas que passavam.

Que scena bella ! que mimoso quadro !
Rubens pintando a vida á luz do amor !
O rio e as selvas murmurando threnos,
Em festa o campo, a natureza em flor !

A casa era pequena e tão bonita,
Coberta de sapé e trepadeiras
Crendo ser algum ninho em meio ás flores,
Pousavam nella as aves prasenteiras.

Sobre os galhos flexiveis dos salgueiros
Cantava a jurity canções saudosas
Juntava a voz ao murmurar da fonte
E ao cicciar d'aragem sobre as rosas.

Meu Deos ! quanta ventura n'este quadro,
E como ao coração falla de amores !
Que estrophes lindas de um poema d'oiro !
Que lindo prisma de animadas cores !

E'-nos impossivel transcrever a *Tarde de estio*,
a *Resignação*, *Heart Strings* e a bellissima *Para-*
phrase de Gæthe, que temos em nossas mãos ; lêia-
mos porém a *Ilha de Coral* :

Lá nas plagas de flocres e harmonias
 No seio azul da Polynesia linda,
 Aonde as auras embalando os sandalos
 Sacodem ramos de fragrancia infinda....

Onde as palmeiras no setim das nuvens
 Entrelaçam gentís frondes rendadas,
 E á lorangeira os rouxinós se aninham
 Cantando idylios nas manhãs doiradas;

N'um quadro bello sobre o mar pacifico,
 Como a gaivota em transparente lago,
 A ilha de Otaiti surge graciosa
 Sorrindo ás vagas no amoroso afago....

—Venus formada n'um frouxel d'espumas
 Da luz d'aurora em divinaes fulgores....
 Orna-lhe o cinto de coraes e perolas....
 No collo airoso desabrocham flores!....—

Lá onde a natureza é um poema
 E os céos estrophes scintillantes d'oiro....
 Um dia *Elles* chegaram como as aves,
 Que vôam lédas para um fructo loiro....

No declivio relvoso da floresta,
 Entre murtas, ao pé da cachoeira,
 Teceram de aloés uma cabana
 Ennastrada com folhas de amoreira.

A' sombra dos bambús passava Arinda
 No roseo labio o *narquilé* cheiroso....
 E entre as rendas da saia se mostrava
 Indiscreto e faceiro o pé mimoso....

Soltas as tranças perfumando a brisa,
 E o peito em ondas d'infantil prazer,
 Como a gazella do deserto Assyrio
 Innocente e gazil sempre a correr. . . .

Depois cançada, vacillante, tremula,
 —Borboleta de amor—molle, indolente,
 Ia do amante descençar nos braços,
 Bem como a estrella no sendal d'Oriente !

Que floridas canções pela espessura
 Entre rizos e amor cingindo a vida!
 Como era bello o pensativo poeta. . . .
 —Novo Rinaldo nos jardins de Armida !

.....
 De tarde, nas canôas d'insulares,
 Com bandeiras de juncos e plumagens,
 Corriam sobre as ondas do oceano
 A's vezes a pescar como os selvagens.

Que transportes de amor em doce enlevo !
 Que scena bella de risonhas cores !
 Eram dois genios que passavam rindo. . .
 —Na quadra festival mais dois cantores !

Agora confessai, não foi uma completa surpresa? Contaveis que se occultasse quem tem tamanha copia de merecimento litterario, quem se póde chamar com justiça—distincta poetisa?....

D. Francisca Izidora Gonçalves da Rocha é filha de Izidoro Gonçalves da Rocha, já fallecido e D. Francisca Herculana Gonçalves da Rocha. Nasceo no engenho *S. André* da comarca de Jaboatão, em Pernambuco. E' autora de um drama

lyrico, em tres actos—*A Filha dos Tupys*—do romance—*O sitio de Lysandro*—e de uma traducção de *Manfredo*, de Byron, ainda não publicados ; assim como de diversas producções em prosa e verso, que muito a honram.

São estas as nossas poetisas e escriptoras contemporaneas, ás quaes se vem juntar ainda D. Anna de Moraes, collaboradora da *Madresilva*, D. Maria Amelia de A. Barreto, collaboradora da *Mulher* e D. Anna Autran do *Myosotis*, das quaes só nos é dado citar os nomes.

Quantas aptidões despresadas, quantas intelligencias esquecidas!

Depois do que escrevemos, já podemos terminar, fazendo nossas as palavras de D. Anna de Moraes, de quem ha pouco fallamos:—“ Maravilha-me neste seculo em que se reconhece o adiantamento moral dos individnos, como a fonte de todo o progresso solido e desejavel, haver quem (e são tantos !) pretenda conservar a mulher neste longo estado de abatimento moral, que tem sido infelizmente sua partilha durante todos os tempos ; haver muito homem de talento, que recuse sua mão para erguel-a, e sua palavra para regeneral-a.

“ E não veem que a mulher é a metade da humanidade, dotada das mesmas faculdades e aptidões que o homem, e capaz de partilhar corajosamente as fadigas da crusada civilisadora.

“ E não veem que assim procedendo inutilisam os esforços da metade do genero humano.”

FIM

INDICE

| | |
|---|-----|
| Carta do Dr. Regueira Costa..... | 7 |
| I. D. Maria do Espirito-Santo Arco-Verde..... | 17 |
| II. D. Sancha Coutinho, a Marilia de Itamaracá.... | 26 |
| III. D. Maria de Souza..... | 42 |
| IV. A mulher de Luiz Barbalho Bezerra—D. Maria Pessoa—D. Brazia Bezerra Monteiro..... | 48 |
| V. D. Catharina Camello—D. Catharina Camello Sobrinha—D. Catharina Barreto—D. Felippa de Mello e Albuquerque—D. Isabel de Moura—D. Mencia de Moura—D. Magdalena—D. Sebastiana de Albuquerque..... | 52 |
| VI. D. Clara Camarão..... | 58 |
| VII. D. Beatriz de Albuquerque—D. Maria Barrosa—D. Adriana de Hollanda—A mãe dos irmãos Baptistas—A mãe dos irmãos Viannas..... | 64 |
| VIII. D. Antonia Bezerra—D. Isabel de Góes—D. Luiza de Oliveira..... | 69 |
| IX. As heroínas de Tejucupapo..... | 75 |
| X. D. Maria Cesar..... | 80 |
| XI. Maria da Rosa—As tres irmãs Isabel, Cosma e Luiza de Albuquerque—Beatriz de Jesus—Igniez de Albuquerque..... | 87 |
| XII. D. Rita Joanna de Souza..... | 95 |
| XIII. D. Lourença Tavares de Hollanda..... | 101 |
| XIV. D. Guiomar Nunes—D. Branca Figueiróa.... | 109 |
| XV. D. Barbara Pereira de Alencar..... | 115 |
| XVI. Clara Maria do Café Carvalhista..... | 124 |
| XVII. Anna Aurora de Jesus Ribeiro..... | 132 |
| XVIII. D. Alexandrina Francelina de Souza Marinho—e a autora do drama <i>Branca Dias dos Apipucos</i> | 139 |
| XIX. D. Maria Alexandrina Sá Barreto—D. Marianna Amalia do Rego Barreto..... | 149 |
| XX. D. Joanna Tiburtina da Silva Lins—D. Maria Heraclia de Azevedo—D. Anna Alexandrina Cavalcanti de Albuquerque—D. Francisca Izidora Gonçalves da Rocha..... | 158 |

ST/0315





